

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HETIENNE JULIANI PONTES DE AGUIAR

ECOTURISMO E TRADIÇÃO CULTURAL QUILOMBOLA: ANÁLISE SOBRE AS
INFLUÊNCIAS DO TURISMO NO PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO NAS
COMUNIDADES DE IVAPORUNDUVA E SAPATU (ELDORADO/SÃO
PAULO/BRASIL)

CURITIBA

2017

HETIENNE JULIANI PONTES DE AGUIAR

ECOTURISMO E TRADIÇÃO CULTURAL QUILOMBOLA: ANÁLISE SOBRE AS
INFLUÊNCIAS DO TURISMO NO PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO NAS
COMUNIDADES DE IVAPORUNDUVA E SAPATU(ELDORADO/SÃO
PAULO/BRASIL)

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Geografia, no
Curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de
Ciências da Terra, da Universidade Federal do
Paraná

Orientador: Prof. Dr. Miguel Bahl

CURITIBA

2017

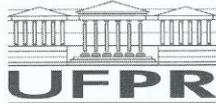
AG282e Aguiar, Helienne Juliani Pontes de
 Ecoturismo e tradição cultural quilombola: análise sobre as Influências do
 turismo no Parque Estadual Caverna do Diabo nas comunidades de
 Ivaporunduva e Sapatu (Eldorado/São Paulo/Brasil) / Helienne Juliani Pontes
 de Aguiar. – Curitiba, 2017.
 117 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

Orientador: Miguel Bahi.

1. Parque Estadual Caverna do Diabo. 2. Comunidades quilombolas.
3. Ecoturismo. 4. Geografia cultural. I. Universidade Federal do Paraná.
II. Bahi, Miguel. III. Título.

CDD: 307.72



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS DA TERRA
Programa de Pós-Graduação GEOGRAFIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de HETIENNI JULIANE PONTES DE AGUIAR intitulada: **ECOTURISMO E TRADIÇÃO CULTURAL QUILOMBOLA: ANÁLISE SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO TURISMO NO PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO NAS COMUNIDADES DE IVAPORUNDUVA E SAPATU**., após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

Curitiba, 24 de Abril de 2017.

MIGUEL BAHL

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

SILVANA DO ROCIO DE SOUZA

Avaliador Externo (UFPR)

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHÉ

Avaliador Externo (UFPR)

OBS: este documento é válido por sessenta dias a contar da data.

Dedico

À minha família pelo amor incondicional, dedicação e compreensão e, em especial, à minha filha Martina, que em breve virá ao mundo, mas que ainda em meu ventre me deu forças para seguir até o final.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pela vida e por estar sempre ao meu lado, me protegendo, iluminando e abençoando minha caminhada.

Ao meu marido, *Fabricio*, que me apoiou, incentivou, acompanhou e compreendeu durante todo o período do mestrado, demonstrando sempre muito amor, carinho e paciência nos bons momentos e naqueles mais difíceis.

Aos meus pais, *Julio* e *Erlinda*, por todo amor que direcionam a mim, pela luta e dedicação para a minha formação, nunca medindo esforços em prol da minha felicidade.

Às minhas irmãs *Helen* e *Hemmile* que sempre representaram para mim um exemplo de coragem, responsabilidade e perseverança em todos os âmbitos da vida. Estendo a suas famílias (que também são minhas) em nome do meu sobrinho e afilhado Caio que há cerca de 8 anos despertou em mim um amor que preenche cada dia mais o meu coração.

A todos os *professores* que fizeram parte da minha formação, da educação infantil ao mestrado. Em especial, agradeço ao meu orientador, professor Dr. *Miguel Bahl*, que soube me mostrar caminhos de maneira leve e carinhosa, ensinando que pesquisar é preciso, mas viver bem a vida é muito mais importante.

Aos *amigos* que o mestrado me deu e que continuarão fazendo parte da minha história. Em particular, à querida *Thaísa* que se foi precocemente e deixou muita saudade, mas que agora brilha no céu e olha por nós.

Aos funcionários do *Programa de Pós-Graduação em Geografia*, por todo suporte dado durante o mestrado

A *CAPES*, por viabilizar a realização da minha pesquisa.

A todos os envolvidos com o *Parque Estadual Caverna do Diabo*, em especial ao *Josenei*, com quem trabalhei por 4 anos e que, além de gestor (na época) e excelente profissional, se transformou em um grande amigo.

Aos profissionais da *Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado*, pelo trabalho que desenvolvem em prol do turismo no município.

Aos moradores das comunidades quilombolas de *Ivaporunduva* e *Sapatu*, que muito me auxiliaram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que fazem ou em algum momento fizeram parte da minha jornada, tenham a certeza de que, de algum modo, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

O município de Eldorado, localizado no Vale do Ribeira, região sul do estado de São Paulo, teve sua origem por meio da busca pelo ouro, fato que envolveu um grande número de escravos para o desenvolvimento do trabalho e conseqüentemente resultou na formação de diversos quilombos, tanto que em 2017, o município possuía a maior concentração de comunidades quilombolas do estado de São Paulo. Além da riqueza histórica e cultural dos quilombos, Eldorado apresentava a maior parte de seu território coberta por Mata Atlântica, o que propiciou a criação de diversas unidades de conservação, dentre as quais se encontra o Parque Estadual Caverna do Diabo, cujo núcleo, voltado a atividades turísticas, localizava-se no município. Os residentes das comunidades quilombolas de Ivaporunduva e Sapatu estavam ligados ao parque de diversas maneiras, sendo uma delas, o serviço relacionado ao ecoturismo que se dava através da Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado, uma vez que esse acompanhamento era obrigatório para a visita ao principal atrativo do parque, a Caverna do Diabo. Entendendo a relevância na relação entre os quilombolas e a unidade de conservação, bem como a importância da cultura quilombola, esta pesquisa se utilizou de conceitos da geografia cultural para analisar as atividades relacionadas ao ecoturismo desenvolvidas pelos monitores ambientais no parque, e a relação dessas com as tradições culturais quilombolas. Assim, buscou-se compreender se o turismo na unidade de conservação poderia influenciar para o fortalecimento das tradições culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu. Para o desenvolvimento desta dissertação, que teve uma metodologia baseada na abordagem fenomenológica, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre as categorias de análise geográfica, lugar e território, bem como cultura, identidade étnica, comunidades tradicionais, ecoturismo, relação entre turismo e patrimônio cultural.

Palavras-chave: Parque Estadual Caverna do Diabo. Comunidades quilombolas. Ecoturismo. Geografia Cultural.

ABSTRACT

The municipality of Eldorado, located in the Vale do Ribeira, south region of the state of Sao Paulo, had its origin through the search for gold, a fact which involved a large number of slaves for the development of the work and which, consequently, resulted in the formation of several quilombos. As of 2017, the municipality had the largest concentration of quilombola communities in the state of Sao Paulo. In addition to the historical and cultural richness of the quilombos, Eldorado had the greatest part of its territory covered by the Atlantic Rain Forest, which allowed the creation of several conservation units, among which is the Devil's Cave State Park, which is focused on tourist activities. Residents of the quilombola communities of Ivaporunduva and Sapatu were connected to the park in a variety of ways, one of which is the ecotourism service offered by the Eldorado Environment Monitors Association, since this monitoring service was mandatory for visiting to the main attraction of the park, the Devil's Cave. Understanding the relevance of the relationship between quilombolas and the conservation unit, as well as the importance of the quilombola culture, this research used concepts of cultural geography to analyze the activities related to ecotourism developed by the environment monitors of the park, and the relationship of these with the quilombola cultural traditions. Thus, we aimed at understanding if tourism in the conservation unit could influence the strengthening of the cultural traditions of the communities of Ivaporunduva and Sapatu. For the development of this dissertation, which had a methodology based on the phenomenological approach, we sought to deepen the knowledge about the categories of geographical analysis, place and territory, as well as culture, ethnic identity, traditional communities, ecotourism, relationship between tourism and cultural heritage.

Keywords: Devil's Cave State Park. Quilombola communities. Ecotourism. Cultural Geography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - IMAGEM AEREA DO MUNICÍPIO DE ELDORADO.....	20
FIGURA 2 - VISTA DO PRIMEIRO SALÃO DA CAVERNA DO DIABO.....	64
FIGURA 3 - CAVERNA DO DIABO.....	65
FIGURA 4 - TRILHA DO ARAÇÁ - ESTRUTURA.....	66
FIGURA 5 - TRILHA DO ARAÇÁ - SAÍDA.....	66
FIGURA 6 - CACHOEIRA DO ARAÇÁ.....	66
FIGURA 7 - CACHOEIRA DO ARAÇÁ – QUEDA 2.....	66
FIGURA 8 - ACESSO A TRILHA MIRANTE DO GOVERNADOR.....	67
FIGURA 9 - PLACA INDICATIVA DA TRILHA.....	67
FIGURA 10 - VISTA PANORÂMICA DO MIRANTE DO GOVERNADOR.....	68
FIGURA 11 - CENTRO DE VISITANTES.....	68
FIGURA 12 - CV INFORMAÇÕES SOBRE QUILOMBOS.....	69
FIGURA 13 - CV SEGUNDO SALÃO.....	69
FIGURA 14 - POUSADA DA COMUNIDADE DE IVAPORUNDUVA.....	92
FIGURA 15 - HABITAÇÃO TRADICIONAL.....	94
FIGURA 16 - IGREJA N. SRA. DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS.....	94
FIGURA 17 - QUEDO DO MEU DEUS.....	95
FIGURA 18 - CACHOEIRA DO SAPATU.....	96
FIGURA 19 - FIGUEIRA.....	96
FIGURA 20 - DANÇA NHÁ MARUCA.....	96
FIGURA 21 - LOJA DE <i>SOUVENIR</i> 1.....	102
FIGURA 22 - LOJA DE <i>SOUVENIR</i> 2.....	102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CATEGORIAS DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.....	24
QUADRO 2 - TIPOS DE TURISMO	58
QUADRO 3 - PATRIMÔNIO CULTURAL - CELEBRAÇÕES	75
QUADRO 4 - PATRIMÔNIO CULTURAL – FORMAS DE EXPRESSÃO.....	75
QUADRO 5 - PATRIMÔNIO CULTURAL – OFÍCIOS E MODOS DE FAZER.....	76
QUADRO 6 - PATRIMÔNIO CULTURAL - LUGARES.....	76
QUADRO 7 - PATRIMÔNIO CULTURAL - EDIFICAÇÕES.....	76
QUADRO 8 - INFORMAÇÕES DAS COMUNIDADES DO CIRCUITO QUILOMBOLA DO VALE DO RIBEIRA/ELDORADO	77
QUADRO 9 - ELEMENTOS ESCOLHIDOS PARA EXECUÇÃO DA PESQUISA.....	80
QUADRO 10 - ROTEIRO DE APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	84
QUADRO 11 - MONITORES AMBIENTAIS CADASTRADOS NO PECD.....	85
QUADRO 12 - ENTREVISTADOS POR COMUNIDADE E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	86
QUADRO 13 - ENTREVISTA COMUNIDADE DE IVAPORUNDUVA.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS

AMAMEL	Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado
APA	Área de Proteção Ambiental
CV	Centro de Visitantes
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISA	Instituto Socioambiental
ITESP	Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo
MOJAC	Mosaico de Unidade de Conservação do Jacupiranga
OMT	Organização Mundial do Turismo
PECD	Parque Estadual Caverna do Diabo
PEJ	Parque Estadual do Jacupiranga
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC	Unidade de Conservação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO	14
1.2 MOTIVAÇÕES DA PESQUISA	15
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA	17
2.1 ESTÂNCIA TURÍSTICA DE ELDORADO	18
2.1.1 Aspectos geográficos	18
2.1.2 Aspectos históricos	19
2.2 PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO	23
2.2.1 Caverna do Diabo	25
2.3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS	28
2.3.1 Comunidades quilombolas de Eldorado	32
2.3.1.1 Ivaporunduva	34
2.3.1.2 Sapatu	35
3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO GEOGRÁFICO PARA A PESQUISA SOBRE CULTURA	38
3.1 HISTÓRICO: DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA E GEOGRAFIA CULTURAL	39
3.1.1 Cultura e Identidade	41
3.1.2 Identidade Étnica	44
3.2 GEOGRAFIA E COMUNIDADES QUILOMBOLAS: A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO EM LUGAR E TERRITÓRIO	46
3.2.1 Lugar: onde a vida acontece	46
3.2.2 Território: além do sentimento de poder	48
3.3 A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA	51
4 A ATIVIDADE TURÍSTICA E SUA LIGAÇÃO COM O PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO E COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ELDORADO	55
4.1 TURISMO, TURISMO EM AMBIENTES NATURAIS E ECOTURISMO – DEFINIÇÕES E CONCEITOS	55
4.1.1 Turismo sustentável em áreas naturais	58
4.1.2 Ecoturismo	61

4.2 ECOTURISMO NO NÚCLEO CAVERNA DO DIABO – PECD	63
4.2.1 Relação entre o Parque Estadual Caverna do Diabo e os remanescentes de quilombos	69
4.3 RELAÇÃO ENTRE TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL.....	71
4.3.1 Patrimônio cultural quilombola e sua ligação com o turismo	73
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS.....	79
5.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS	80
5.1.1 Método, abordagem e tipo de pesquisa	80
5.1.2 Procedimentos adotados.....	82
5.1.2.1 Instrumentos de coleta de dados	87
5.2 RESULTADOS OBTIDOS POR MEIO DAS ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES	89
5.2.1 Anseios e preocupações: processo de resistência que antecede a relação com a atividade turística	90
5.2.2 Olhar dos quilombolas sobre a a tividade turística desenvolvida nas comunidades de Ivaporunduva e Sapatu	91
5.2.3 Relação entre o Parque Estadual Caverna do Diabo e as possibilidades de fortalecimento das tradições culturais quilombolas através do ecoturismo	97
5.2.4 A visão de instituições envolvidas com as comunidades quilombolas	100
5.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS: UM OLHAR EXTERNO	103
6 CONCLUSÃO	106
REFERENCIAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

O tema *quilombos* vem despertando, há algum tempo, interesse de muitos autores. Diversos pesquisadores se direcionam às comunidades do município de Eldorado (São Paulo/Brasil) com o objetivo de analisar o modo de vida de seus residentes, cultura, artesanato, entre outros. Neste trabalho, por sua vez, buscou-se estudar meios que contribuíssem para a manutenção da tradição cultural quilombola, bem como entender se esse é, de fato, um desejo dessas pessoas.

Tendo em vista a sua abordagem sobre assuntos sociais, o turismo é inserido no campo das ciências humanas, podendo ser considerado como uma atividade multidisciplinar, despertando interesse e possibilitando o estudo por diversas áreas de conhecimento. Essa relação com outros campos permite olhares diferenciados, facilitando o entendimento sobre esse fenômeno.

O estudo pela visão geográfica é um claro exemplo disso, tendo em vista que turismo e geografia possuem grande proximidade, já que os deslocamentos se dão nos espaços, as comunidades receptoras estão fixadas em seus territórios, o sentimento desenvolvido com o local em que vivem gera o sentido de lugar e as paisagens dessas localidades são contempladas por visitantes que buscam novas experiências.

A atividade turística pode ser considerada uma importante ferramenta para o desenvolvimento sustentável de uma localidade. Quando planejada corretamente pode contribuir e estimular a conservação do ambiente natural, fomentar a economia local, gerando impactos para aqueles que estão ligados direta ou indiretamente a atividade, além de permitir a inserção social e melhoria da qualidade de vida da população envolvida, uma vez que a infraestrutura básica necessária para receber o visitante, também beneficia a comunidade.

Outro fato de grande relevância é a valorização cultural, a partir do momento em que o residente local se sente respeitado e valorizado, aumenta a possibilidade do fortalecimento das tradições culturais, propiciando o incentivo para a manutenção de seus patrimônios.

No entendimento do Ansarah (2001, p. 30), “o estudo do turismo deve ser direcionado para o desenvolvimento sustentável, conceito essencial para alcançar

metas de desenvolvimento sem esgotar os recursos naturais e culturais nem deteriorar o meio ambiente”. Ao se pensar em desenvolvimento através do turismo pautado no conceito de sustentabilidade, o ecoturismo surge como boa alternativa. Esse tipo de turismo permite um contato com o ambiente natural, sendo possível que aconteça em diversas categorias de unidades de conservação, dentre elas, o parque.

Esta pesquisa abordou a unidade de conservação (UC) denominada Parque Estadual Caverna do Diabo (PECD), localizada ao sul do estado de São Paulo, na região do Vale do Ribeira, cuja sede administrativa e único núcleo receptor de visitantes se encontra no município de Eldorado. Conforme se apresentará no decorrer desta dissertação, o PECD já desenvolve atividades relacionadas ao turismo há décadas, sendo uma alternativa de geração de emprego e renda para pessoas que vivem no entorno dessa área. Esses residentes compõem comunidades quilombolas, apresentando um rico patrimônio cultural, dentre as quais, Ivaporunduva e Sapatu, objetos de estudo deste trabalho.

Acredita-se que a história e cultura dessas comunidades exercem de atratividade para o turismo, mas, antes disso, reconhece-se a importância das tradições culturais para os próprios quilombolas. Assim, pensando na relação existente entre a unidade de conservação e os quilombos, encontrou-se o seguinte problema para o desenvolvimento desta dissertação: O turismo no PECD poderia influenciar positivamente para o fortalecimento das tradições culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu? Entendeu-se que esse seria um questionamento relevante para se compreender se as ações realizadas no parque pelos moradores dessas localidades estavam favorecendo ou não aspectos relacionados a cultura dessas pessoas.

Para a análise do problema levantado para a presente pesquisa, pensou-se em duas hipóteses:

- 1) Os prestadores de serviço da Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado (AMAMEL) poderiam se utilizar da atividade que desenvolvem no PECD para apresentarem suas tradições culturais;
- 2) Os atrativos turísticos e patrimônios culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu poderiam ser divulgados no PECD.

Tendo em vista o problema levantado e as hipóteses consideradas, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as atividades relacionadas ao ecoturismo desenvolvidas pelos monitores da AMAMEL no parque, e a relação dessas ações com as tradições culturais quilombola.

Para que houvesse possibilidade de se atingir o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as ações realizadas no PECD que envolvessem as comunidades de Ivaporunduva e Sapatu e influenciavam para o fortalecimento das tradições culturais dessas;
- Levantar os patrimônios culturais existentes nas comunidades de Ivaporunduva e Sapatu;
- Identificar a importância da unidade de conservação no cotidiano do quilombolas;
- Caracterizar novas alternativas de atividades relacionadas ao ecoturismo no PECD que poderiam auxiliar para o fortalecimento das tradições culturais de Ivaporunduva e Sapatu.

Acredita-se na importância deste estudo tendo em vista a relevância da cultura quilombola para a história do Brasil, uma vez que o processo de formação do país se deu, dentre outras formas, por meio do trabalho desenvolvido pelos antepassados dessas pessoas, que por muito tempo carregaram um sentimento de exclusão social. A possibilidade de inclusão através do ecoturismo vai além dos fatores econômicos e sociais, alcança a dimensão do reconhecimento, do respeito e da valorização da origem dos quilombolas.

1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação se dividirá em seis partes. Apresentou-se como primeiro capítulo a introdução, na qual se fez um panorama geral sobre o estudo, o problema que levou a essa pesquisa, bem como as hipóteses levantadas e os objetivos a serem atingidos. Colocou-se ainda, a estrutura e as motivações para a realização do trabalho.

No capítulo dois, contextualizou-se a área pesquisada, apresentando, inicialmente, o município de Eldorado através de suas características históricas e geográficas. Num segundo momento, abordou-se o Parque Estadual Caverna do Diabo e o seu principal atrativo, a caverna que nomeou a unidade de conservação. A finalização se deu com o enfoque sobre quilombos, afunilando para as comunidades do município e encerrando com aquelas envolvidas na presente pesquisa, Ivaporunduva e Sapatu.

No terceiro capítulo se apresentaram conceitos considerados importantes para a pesquisa sobre quilombos. Iniciou-se com uma abordagem pormenorizada de como se desenvolveu o estudo geográfico, seguindo para a geografia cultural, que permeia esta pesquisa. Fez-se na sequência uma explanação sobre identidade e cultura, identidade étnica e as duas principais categorias de análise da geografia para este estudo, lugar e território. Finalizou-se com uma aproximação entre a fenomenologia e a geografia, uma vez que a abordagem fenomenológica é utilizada como um dos métodos da pesquisa.

No capítulo quatro, discorreu-se sobre a atividade turística, a maneira como ela acontece no ambiente natural, seu desenvolvimento sustentável, conceituando na sequência o ecoturismo, como ele se dá no PECD e a relação dos quilombolas com a unidade de conservação através desse tipo de turismo. A seguir, abordou-se a ligação entre a atividade e o patrimônio cultural, mencionando o patrimônio cultural das comunidades quilombolas estudadas e relação entre essas e o turismo.

No quinto capítulo, explicou-se os procedimentos metodológicos utilizados, bem como os resultados obtidos com a realização das entrevistas na presente pesquisa.

Encerrou-se o trabalho com a apresentação da conclusão.

1.2 MOTIVAÇÕES DA PESQUISA

Acredita-se que para a realização de uma pesquisa se faz necessária a motivação, uma vez que sem ela a tentativa de se atingir o objetivo traçado se torna um processo exaustivo e pouco prazeroso para o pesquisador.

No entendimento de Murray (1971), as pessoas utilizam suas capacidades de acordo com a motivação, ou seja, com aquilo considerado como importante para elas. Dessa forma, pode-se afirmar que fatores motivacionais ou desmotivacionais estão presentes no cotidiano dos seres humanos, intervindo no modo de agir e pensar. A motivação pode ser influenciada por fatores externos, mas o impulso é intrínseco ao homem, assim, considera-se a motivação um elemento crucial no processo de aprendizagem e pesquisa, apresentando reflexo no uso dos dados recebidos ou coletados (MURRAY, 1971).

O interesse pelo tema abordado por esta pesquisa é fruto do trabalho profissional desenvolvido direta¹ ou indiretamente² no Parque Estadual Caverna do Diabo pelo período de sete anos. Naquele momento, percebeu-se um grande interesse por parte de diversas pessoas em pesquisar sobre as comunidades quilombolas de Eldorado. Esses estudos abrangem diversas áreas de conhecimento, como antropologia, educação, geografia, história, turismo, dentre outras.

Apesar disso, não havia trabalho relacionando a importância do fortalecimento das tradições culturais por meio do ecoturismo na unidade de conservação supracitada. Percebeu-se que essa seria uma análise interessante tendo em vista a relação que os tradicionais quilombolas desenvolveram com aquela área desde o início do processo de formação das comunidades.

Considerou-se então, que o conhecimento adquirido através da atividade profissional acrescida do embasamento teórico, permitiria a realização de uma pesquisa que pudesse apresentar, de alguma maneira, retorno positivo para os próprios quilombos.

¹ Assistente técnica de visitação do PECD (2009 - 2012).

² Diretora de turismo da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Eldorado (2005 - 2008).

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA

Para abordar sobre a cultura quilombola existente em Ivaporunduva e Sapatu, considerou-se ser preciso entender de que modo a trajetória histórica transformou um *espaço* em *lugar*, lugar este que pertence àqueles que sofreram de diversas formas ao longo dos séculos. Esse conhecimento se fez necessário para que, no decorrer da dissertação, fosse possível compreender as influências da atividade turística no Parque Estadual Caverna do Diabo (PECD) sobre as comunidades que foram pesquisadas.

Os remanescentes de quilombos de Eldorado, desde que se estabeleceram no local, enfrentam diversas lutas para se manterem em seus territórios (AGUIAR, 2015). Acredita-se, que a luta não é apenas territorial, envolve também o reconhecimento da importância de suas origens. Por esse motivo se entendeu que, dentre outros, como por exemplo a regularização fundiária, legislações abrangentes, desenvolvimento econômico e social, a busca de meios para o fortalecimento das tradições culturais é relevante.

No presente capítulo o objetivo principal foi o de apresentar a área de estudo. Optou-se por dividi-lo em três partes, sendo que em um primeiro momento se abordou questões relativas ao município de Eldorado, local onde as comunidades quilombolas pesquisadas estão concentradas.

O Parque Estadual Caverna do Diabo foi caracterizado em uma segunda parte. A unidade de conservação (UC) é um ponto chave desta pesquisa, uma vez que se analisou a possibilidade de fortalecimento da cultura dos quilombolas por meio das atividades de ecoturismo desenvolvidas pelos monitores da Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado (AMAMEL) nesse local.

As comunidades quilombolas, foco principal do trabalho, foram apresentadas em um terceiro momento, onde foram apontados aspectos de suas formações, atividades desenvolvidas, dentre outros. Na pesquisa foram analisadas 2 comunidades: Ivaporunduva e Sapatu. A escolha dessas se deu pelo fato das mesmas apresentarem o maior número de monitores ambientais atuantes no PECD, por seus patrimônios culturais estarem catalogados no Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira e por comporem a Área de Proteção Ambiental (APA)

Quilombos do Médio Ribeira que faz divisa com o Parque Estadual Caverna do Diabo

Utilizou-se para a elaboração deste capítulo a pesquisa bibliográfica e documental. Dentre as principais referências bibliográficas, ressalta-se a relevância dos trabalhos de Almeida (2008; 2011), Anjos (2014), Carril (1995; 2006), Diegues (2000; 2008b), Pinto (2007), Reis e Gomes (1996) e Silva (2013).

2.1 ESTÂNCIA TURÍSTICA DE ELDORADO

Neste tópico serão apresentadas informações geográficas e históricas do município de Eldorado com a intenção de contextualizar e situar as comunidades quilombolas e o PECD.

No subtópico aspectos geográficos conterão informações gerais sobre o Vale do Ribeira, além da localização, área, bem como aspectos econômicos, sociais e ambientais de Eldorado.

Nos aspectos históricos se apresentará o período inicial da região, seguido da formação do município até o momento em que o mesmo foi reconhecido como Estância Turística pelo governo do estado de São Paulo. O ponto alto se dá na relação entre a busca do ouro e o sistema de trabalho escravo, que acabou ocasionando a formação das comunidades quilombolas do local.

2.1.1 Aspectos geográficos

O Vale do Ribeira abrange dois estados, Paraná e São Paulo, sendo que este estudo se desenvolveu no segundo citado. Localizada na porção sul paulista, a região, segundo Giacomini (2010), é composta por 23 municípios, com uma população superior a 400.00 habitantes, possuindo a maior área contínua de Mata Atlântica do Brasil, com uma rica biodiversidade. O Vale do Ribeira, cujo acesso principal se dá pela Rodovia Régis Bittencourt (BR-116), apresenta os menores índices sociais do estado, contrapondo-se aos ricos patrimônios ambientais e a grande diversidade cultural nele existente (GIACOMINI, 2010).

Eldorado, um dos municípios que constituem o Vale do Ribeira, é o 4º maior em extensão de São Paulo, com uma área de 1.656,728 km², sendo 70% dela coberta por Mata Atlântica em bom grau de conservação (PME, 2016). Apesar disso, é também a localidade que apresentou maior desflorestamento no estado entre os anos de 2000 e 2014, totalizando uma supressão de vegetação nativa de 1.056 hectares (SOS MATA ATLÂNTICA, 2016).

De acordo com o censo populacional de 2010, o município estava contando com 14.641 habitantes, sendo que 7.205 residindo na zona urbana e 7.436 na zona rural. Estimou-se que no ano de 2015 a população tenha tido um aumento, passando para 15.339 habitantes (IBGE, 2016).

Eldorado tem na agricultura sua principal fonte de recursos, sendo a banana o principal produto produzido no local (PME, 2016). O município tem ainda buscado crescimento social e econômico através da atividade turística, sendo o ecoturismo o seu “carro chefe” (PME, 2016).

A geografia do local, que possibilita contato direto com o ambiente natural, é um dos principais motivadores para a atividade turística. Além disso, aspectos culturais, que estão diretamente ligados à história de formação do município vêm se apresentando como uma alternativa para a formatação de itinerários ou roteiros turísticos.

2.1.2 Aspectos históricos

O Vale do Ribeira era habitado ainda no período pré-histórico (NEVES; OKUMURA, 2005; PINTO, 2007), porém, foi a partir do século XVI que se iniciaram os fatos, na região, que culminariam no objeto de estudo desta dissertação.

Nessa época, a área em que se encontra o Vale do Ribeira foi ocupada por exploradores europeus que ali se depararam com os indígenas, tendo os dominado e iniciado um processo de miscigenação que deu origem a importantes povoados, como Iguape³ e Cananéia⁴ (PINTO, 2007)

³ Iguape: fundada em 03 de dezembro de 1538 (TODESCO, 2007; PINTO, 2007).

⁴ Cananéia: fundada em 12 de agosto de 1531 (TODESCO, 2007; PINTO, 2007).

Segundo Todesco (2007), uma das primeiras regiões a ser ocupada no Brasil foi o Vale do Ribeira, que desempenhava um papel de defesa, ocupação e expansão do território português. Pinto (2007) afirma que a princípio, apenas o litoral era povoado e a economia local era baseada na pesca e agricultura de subsistência. Após terem sido fundadas, Cananéia e Iguape serviram como apoio para a exploração do interior da região (PINTO, 2007).

No século XVI, segundo Carril (1995), as bandeiras da mineração partiram em direção ao Vale do Ribeira. O ciclo do ouro, que foi o primeiro ciclo econômico da região, teve início na área por volta de 1550, período em que foi encontrado ouro de aluvião no interior do Vale do Ribeira, nas áreas onde hoje se localizam Apiaí, Eldorado, Iporanga entre outros (DIEGUES, 2008a; SILVA, 2011). Como o acesso ocorria por transportes fluviais, as vilas, povoados e municípios foram se formando às margens do rio (PINTO, 2007), conforme é possível observar na figura 1.



FIGURA 1 - IMAGEM AÉREA DO MUNICÍPIO DE ELDORADO
FONTE: <http://goo.gl/Zq9J83> (2016).

Por volta de 1630, período em que exploradores portugueses ainda procuravam o ouro pelo interior do Vale do Ribeira, é que teve início a história da Estância Turística de Eldorado (CME, 2016). A mineração se baseou, principalmente, na mão de obra escrava (SILVA, 2011). Ivaporunduva⁵, comunidade

⁵ Significado: Rio de muita Fruta (KRUG, 1942 apud QUEIROZ, 2006, p. 21).

reconhecida pelo estado de São Paulo como remanescente de quilombos, foi o primeiro povoado a se formar devido à quantidade de ouro encontrada em seus ribeirões (CME, 2016). O segundo foi Jaguary⁶, hoje distrito de Itapeuna, que teve início com os irmãos Veras, que se fixaram ali vindos da Vila de Iguape e que anos mais tarde colaboraram para a criação da Freguesia de Xiririca⁷ (PINTO, 2007).

No final do século XVII, a mineração entrou em declínio:

Entretanto ainda no ano de 1767 havia procura de ouro nos Ribeirões do Ribeira. Mineiros com seus escravos e agregados somavam 287 indivíduos dedicados exclusivamente à exploração do ouro na Freguesia de Xiririca e a mineração continuou em menor escala até o século XIX quando se esgota totalmente o ouro de aluvião (PINTO, 2007, p. 12).

O declínio na busca do ouro se deu em todo o Vale do Ribeira, devido, segundo Todesco (2007), a descoberta do metal em Minas Gerais, fazendo com que ocorresse uma redução da interiorização na região, uma vez que houve um êxodo populacional para o estado mineiro.

Na época em que a busca pelo ouro começou a declinar, teve lugar a agricultura, com a produção de arroz para exportação e, para a subsistência, mandioca, café, feijão, fumo e milho, sendo essas atividades desenvolvidas ainda pela mão de obra escrava (PINTO, 2007).

Por volta de 1750, um novo povoado começou a se formar, nascia então Xiririca (CME, 2016). Localizava-se, no sentido da descida do Ribeira, a aproximadamente 20 quilômetros de Jaguary, as margens do rio, defronte a um de seus afluentes, esse de mesmo nome do povoado (CME, 2016). Os irmãos Veras, colonizadores do local, doaram dois imóveis no povoado para a construção de uma capela em 16 de janeiro de 1757 (PINTO, 2007). Essa foi inaugurada em 8 de setembro do mesmo ano, tendo recebido a imagem de Nossa Senhora da Guia, que desde então é padroeira do município (PINTO, 2007).

Xiririca pertencia tanto política quanto eclesiasticamente à Vila de Iguape. (CME, 2016). A independência eclesiástica veio em 13 de janeiro de 1763, quando,

⁶ Oriundo de Jagua-hy, que significa Rio do Jaguar (CME, 2016).

⁷ Significado: água corrente ou corredeira (CME, 2015).

com a nomeação do padre Dr. José Martins Tinoco como pároco, o local passou à categoria de Freguesia (PME, 2016).

A proximidade entre Xiririca e o rio gerou enormes prejuízos à Freguesia (CME, 2016). A discussão sobre uma possível mudança do povoado aconteceu após duas grandes enchentes que, no mês de janeiro dos anos de 1807 e 1809, devastaram o local (IBGE, 2016). Essa transição ocorreu de forma lenta, entre os anos de 1816 e 1834, cercada de conflitos entre os habitantes contra e a favor dessa mudança (CME, 2016). O local escolhido foi o Porto da Formosa, uma área um pouco mais elevada, a aproximadamente 2 quilômetros rio abaixo (CME, 2016).

A independência política da Freguesia de Xiririca da Vila de Iguape veio somente em 10 de março de 1842, quando a lei nº 28 foi assinada pelo presidente da província, Barão de Monte Alegre, elevando a Freguesia de Xiririca à categoria de Vila (SÃO PAULO, 1842). Mais de três anos depois, em 2 de maio de 1845, a primeira Câmara Municipal foi instalada, sob a presidência do padre Joaquim Gabriel da Silva Cardoso (CME, 2016). Em 6 de julho de 1875 foi criada a Comarca de Xiririca, que se instalou em 25 de novembro do mesmo ano. (PINTO, 2007).

Na véspera do Natal de 1948, Xiririca passou a se chamar Eldorado Paulista (CME, 2016). De acordo com IBGE (2016), esse nome se deu por conta da quantidade de ouro um dia encontrado, fato que atraiu os primeiros povoadores, sendo uma alusão à lenda do “Eldorado”⁸.

Na década 1960 inicia a história do Município com o turismo através da visitação à Caverna do Diabo (SÃO PAULO, 2010). Com o passar das décadas novos atrativos foram descobertos e estruturados, criando uma mobilização no sentido de formação e instalação de equipamentos, fato que resultou, em 1º de agosto de 1995, no título de Estância Turística concedido pelo governo de São Paulo (PME, 2016).

Há muito tempo a Caverna do Diabo, que se localiza no Parque Estadual Caverna do Diabo, é considerado o principal atrativo do município, sendo que atualmente, a gestão da unidade de conservação é de responsabilidade da Fundação Florestal.

⁸ País imaginário da América do Sul, procurado por inúmeros exploradores europeus após o descobrimento (IBGE, 2106).

2.2 PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO

Em tempos de mobilização e conscientização da sociedade sobre assuntos relativos à conservação ambiental, o poder público deu origem a uma série de estratégias com o intuito de conservar a biodiversidade brasileira. Acredita-se que a criação das unidades de conservação iniciou um processo de proteção e gerenciamento das áreas com rica biodiversidade.

Através da lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000, teve origem o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) que estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão dessas (BRASIL, 2000). O SNUC divide as Unidades de Conservação em dois grupos tendo em vista suas características específicas (QUADRO 1), tais como restrição de utilização de seus recursos naturais e finalidade da criação. São Unidades de Proteção Integral, que têm como objetivo preservar a natureza, na qual é permitido apenas o uso indireto, e as Unidades de Uso Sustentável, cujo objetivo consiste em combinar a conservação da natureza com o uso sustentável de seus recursos.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	
Unidades de Proteção Integral	Objetivo
Estação Ecológica	Preservação da natureza e realização de pesquisa científica.
Reserva Biológica	Preservação integral da biota e demais atributos naturais existentes em seus limites, sem interferência humana direta ou modificações ambientais, excetuando-se as medidas de recuperação de seus ecossistemas alterados e as ações de manejo necessárias para recuperar e preservar o equilíbrio natural, a diversidade biológica e os processos ecológicos naturais.
Parque Nacional	Preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.
Monumento Natural	Preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica.
Refúgio de Vida Silvestre	Proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória.
Unidades de Uso Sustentável	Objetivo
Área de Proteção Ambiental	Proteger a diversidade biológica, disciplinar o

	processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.
Área de Relevante Interesse Ecológico	Manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-lo com os objetivos de conservação da natureza.
Floresta Nacional	Uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável de florestas nativas
Reserva Extrativista	Proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.
Reserva de Fauna	Estudos técnico-científicos sobre o manejo econômico sustentável de recursos faunísticos.
Reserva de Desenvolvimento Sustentável	Preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações.
Reserva Particular do Patrimônio Natural	Conservar a diversidade biológica.

QUADRO 1 - CATEGORIAS DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

FONTE: Elaborado pela autora a partir de Brasil (2000).

No presente trabalho se abordou, principalmente, a categoria de unidade de conservação nomeada Parque Nacional que, quando criada pelo governo de um estado, denomina-se Parque Estadual.

Segundo Aguiar (2007), tendo sido originada por força do Decreto-Lei nº 145 de 8 de agosto de 1969, até o ano de 2008, havia no Vale do Ribeira uma das maiores unidades de conservação do estado de São Paulo, o Parque Estadual do Jacupiranga (PEJ). De acordo com a mesma autora, com cerca de 150.000 hectares, os municípios de Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iporanga e Jacupiranga eram abrangidos pela UC.

Conflitos de ocupação do solo, socioambientais e legais levaram a conclusão sobre a necessidade do redesenho do PEJ, que se daria através de um amplo diálogo com a sociedade envolvida (RBMA, 2009). Esse processo resultou, por meio da lei nº 12.810 de 21 de fevereiro de 2008, na transformação desse parque no Mosaico das Unidades de Conservação do Jacupiranga (MOJAC), que passou a ser composto por quatro Áreas de Proteção Ambiental, cinco Reservas de Desenvolvimento Sustentável, duas Reservas Extrativistas e três Parques Estaduais, além da previsão de implantação de duas Reservas Particulares do Patrimônio Natural, totalizando 243.885,78 hectares (RBMA, 2009).

Entre os parques criados juntamente com o MOJAC, estava o Parque Estadual Caverna do Diabo, objeto de estudo desta dissertação. A unidade de conservação compreende os municípios de Barra do Turvo, Cajati, Eldorado e Iporanga, totalizando 40.219,66 hectares (RBMA, 2009; SÃO PAULO, 2016). Visitantes das mais variadas localidades são motivados a conhecer o parque pelo seu principal atrativo turístico, a Caverna do Diabo (SÃO PAULO, 2016).

Sua sede administrativa se situa no município de Eldorado, assim como seu único núcleo receptivo, que recebe o nome do seu principal atrativo (SÃO PAULO, 2016). Esse fato justifica a relação de proximidade entre os residentes no município, no que tange ao turismo, e a unidade de conservação, em especial, com a Caverna do Diabo. Fora dessa área existem alguns atrativos que ainda são pouco visitados, tendo em vista a distância e falta de estrutura nos locais, sendo eles: a Cachoeira Dito Salu, localizada no município de Barra do Turvo e a Trilha do Lamarca, que dá acesso às cachoeiras da Luz e Santa Isabel, situadas no Distrito de Barra do Braço, em Eldorado (AGUIAR, 2015).

A infraestrutura para uso público que a unidade de conservação oferece se encontra no núcleo Caverna do Diabo, contando com estacionamento, sanitários, área para lanche e restaurante (SÃO PAULO, 2016). De acordo com a mesma fonte, além da Caverna do Diabo, o local conta ainda com outros atrativos como o Centro de Visitantes, Mirante do Governador, Trilha do Mirante e a Trilha e Cachoeira do Araçá.

Acredita-se que as atividades de uso público na unidade de conservação têm contribuído para o desenvolvimento sustentável do município de Eldorado, em especial, das comunidades do entorno do parque.

2.2.1 Caverna do Diabo

Sendo a maior motivação para o deslocamento de visitantes até o Parque Estadual Caverna do Diabo e origem de toda atividade turística que se desenvolve no PECD, envolvendo diretamente os tradicionais quilombolas residentes no entorno dela (AGUIAR, 2015), entendeu-se como necessária uma explanação sobre a Caverna do Diabo.

Tendo sido descoberta⁹ no ano de 1891, pelo alemão Sigismund Ernst Richard Krone e descrita pelo próprio naturalista no início do século XX (SÃO PAULO, 2010), a Caverna do Diabo consta no Cadastro Nacional de Cavernas da Sociedade Brasileira de Espeleologia sob o nº SP-002 (SÃO PAULO, 2010). A gestão da gruta, bem como de toda área do parque em que se situa, é realizada pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, através da Fundação Florestal (SÃO PAULO, 2010; AGUIAR, 2015).

A visitação turística teve origem na década de 1960 com diversas expedições de exploração, mas foi em 1975, com a inauguração de infraestrutura de acesso e sistema de iluminação que se iniciou o período de visitação em massa (SÃO PAULO, 2010), tendo a gruta sido considerada um dos principais atrativos turísticos do estado de São Paulo na década de 1970.

Trata-se de uma das cavernas mais ornamentadas do Brasil, com grande diversidade de espeleotemas dos mais variados tamanhos e tipos, como estalactites¹⁰, estalagmites¹¹, helictites e heligmites¹², colunas¹³, dentre outras formações. O “Salão dos Gigantes Caídos” e “Cemitério dos Índios” são exemplos de salões grandiosos que compõem um cenário ímpar, além de formações pitorescas como “mão do diabo”, “garrafa”, “sapo” que fomentam a imaginação dos visitantes e o “Salão da Catedral”, que apresenta um conjunto de formações, denominadas “velas” que estão entre as maiores do Brasil (SÃO PAULO, 2010).

Para que ocorra a visitação pública em uma cavidade natural subterrânea se faz necessário que a mesma possua um Plano de Manejo Espeleológico (AGUIAR, 2015). Esse documento define o zoneamento e normas para utilização da área, bem como manejo dos recursos naturais (AGUIAR, 2015). Por não haver esse plano, a Caverna do Diabo foi interditada para visitação pública em fevereiro de 2008 pelo

⁹ Esse é o primeiro registro documental sobre a gruta, uma vez que há evidências da utilização da mesma, pelos quilombolas, anterior a data citada.

¹⁰ Formação rochosa que se dá no teto, com direção ao solo, através do gotejamento de água por fendas localizadas na parte superior.

¹¹ Espeleotema formado no solo, sentido ao teto, através dos pingos d'água advindos da parte superior.

¹² Espeleotemas com formato de espiral que se forma no teto, solo ou sobre outros espeleotemas.

¹³ Formação rochosa que se dá pela junção de uma estalactite com uma estalagmite.

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (AGUIAR, 2015).

Essa interdição se manteve até o mês de junho do mesmo ano, quando, após a celebração de um Termo de Ajustamento de Conduta entre a Fundação Florestal e o Ministério Público, algumas normas para a visita foram instituídas. (AGUIAR, 2015). Dentre elas constavam a obrigatoriedade de o passeio ser acompanhado por monitor ambiental, tempo de permanência na gruta, número máximo de pessoas por grupo, dentre outras obrigações (AGUIAR, 2015). Após 2 anos, em junho de 2010, o Plano de Manejo Espeleológico foi finalizado e entregue, tranquilizando aqueles que dependiam financeiramente de trabalhos desenvolvidos no local (SÃO PAULO, 2010).

Em paralelo aos trabalhos de pesquisa do Plano de Manejo Espeleológico, no ano de 2009, teve início na unidade de conservação a etapa do projeto de Desenvolvimento do Ecoturismo na Região da Mata Atlântica que, dentre outras coisas, contemplava obras de infraestrutura no local (SÃO PAULO, 2016). De acordo com a mesma fonte, a Caverna do Diabo recebeu um novo projeto de iluminação, com a utilização de lâmpadas frias e acendimento por setores, atendendo as demandas ambientais.

Com mais de 6.000 metros de extensão, apenas cerca de 600 metros da caverna são abertos à visita. Esse trajeto conta, além da iluminação já citada, com passarelas e escadas, permitindo que públicos das mais variadas faixas etárias e condições físicas possam conhecer o local (SÃO PAULO, 2010).

A Caverna do Diabo apresenta grande importância para o desenvolvimento da atividade turística em Eldorado envolvendo de uma maneira direta, as comunidades quilombolas situadas em seu entorno, em especial através do serviço de monitoria ambiental desenvolvido pela Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado. Desta forma, no próximo tópico se faz uma abordagem sobre termos e conceitos que envolvem comunidades quilombolas, além da apresentação daquelas que conformaram o objeto desta pesquisa, com a intenção de ampliar o conhecimento sobre o tema e expor as principais características de Ivaporunduva e Sapatu.

2.3 COMUNIDADES QUILOMBOLAS

No entendimento de Claval (2014), o indivíduo é reconhecido e diferenciado socialmente através da cultura. O Brasil é um país com grande diversidade cultural, isso se dá pelas mais variadas origens dos povos que o compõem, tendo, cada parte dessa sociedade, sua própria identidade.

O Decreto que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais os define como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

O país apresenta povos e comunidades tradicionais, como por exemplo, os ribeirinhos, os faxinalenses, os sertanejos, os caiçaras, os caatingueiros, os seringueiros, as comunidades de fundo de pasto, os pescadores, entre outros (BRASIL, 2015a). Considerou-se importante explicitar que, segundo Almeida (2008), a utilização da expressão “populações tradicionais” em leis ou instrumentos burocráticos-administrativos não resulta no total atendimento das demandas dessas.

Para Diegues (2000, p. 22) se considera:

[...] a noção de “sociedades tradicionais” para nos referirmos a grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente.

Para o mesmo autor (2008, p. 63), “na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico”.

Receberam destaque para esta pesquisa as comunidades tradicionais quilombolas. Almeida (2008, p. 30) mostra que “a noção de ‘tradicional’ não se reduz à história, nem aos laços primordiais que amparam unidades afetivas, e incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente em uma mobilização continuada”.

É possível afirmar que as marcas inerentes a esses grupos podem caracterizá-las como tradicionais, sendo exemplo disso, os conflitos pela terra, modo de vida, meios para exercer trabalhos, a cultura. Assim, a definição de comunidade tradicional se dá por meio da defesa da forma de vida, seja ela atual ou histórica.

Ao abordar comunidades tradicionais quilombolas, Schmitt, Turatti e Carvalho (2002, p. 2) apresentam que:

Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino valeu-se da seguinte definição de quilombo: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. Esta caracterização descritiva perpetuou-se como definição clássica do conceito em questão e influenciou uma geração de estudiosos da temática quilombola até meados dos anos 70 [...].

Para Almeida (2011), esse conceito ficou ultrapassado por se pautar em apenas cinco fatores: 1) necessidade de fuga; 2) número mínimo de escravos fugidos; 3) isolamento geográfico; 4) existência de moradia habitual e 5) produção para consumo próprio. Assim, com o passar do tempo, essa definição foi se alterando e se moldando às características dos descendentes dos escravos, uma vez que são herdeiros da história sofrida que seus antepassados tiveram no Brasil (AGUIAR, 2015). Existem ainda variações sobre o significado da palavra quilombo, que pode ser associado a lugar, ou ao povo que vive neste local, ou ainda a manifestações populares (LOPES; SIQUEIRA; NASCIMENTO, 1987), entre outros. Para o Estado brasileiro, quilombos são:

[...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência e a opressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003).

Considerando as várias origens e histórias desses grupos, muitos autores também denominam a área ocupada pelos remanescentes de quilombos como “terras de preto” ou “território negro”, ressaltando a coletividade camponesa, que se dá pelo compartilhamento do local em que vivem e pela identidade que possuem (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

Contrariando a definição do Conselho Ultramarino, assim como Almeida (2011), Santos (1997) e Carril (2006) afirmam que os quilombos não se formaram

apenas por fugas, mas também através de alforria, herança, compra ou troca de terras por serviços, doações, entre outros

Segundo Reis e Gomes (1996, p. 9) “para o continente americano foram enviados mais de 15 milhões de homens e mulheres tirados forçosamente de sua origem – a África”. Ao Brasil essas pessoas foram enviadas para servir ao sistema de colônia que visava explorar economicamente o novo território.

De acordo com Anjos (2014) o trabalho escravo teve início no século XVI, perdurando por aproximadamente quatro séculos. Apesar disso, desde o princípio houve um movimento de resistência por parte dessas pessoas que não aceitavam a condição em que viviam (SILVA, 2013). Reis e Gomes (1996, p. 9) “apontam que a contrariedade ao sistema em que viviam se manifesta não apenas com o surgimento dos quilombos, mas sob outras formas, como por meio do suicídio e da autoflagelação”.

A abolição da escravidão, que, segundo a história do Brasil, ocorreu em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, não exterminou essa diferença entre brancos e negros, pelo contrário, ampliou a divisão entre pobreza e elite, uma vez que os escravos recém libertos não tinham recursos nem acesso a terra (SILVA, 2013). Nesse sentido, Carril (2006, p. 61) afirma que o Brasil se trata de “[...] um país em que a abolição da escravidão [...] não promoveu formas de reparação, apoio social, nem permitiu o acesso dos libertos ao mercado de trabalho”.

Para Silva (2013), com o término do período escravocrata, o caminho seguiria para a exclusão dos quilombos, porém isso não ocorreu pela dificuldade de acesso ao território, tendo em vista que a política de terras do país nunca favoreceu os africanos e seus descendentes. Com a abolição e o fomento da vinda de europeus para o país, houve ainda o pensamento de acabar com as características raciais negras da população, bem como fazer com que o período conturbado pelas ações de quilombos caísse no esquecimento (CARRIL, 2006).

Silva (2013) apresentou a concepção teórica de quilombos no Brasil em 3 partes:

- 1) Dos primórdios a abolição: período em que o movimento negro era visto de modo negativo, a formação dos quilombos era atribuída ao desejo, por exemplo, de não exercer o trabalho e a violência. Havia um olhar superior em relação ao

negro, fosse ele escravo ou liberto. “Tal leitura pode ser atribuída ao fato de se tratarem de autores europeus, detentores de uma cultura eurocentrista e financiados ou diretamente ligados aos negócios da sociedade escravocrata” (SILVA, 2013, p. 41).

2) Período Pós-abolição até 1888: o término do regime de escravidão inseriu os libertos em uma situação de exclusão tão difícil quanto a vivenciada anteriormente, já que essas pessoas não tinham acesso a terra, que eram controladas pela elite do país. Aqueles que tinham ocupado um território sentiam dificuldade em mantê-lo. As lutas, porém, não se davam apenas no campo material, mas também no campo cultural e simbólico, já que “se fazia necessário reconhecer a si próprio e ser reconhecido enquanto um sujeito pertencente a uma sociedade, ainda que não fosse a nacional” (SILVA, 2013, p. 44). No século XX, os teóricos continuam as análises sobre quilombos referentes ao período vivido até aquele momento, mas iniciam também a inclusão de novos elementos no debate sobre o tema, tendo começado, então, a abordagem da temática por dois eixos, o culturalista e o materialista (GOMES, 1996). A partir da década de 1980, novos elementos são inseridos nas discussões sobre quilombos, tendo destaque o que se refere à condição política (SILVA, 2013). De qualquer modo, as análises culturalista e materialistas continuaram, sendo o segundo mais fortemente devido ao contexto histórico e cultural do período (CARRIL, 2006).

3) Ressemantização a partir de 1988: Principalmente a partir do ano em que foi promulgada a Constituição Federal, novos significados foram atribuídos ao termo quilombo, porém esse movimento teve início antes mesmo dessa data (SILVA, 2013). Os afrodescendentes passaram a serem reconhecidos por sua identidade, cultura e patrimônios, tendo o Estado Nacional criado legislações com o objetivo de preservá-las, além de mecanismos voltados às questões fundiárias relacionadas aos remanescentes de quilombos, que eram os herdeiros da história, cultura e sofrimento vivido por seus antepassados (SILVA, 2013).

Segundo O’ Dwyer (1995, p. 1) os remanescentes de quilombos são:

[...] grupos que desenvolveram práticas de resistência, na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar, cuja identidade se define por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados.

Diversos questionamentos tiveram início, tais como de que forma um quilombo seria reconhecido, quem faria essa definição, quais as características do grupo, entre outros. Para Silva (2013), a ressemantização do termo quilombo se deu por 3 olhares, o do poder público, que se volta, através de legislação, para a conservação da tradicionalidade; o dos movimentos sociais, que apresenta esse grupo como notavelmente político; e o da academia, que propõe um olhar expandido e ilimitado sobre os remanescentes de quilombos.

A vinda dos escravos para o Brasil pode ser considerada como migração, mesmo que forçada e violenta (ANJOS, 2014), uma vez que eles realizaram a transferência de país de modo obrigado. A mudança desse povo do local de origem não fez com que deixassem para trás sua história, sua cultura, pelo contrário, isso se manteve com o passar dos séculos (AGUIAR; SOUZA, 2015).

De acordo com Anjos (2014), o tráfico negreiro para a América foi uma atividade tão rentosa que perdurou por cerca de quatro séculos, sendo impossível precisar a quantidade exata de pessoas retiradas de seu *habitat*, porém, estima-se um número entre 12 e 13 milhões de africanos. Pinto (1997) afirma que para o Brasil, essas pessoas vieram de diversas localidades da África, sendo os Sudaneses e Bantus a maioria. A emissão de escravos para o Brasil se dava de acordo com o interesse econômico dos europeus, sendo os estados das atuais regiões Nordeste e Sudeste os maiores receptores (ANJOS, 2014).

Resultado do processo de escravidão, foram identificadas no Brasil 3.524 comunidades quilombolas, mas há estudos que julgam que esse número seja superior, com cerca de 5 mil comunidades (BRASIL, 2015b).

No estado de São Paulo, o Vale do Ribeira apresenta uma grande concentração de quilombos e no município de Eldorado, tendo em vista a sua história de formação, apresentada no item 2.1.2, encontra-se a maior concentração da região.

2.3.1 Comunidades quilombolas de Eldorado

No ano de 2015, o estado de São Paulo apresentava 33 comunidades remanescentes de quilombos, estando no Vale do Ribeira a maior concentração

delas, totalizando 26 (SÃO PAULO, 2015). Eldorado, município da região que tem seu passado atrelado ao trabalho escravo e é conhecido, também, pela história e cultura desse povo (PINTO, 2007), possui 12 comunidades já reconhecidas como quilombolas pelo estado de São Paulo: Abobral, André Lopes, Bananal Pequeno Engenho, Galvão, Ivaporunduva, Nhunguara, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, Poça, São Pedro e Sapatu (ISA, 2013).

Os descendentes de escravos que vivem em Eldorado sempre foram árdus nas lutas por seus direitos. “Os embates da luta cotidiana pela sobrevivência ocasionaram outra consciência entre os quilombos atuais, a qual se verifica na reelaboração de si próprio perante as ameaças externas sobre seu território (CARRIL, 2006, p. 53). Segundo Aguiar (2015, p. 3376), para os quilombolas de Eldorado:

Primeiramente houve a busca da liberdade pelos escravos negros, num segundo momento os conflitos para o reconhecimento de seus territórios. Paralelo a isso, [...] um dos maiores problemas enfrentados pelos tradicionais se dá por conta do projeto de construção de quatro barragens (Tijuco Alto, Funil, Itaóca e Batatal) ao longo do rio Ribeira de Iguape, sendo este o último rio de grande porte do estado de São Paulo livre deste tipo de edificação.

Todo processo de luta dos remanescentes de quilombos é acompanhado e apoiado por diversos segmentos da sociedade, gerando um movimento de resistência que perdura por décadas (AGUIAR, 2015).

A pressão sobre o território dessas comunidades vai contra não apenas a cultura desse povo, mas também ao ideal conservacionista. Diegues (2000) afirma que as populações tradicionais tendem a auxiliar em processos de conservação do ambiente natural, já que são dependentes em alto grau dos recursos que esse proporciona e possuem uma relação simbólica com o lugar que habitam. Essa relação de equilíbrio com a natureza permite a manutenção da diversidade cultural, uma vez que o modo de vida tradicional também revela a cultura de um grupo.

Essas comunidades são caracterizadas: pela relação e conhecimento aprofundado sobre a natureza; pela ciência do espaço em que se desenvolvem social e economicamente; pelo modo de ocupação de seus territórios; pelas atividades de subsistência; pelo baixo acúmulo de capital; pela relevância atribuída a família e suas relações de parentesco em atividades sociais, culturais e econômicas;

pela importância dada às simbologias, mitos e rituais; pela autoidentificação (ou identificação por pessoas externas ao grupo) de pertencimento a uma cultura diferente (DIEGUES, 2000).

As características acima apresentadas podem definir plenamente as comunidades aqui pesquisadas. Os moradores de Ivaporunduva e Sapatu possuem ligação sustentável, econômica, histórica e afetiva com o lugar que habitam e desenvolvem suas atividades.

Compreende-se que dentre os fatores mais relevantes para o reconhecimento de uma comunidade tradicional, está, além do modo de vida, o fato de se reconhecer como pertencente a um grupo específico, ou seja, se identificar com aqueles que estão ao seu redor.

A história das comunidades de Eldorado fez com que uma variedade de bens culturais fosse se formando como passar do tempo. Isso se apresenta através de celebrações, construções, festas religiosas, gastronomia, entre outros (AGUIAR; SOUZA, 2015). De acordo com as mesmas autoras, essa cultura vem despertando interesse de pessoas que procuram conhecer a realidade das comunidades, fomentando assim o turismo nesses lugares.

Com exceção de Abobral, Bananal Pequeno e Engenho, as comunidades de Eldorado compõem a unidade de conservação denominada Área de Proteção Ambiental Quilombos do Médio Ribeira que, por sua vez, limita-se com o Parque Estadual Caverna do Diabo (AGUIAR, 2015). Algumas dessas comunidades se localizam no entorno imediato do núcleo Caverna do Diabo, fazendo com que parte de seus residentes trabalhem com a atividade turística no parque (AGUIAR, 2015).

Na presente pesquisa se abordou sobre as comunidades de Ivaporunduva e Sapatu. Para isso, considera-se importante uma apresentação geral dessas comunidades, conforme se dará a seguir.

2.3.1.1 Ivaporunduva

De acordo com o relatório técnico-científico da comunidade (ITESP, 1998), Ivaporunduva é a comunidade mais antiga da Baixada do Ribeira, tornando-se povoado, no século XVII, por meio da atividade mineradora desenvolvida,

inicialmente, pelos irmãos Domingos Rodrigues Cunha e Antônio Rodrigues Cunha e um grupo de 10 escravos. O mesmo relatório aponta que a partir de 1720 o local foi densamente povoado por escravos e mineradores.

Com a diminuição da quantidade de ouro na região, em meados do século XVIII, os escravos foram alforriados e deixados no local, fazendo com que a população negra de Ivaporunduva se apossasse das terras e se agrupasse em núcleos familiares, vivendo da roça de arroz, batata doce, cana, café, feijão, mandioca, milho, dentre outros (ITESP, 1998). De acordo com o relatório, com o passar do tempo, mas ainda antes da abolição, o lugar passou a atrair negros livres, libertos e fugidos ou não.

Os principais troncos familiares da comunidade, que se relacionam com seus fundadores ou primeiros moradores são: Araújo, Costa, Furquim, Machado, Marinho, Meira, Moraes, Pedroso, Pereira, Pupo, Santos, Silva e Vieira (ITESP, 1998).

Ivaporunduva é formada por cerca de 80 famílias e está situada às margens do rio Ribeira de Iguape, possuindo 3.158,11 hectares, dos quais 80% são cobertos por Mata Atlântica (QUILOMBOS DO RIBEIRA, 2011). O restante da área é utilizado para produção agrícola da comunidade que cultiva, para consumo próprio, produtos como arroz, feijão, mandioca, milho e ainda a banana orgânica que, além da produção para subsistência, é comercializada com o objetivo de gerar renda (QUILOMBOS DO RIBEIRA, 2011).

Em 1997 Ivaporunduva foi reconhecida como comunidade remanescente de quilombo pelo Itesp e no ano 2000 recebeu o título do território (QUILOMBOS DO RIBEIRA, 2011).

2.3.1.2 Sapatu

De acordo com o relatório técnico-científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo do Sapatu, o local é dividido pela SP-165, com residentes em ambas as margens da rodovia (ITESP, 2000). Na mesma fonte consta que a comunidade ocupa 3.711 hectares com três núcleos de moradores: Cordas, Indaiatuba e Sapatu.

Habitado, segundo o relatório técnico-científico, por cerca de 80 famílias, a formação da comunidade se deu através da fuga do recrutamento para a Guerra do Paraguai e procura de terras férteis para o plantio por parte de moradores das comunidades próximas, sendo formado pelo tronco familiar dos Costa, Furquim, Machado, Pedroso, Pereira, Rosa e Santos (ITESP, 2000).

A comunidade camponesa tem como principal atividade agrícola o plantio de banana, além disso, também cultiva hortaliças para consumo próprio, tendo sido instituída, em 1997, a Associação dos Remanescentes de Quilombos do Bairro Sapatu¹⁴, que trabalha com o objetivo de desenvolver a economia e a qualidade de vida dos residentes no local, porém, nem todos os moradores são associados (ITESP, 2000). Segundo a mesma fonte, dentre os projetos da comunidade está a confecção de artesanato utilizando recursos do local, como por exemplo, a fibra de bananeira.

Sapatu apresenta uma cobertura vegetal de matas e capoeiras de cerca de 85% (ITESP, 2000). Além da fauna e da flora presente na comunidade, no local se encontra a Gruta de Pedrões, primeira a ser cadastrada no Brasil (ISA, 2013).

Mesmo tendo sido reconhecida como remanescente de quilombo pelo ITESP no ano de 2001, a situação fundiária Sapatu ainda não está resolvida.

A história do Brasil foi constituída, também, pelos quilombolas que por muito tempo trabalharam forçosamente para o desenvolvimento da nação. Após o período escravocrata, muitas comunidades se formaram ou se mantiveram, constituindo territórios próprios, onde foi possível estabelecer laços sociais e culturais.

As comunidades quilombolas de Eldorado possuem uma rica história, tendo as de Ivaporunduva e Sapatu, objetos desta pesquisa, uma diversidade cultural que vem despertando interesse turístico ao longo dos anos. O PECD, local onde alguns residentes dessas comunidades desenvolvem suas atividades, pode configurar uma possibilidade de apresentar a história desse povo, gerando um sentimento de valorização que pode levar ao fortalecimento das tradições culturais quilombolas.

¹⁴ Essa associação foi criada para representar o interesse dos quilombolas na luta pelo território, sendo uma ação estimulada pela igreja católica. Antes dela havia a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Sapatu, que se originou com iniciativa, principalmente, das mulheres do bairro que se organizavam em torno da horta da comunidade (ISA, 2013).

Para se atingir o problema levantado para esta pesquisa e analisar as possibilidades de fortalecimento das tradições culturais dessas comunidades por meio do ecoturismo, entendeu-se que os estudos geográficos permitiriam grandes contribuições, possibilitando uma ligação entre turismo e cultura.

Assim, no capítulo 3 serão apresentados conceitos considerados importantes para esta dissertação, que tem sua base na geografia cultural, para abordar conceitos de cultura e identidade, identidade étnica, comunidades tradicionais, além de categorias de análise da geografia, lugar e território, finalizando com uma aproximação entre a geografia e a fenomenologia.

3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO GEOGRÁFICO PARA A PESQUISA SOBRE CULTURA

A geografia é uma ciência que se interliga com diversas áreas de estudo e atuação, o turismo é uma delas. Essa atividade aproxima pessoas com variados objetivos, condições sociais e econômicas, funções, culturas, entre outros. Ao se pensar no deslocamento do visitante, no fomento do comércio local, na troca de experiências e culturas, já se exemplifica a clara relação entre geografia e turismo.

Neste capítulo se apresentam conceitos considerados importantes para a abordagem sobre comunidades quilombolas. A geografia cultural permeará o trabalho e para conhecê-la um pouco mais, abordou-se de maneira mais pormenorizada como se desenvolveu o estudo geográfico.

Para escrever sobre a herança cultural dos descendentes de escravos, foi preciso conhecer um pouco mais sobre identidade e cultura e o que é a identidade étnica. Esses temas foram abordados visando facilitar o entendimento e apresentar os sentimentos dos quilombolas no que diz respeito a suas culturas e a possibilidade de fortalecimento das tradições por meio das atividades no Parque Estadual Caverna do Diabo (PECD).

A geografia apresenta cinco categorias principais de análise: espaço, região, paisagem, território e lugar. As duas últimas apresentaram maior significado para o desenvolvimento desta pesquisa, assim, uma aproximação entre o tema trabalhado e essas categorias será exposta para uma melhor compreensão da importância dessa ciência no estudo.

Os procedimentos metodológicos utilizados para esta pesquisa serão apresentados no capítulo 5, juntamente com os resultados obtidos. Optou-se, nesses procedimentos, por uma aproximação com o método fenomenológico e entendendo a complexidade do tema, considerou-se válido realizar uma contextualização sucinta sobre ela e mostrar sua relação com a geografia.

O embasamento deste capítulo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como importantes referenciais: Almeida (2008), Andrade (1987), Barth (2000), Buttner (1982), Castells (2008), Carril (2006), Claval (2011; 2014),

Corrêa (1999; 2011), Hall (2005) Tuan (1983), dentre outros. Salienta-se a grande contribuição de autores que não possuem a geografia por essência.

3.1 HISTÓRICO: DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA E GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia se trata de uma ciência que converge com outras nos mais variados campos de estudo. Ela pode ser considerada de difícil definição (ANDRADE, 1987), sendo que a abrangência dos seus estudos desperta interesse nas mais diversas áreas de atuação.

Apesar da dificuldade em defini-la, há um consenso de que ela se tornou uma ciência autônoma a partir do século XIX devido ao trabalho dos geógrafos alemães Alexandre Von Humboldt¹⁵ e Karl Ritter¹⁶, mas seu conhecimento e aplicação vêm desde a pré-história e foi crescendo com o desenvolvimento da sociedade na Terra (ANDRADE, 1987), abordando, por exemplo, desde fatores naturais como clima, relevo, hidrografia, até a análise das sociedades e sua interação com o meio. Essa relação entre seres humanos, seus hábitos e costumes e a natureza faz da geografia uma ciência importante para se pesquisar sobre cultura de comunidades quilombolas.

O desenvolvimento da ciência geográfica se deu por meio de suas escolas (ANDRADE, 1987), sendo consideradas as principais:

- Alemã - onde os estudos geográficos se desenvolveram com profundidade, uma vez que foi o país em que primeiro a geografia se institucionalizou, com

¹⁵ Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander Von Humboldt (1769 - 1859). Alemão, além de geógrafo, foi cartógrafo, explorador e naturalista. Desenvolveu importantes ramos da geografia como, por exemplo, climática, humana e geopolítica.

¹⁶ Karl Ritter (1779 - 1859). De origem alemã, foi historiador e filósofo de formação, atuou como professor de geografia na Universidade de Berlim (Alemanha), sendo fundador, juntamente do Alexander Von Humboldt, da Sociedade Geográfica de Berlim. Destacou a importância do homem, apresentando a relevância da geografia humana em sua primeira obra denominada: Europa, Quadros Geográficos, Históricos e Estatísticos.

grandes geógrafos como Humboldt, Ritter e Ratzel¹⁷. Diversas foram as tendências desta escola, com estudo das paisagens, de interesse político, de geografia tropical, de geografia econômica, de teorias de localização, de teoria dos lugares;

- Francesa - que teve Paul Vidal de La Blache¹⁸ como principal expoente. Andrade (1987) assevera que o geógrafo defendia a ideia de que o meio exercia alguma influência sobre o homem, mas este, dependendo da técnica e do capital, poderia influenciar no meio e;

- Norte-Americana - que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XIX através de estudos sobre Geografia Regional e Geomorfologia. A Geografia Humana tem no país (EUA) duas escolas, a de Chicago, dominada pelos seguidores de Ratzel e a de Berkeley que teve o geógrafo Carl Sauer¹⁹, considerado o pai da geografia cultural, como principal nome.

Enquanto ciência do espaço, a geografia permanece em constante mudança, sendo resultado da combinação de vários fatores, como por exemplo, cultural e social (ANDRADE, 1987).

A geografia humana analisa o homem, bem como as ações e relações que o envolvem, sua distribuição e atividades, formas de agrupamento, exploração e transformação do ambiente. Claval (2014) afirma que é por meio da cultura que se estabelece uma relação entre o homem e a natureza, sendo ela transmitida de uma geração a outra, porém com possibilidades de mudanças por interferências e novos conhecimentos. Corroborando com o fato da cultura se alterar, Hall (2005) cita que ela é adquirida, logo dinâmica. A cultura se forma através de realidades e signos, sendo um meio de diferenciação entre os seres humanos (CLAVAL, 2014).

O termo cultura passou a ser utilizado pela geografia alemã através da obra de Friedrich Ratzel denominada Antropogeografia, publicado em 1882, tendo a referida obra se tornado um suporte balizador da geografia humana (ZANATA, 2008; CLAVAL, 2014). Ainda no mesmo século, têm início os estudos sobre cultura na

¹⁷ Friedrich Ratzel (1844 - 1904). Deu início aos estudos geográficos modernos, bem como a sua sistematização científica. Considerado o percussor da geografia política e do determinismo geográfico. Sua principal obra foi: Antropogeografia.

¹⁸ Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Geógrafo francês que se opunha ao determinismo geográfico e foi reconhecido por ser um dos difusores da geografia humana. Defendia a geografia regional e elaborou o conceito de gênero de vida.

¹⁹ Carl Ortwin Sauer (1889-1975). Considerado o pai da geografia cultural.

França, por Paul Vidal de La Blache (ANDRADE, 1987). Ao mesmo tempo em que surgia a geografia humana, no final do século XIX, nascia também a geografia cultural (CLAVAL, 2011).

O interesse da geografia cultural, até a década de 1940, voltava-se, em especial, para as marcas da cultura na paisagem ou à ideia de gênero de vida, tendo os fatores subjetivos, relacionados a espaço e cultura, recebido pouca atenção até então, fato que teria colaborado para o declínio da abordagem cultural na geografia nos anos seguintes (CLAVAL, 2014). A retomada dessa abordagem se deu ao término dos anos 1970, deixando de focar seus estudos sobre a diversidade cultural com base em conteúdos materiais, para concordar que a cultura se relaciona ao conjunto de representações, significados, símbolos, identidade.

Um fator para a retomada da geografia cultural foi o reconhecimento da cultura como condicionante da conformação e alteração do espaço. Essa retomada veio com novas abordagens, fazendo com que houvesse uma diversidade de enfoques na geografia cultural.

Com a revalorização de características do humanismo, a preocupação dos geógrafos culturais passa a ser o homem como criador e criatura do mundo em que vive. Neste trabalho se vale dessa preocupação, a relação do ser com o lugar em que vive, suas experiências, fazendo com que a aporte fenomenológico na geografia cultural, seja de grande importância para o seu desenvolvimento.

Entende-se então, para esta pesquisa, que a geografia cultural se caracteriza pela análise de temas relacionados a singularidades de um povo, com base em seus aspectos materiais, mas também relacionada às representações, significados e valores que os integra ou difere.

Para se estudar as comunidades quilombolas, abordando-as por meio dos conhecimentos da geografia cultural, considerou-se ser importante um enfoque sobre cultura e identidade.

3.1.1 Cultura e Identidade

O conjunto das Ciências Humanas tem a cultura como um campo comum de estudo (CLAVAL, 2014). Tendo em vista a diversidade de acepções em variados

contextos, é difícil encontrar uma definição de cultura que seja de aceitação unânime. Rocha e Almeida (2005) afirmam que o fato da Antropologia Cultural reconhecer que o homem encontra significado em um mundo que foi construído por ele mesmo, faz com que seu conceito seja o mais aceito pela Geografia.

A cultura se faz de modo coletivo, esculpindo o ser humano e seus relacionamentos, direcionando a sociedade e organizando as formas de constituição de um território (CLAVAL, 2014).

No entendimento de Claval (2014, p. 71), “A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”. Corroborar-se com esse entendimento, sendo ele o conceito de cultura adotado para esta pesquisa. Por ser dinâmica, a cultura pode se reconstruir de diversos modos, como por exemplo, através de meios de comunicação, chegada de um novo grupo ou pelo desenvolvimento da atividade turística.

De acordo com Barth (2000, p. 25), “cultura nada mais é do que uma maneira de descrever o comportamento humano”. Tuan (1983) afirma que o homem é influenciado em seus valores e comportamento através da cultura, ela constitui identificadores que lhes são próprios, como os símbolos, costumes, crenças, idioma, entre outros, e esses identificadores diferenciam os grupos humanos um dos outros. É através da cultura que as pessoas percebem o mundo em que vivem, concebem os seus territórios de experiência e se identificam.

Ao abordar sobre identidade, Castells (2008, p. 22) a define como “[...] o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. Para Hall (2005), a construção da identidade se dá por processos inconscientes que acontecem ao longo do tempo.

[...] a construção de identidades vale-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva [...] pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso [...]. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua

estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (CASTELLS, 2008, p. 23).

Pode-se dizer que a identidade se constrói por meio das experiências e significados de um povo, e essa construção se dá no passado, por meio das memórias.

Ao adotar o conceito de Castells (2008) sobre identidade e agregando ao conhecimento de cultura de Claval (2014), afirma-se então que a identidade cultural marca e individualiza o ser humano e a sociedade em que se insere e compartilha da mesma memória. Coloca-se aqui o entendimento de identidade cultural como sendo um conjunto de relações sociais e patrimônios simbólicos que são comuns a um grupo que, por sua vez compartilha seus valores entre seus membros e por meio dela cria o sentimento de pertencimento.

Apesar da individualização do homem ou do grupo em que se insere, acredita-se ser impossível que a identidade cultural se mantenha intacta, logo, corrobora-se com o entendimento de Hall (2005, p. 13) de que “[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Para o autor, a multiplicação de significações e representações culturais leva a uma troca de identidade, mesmo que não seja de forma permanente.

Claval (2014, p. 187) menciona que a identidade cultural se dá por meio da contribuição de três componentes: “1) a vontade de se conformar aos usos de um grupo; 2) a ideia de uma origem comum; 3) a construção da pessoa, baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida em torno dos valores centrais da cultura”. Ao abordar as comunidades pesquisadas nesta dissertação, esse entendimento do autor pode ser verificado através do próprio processo de reconhecimento como tradicional quilombola, uma vez que esses se autodefinem como tal, identificando-se com a história e cultura de seus antepassados.

Para Hall (2005), as identidades se encontram no tempo e espaço simbólicos, levando em conta o sentido de lugar, as paisagens peculiares, além das suas localizações de tempo. Corrobora-se com o entendimento do autor ao se afirmar que a identidade das comunidades quilombolas de Eldorado se deu através do processo histórico que tiveram, fazendo com o espaço que habitam passasse a receber um sentido próprio, de acordo com a relação que desenvolvem com este.

A construção ou reconstrução da identidade se dá pelo sentimento de pertencimento a uma cultura e isso auxilia para que o ser ou grupo procure traços dessa cultura, que pode se dar através da sua etnia, ou seja, pelas semelhanças culturais advinda de uma mesma origem.

3.1.2 Identidade Étnica

Para que se aborde a cultura quilombola, considera-se ser preciso discorrer sobre a identidade étnica, já que a etnicidade se relaciona diretamente a identidade de uma comunidade. Diversas são as discussões entre geógrafos, antropólogos, historiadores, sociólogos, dentre outros, sobre identidades culturais e, acredita-se, que esse fato pode ser atribuído, também, aos movimentos das minorias étnicas e culturais. Esses debates têm buscado compreender de que modo se formam e se transformam essas identidades.

O conceito de etnicidade está relacionado com o sentido organizacional dos grupos étnicos, esses são entendidos como categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores que além de se perpetuarem biologicamente, compartilham valores culturais fundamentais (BARTH, 2000). O autor cita que:

A expressão grupo étnico é geralmente entendida na literatura antropológica como a designação de uma população que:

1. Em grande medida se autoperpetua do ponto de vista biológico;
2. Compartilha valores culturais fundamentais, realizados de modo patentemente unitário;
3. Constitui um campo de comunicação e interação;
4. Tem um conjunto e membros que se identificam e são identificados por outros, como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma ordem (BARTH, 2000, p. 27).

Apesar da definição acima ser encontrada nas literaturas antropológicas, Barth (2000), não concorda com ela integralmente, pois, para o autor, tratam-se de ideias pré-concebidas. Para ele, os pressupostos biológicos, linguísticos e culturais não podem definir a etnicidade de um grupo, mas sim o modo como se identificam e são identificados pelos outros.

A identidade étnica leva ao sentido de união e a busca pelos mesmos objetivos, levando “[...] pessoas a se agruparem sob uma mesma expressão coletiva, a declararem seu pertencimento a um povo ou a um grupo, a afirmarem

uma territorialidade específica e a encaminharem organizadamente demandas face ao Estado” (ALMEIDA, 2008, p. 30). Com o reconhecimento de suas identidades étnicas, as comunidades quilombolas de Ivaporunduva e Sapatu foram se organizando ao longo do tempo para alcançar seus objetivos, dentre esses, a luta por seus territórios.

Barth (2000) afirma que a etnicidade é definida por meio de fronteiras, as distinções entre grupos podem ser percebidas por meio da linha imaginária que os separa. Acredita-se que, com a globalização, traços culturais de um grupo étnico podem se fragmentar, sofrer influência ou se tornar comum entre diversos grupos, fato que não materializa a perda da identidade, mas sim incorpora novas características que se agregam a cultura de um povo. Mesmo com as transformações culturais, a etnicidade de um grupo pode ser verificada por meio de suas diferenças encontradas nos limites entre grupos ou comunidades.

A origem da etnicidade está no compartilhamento de vários traços culturais que faz com que a identidade se forme e, mesmo com a absorção de novos traços, seja mantida e se torne a herança cultural de um povo.

A identidade étnica passa a ser percebida no momento de interação com outros grupos, pois no isolamento ela não é evidente. E desse modo, as comunidades quilombolas aqui pesquisadas começaram a ser reconhecidas, quando iniciaram uma maior aproximação com o meio urbano do município de Eldorado, com os trabalhos desenvolvidos através da atividade turística, entre outros.

Quando se pensa na identidade étnica de grupos como comunidades quilombolas (e outros), deve-se ter claro que, ao visitar uma comunidade, não se encontrará pessoas vivendo do mesmo modo em que chegaram ao lugar em que habitam, usando as mesmas vestes, se alimentando do mesmo modo. Muitas vezes a reconstrução da identidade faz com que traços culturais, que poderiam estar se perdendo, sejam restaurados e o turismo pode (não necessariamente o faz), contribuir para que isso aconteça.

3.2 GEOGRAFIA E COMUNIDADES QUILOMBOLAS: A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO EM LUGAR E TERRITÓRIO.

Conforme já citado, além do *espaço*, principal categoria de análise da geografia, existem outros conceitos chaves para os estudos geográficos como, por exemplo, *lugar*, *paisagem*, *região* e *território*. Nesta pesquisa se encontrou nas categorias *lugar* e *território* uma maior aderência, apesar de também envolver as demais.

A abordagem sobre a cultura e tradição de comunidades quilombolas revela a relação sentimental que existe entre esses grupos e o lugar em que habitam, mostrando aí a importância dessa categoria de análise. A ligação entre os povos tradicionais e o território que há muito tempo foi ocupado também precisa ser apresentada, mas aqui, mostra-se que essa relação vai além do sentido de poder, pois esses são espaços que definem essas comunidades, demonstram a relação e o sentimento que possuem com as suas terras.

3.2.1 Lugar: onde a vida acontece

É impossível pensar na história do Brasil e não a associar aos escravos africanos. A contrariedade ao modo de vida que eram obrigados a ter, além de outras maneiras já percorridas nesta pesquisa, levaram a formação de diversos quilombos no país. Esses lugares passaram a ser, além de refúgio, um ponto de identificação para essas pessoas, que desenvolveram sentimentos diversos com a localidade em que estavam vivendo, fazendo com que isso venha sendo transmitido por diversas gerações.

Por meio do conceito de espaço percebido, encontra-se o entendimento de lugar, que pode ser apreendido como o ponto no espaço interpretado pelo homem, uma área de afeto e familiaridade. Tuan (1983, p. 6) cita que “espaço é mais abstrato do que lugar, podemos chamá-lo de espaço do cotidiano. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Na mesma linha de pensamento, Corrêa (2011)

afirma que quando se torna experienciado, com ligações subjetivas, esse espaço passa a receber o sentido de lugar.

Indo um pouco além, ao pensar na ligação do quilombola com a área em que habita, é possível, muitas vezes, utilizar o conceito de lugares de memórias os quais, segundo Nora (1993, p. 13) “[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”. Assim, a tradição quilombola é uma forma de identificação do indivíduo contemporâneo com a origem de seu povo, já que essas foram passadas de geração para geração

Tuan (1983, p. 179) entende que “lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar”. Nessa direção é possível asseverar que para existir o sentido de lugar, é preciso que haja uma relação sentimental com um local, independentemente do modo com que essa se dá. A resistência dos moradores das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu, assim como outras distribuídas pelo território nacional, faz com que o lugar em que vivem seja imortalizado com referências culturais, históricas e de luta por liberdade e reconhecimento.

Pode-se afirmar que a primeira referência que se tem no mundo está em um lugar, pois é nele que os laços são estabelecidos e ele só recebe esse sentido por causa da relação entre as pessoas e dessas com o meio. Esse conceito abrange as experiências e o modo com que são vividas, onde se encontram os acontecimentos mais importantes vivenciados pelo homem. Então, utiliza-se como conceito para a presente pesquisa que lugar é um recorte do espaço geográfico repleto de significados existenciais e simbólicos.

A partir disso, pode-se afirmar que o vínculo entre os remanescentes de quilombos e o lugar em que vivem vai além da relação física, havendo também o elo emocional, já que é na comunidade que estão fixadas suas raízes culturais, suas memórias, fazendo com que se relacionem com seu passado (AGUIAR, 2015).

O lugar, partindo do conhecimento geográfico, é um ponto do espaço em que o homem vive, onde se constrói uma relação histórica e cultural, criando o

sentimento de identidade e de pertencimento “[...] posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele [...]” (CARLOS, 1996, p. 29). O lugar permite a relação com a história de seus ancestrais e a preparação deste para seus descendentes.

Compreende-se que este ponto definido no espaço geográfico por meio das relações sentimentais com o mesmo apresenta um significado especial e diferente para cada indivíduo, apesar disso, a vida em comunidade traz um reconhecimento comum. As pessoas frequentam a mesma igreja, estudam nas mesmas escolas, se encontram na mesma praça e assim vão se entrelaçando. Claval (2014, p. 124) afirma que:

A partir dessas unidades de convivência, ampliam-se os círculos de lugares aos quais se pertence: sente-se próximo dos habitantes da região, que têm o mesmo falar, a mesma culinária, um passado comum que evoca os locais especiais, os monumentos, as comemorações [...].

As comunidades quilombolas de Eldorado abordadas por esta pesquisa possuem proximidade geográfica e similaridade histórica, fazendo com que a relação afetiva extrapole os limites territoriais de cada uma. Existe um vínculo entre essas pessoas que faz com que reconheçam esses lugares. Entende-se também, que os seus territórios marcam o vínculo sentimental com a terra, conforme se explanará a seguir.

3.2.2 Território: além do sentimento de poder

A melhor maneira de se observar o que acontece em determinado espaço geográfico é através de um território e a geografia é exatamente a ciência do território (ANJOS, 2014). Através do espaço delimitado e utilizado por um grupo é possível verificar as desigualdades nele encontradas, diversidades populacionais, potenciais naturais.

Para a Geografia Cultural, território, apesar de também se referir a uma porção de terra, não se trata de uma categoria no sentido de apropriação, diferenciando-se do sentido ratzeliano que se refere a uma área delimitada por fronteiras (ROCHA; ALMEIDA, 2005). Nesse caso, território remete ao sentimento

envolvido em determinado espaço onde são vivenciadas as experiências de um povo.

Na leitura da análise crítica, território implica, não apenas na ocupação, mas na apropriação, pois apropriar-se do território, é ter a prerrogativa do controle, do domínio sobre determinada área. Para a Geografia Crítica, o valor do espaço territorializado é o direito do valor do uso e do controle desse espaço. Por essa razão, o MST usa o território como categoria de análise, porque para o movimento, a questão não é distribuir propriedades, mas é o direito do controle, da apropriação, do uso. No caso da cultura como identidade territorial, a forma de conceber território muda, pois ele passa a ser o lugar da vivência, da experiência, do mundo-vivido (ROCHA; ALMEIDA, 2005, p. 11).

O território quilombola abordado por esta pesquisa envolve o sentimento de pertencimento advindo das representações e identidade cultural, sendo concebido através de diversos processos históricos, o que permite afirmar que esse se encontra em constante processo de mudança. Carril (2006, p. 41) relata a importância de um território ao afirmar que “O quilombo tem sua identidade reconstruída através de seu território”.

Hall (2005) afirma que o ser humano é influenciado pelo ambiente sócio-histórico-cultural, desse modo, no sentido de pertencimento sobre um território prevalece à ideia de territorialidade, já que cada ser se forma e se transforma de acordo com o meio em que vive. “A formação de quilombos constituiu nova territorialidade que permitiu a reconstrução da sobrevivência física e cultural dos escravos” (CARRIL, 2006, p. 61)

Corroborando com o pensamento de Claval (2014) que discorre que a base territorial é necessária para uma vida em comunidade, acredita-se que o território, para as comunidades tradicionais quilombolas, vai além da extensão da terra, é um lugar do espaço geográfico em que interliga o povo através de sua história, onde acontece, além da produção material, a produção de valores culturais. Para Gusmão (1999, p. 145):

O negro faz parte de uma terra singular, uma terra que possui e da qual é possuído. Sua história nela se inscreve e ele próprio, enquanto negro, nela - a terra - encontra-se inscrito... sua relação com ela (terra) é centrada em ritos, mitos, lendas e fatos. Memórias que contam a sua saga, revelam a sua origem e desvendam, além da própria trajetória, a vida em seu movimento.

A história de uma comunidade é contada por meio da memória, e a história é marcada pelo lugar, pois é o que define o negro não como um ser comum, mas sim como sendo de uma comunidade que ocupa um território que lhe pertence (GUSMÃO, 1999). A esse respeito, sobre os quilombolas, Carril (2006, p. 54) afirma que “o território é a prova histórica de sua identidade, o que os vincula à formação da comunidade e do acesso à terra”.

Por meio do sentimento de pertencimento, se dá a identidade étnica. Para os quilombolas, essa disposição afetiva está presa ao território em que vivem. Segundo Santos (2004, p. 26), “a territorialidade não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que mantemos com ele”, assim, tem-se para esta pesquisa que um território vai além de ser o local em que se vive, circula, trabalha, reside, é o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os seres e desses com a terra é marcado por sentimentos. São espaços onde as práticas que lhes dão identidade de fato ocorrem.

As comunidades tradicionais de Ivaporunduva e Sapatu são rurais e para elas “a base territorial é imprescindível para a coesão interna e é em torno da territorialidade fixada em um ecossistema, e até preservando este, que os quilombolas lutam para seu reconhecimento” (CARRIL, 2006, p. 67).

De acordo com Almeida (2008, p. 118;119):

O significado de “tradicional” mostra-se, deste modo, dinâmico e como um fator do presente, rompendo a visão essencialista e de fixidez de um território, explicado principalmente por fatores históricos ou pelo quadro natural, como se cada bioma correspondesse a uma certa identidade.

A conquista dos quilombolas, por meio do artigo 68 da Constituição de 1988, que dá direito à terra aos descendentes de escravos, mostra a legitimidade da luta dessas pessoas, fazendo com que se confirmasse a ligação entre o território em que vivem e sua história e cultura (CARRIL, 2006).

Os quilombos são sentimentalmente ligados ao território, sendo esse de vital importância, uma vez que não se trata apenas do local de sobrevivência, mas também de instrumento para a afirmação da identidade e manutenção de suas culturas, os identificando com as histórias de luta por liberdade e autonomia por eles vivenciadas.

3.3 A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA

A fenomenologia abrange estudos da essência dos fenômenos, sejam eles materiais ou imateriais. Apesar desse termo já ter sido empregado por seus antecessores, foi consolidado por meio dos conhecimentos do matemático e filósofo alemão Edmund Gustav Albert Husserl²⁰. “

Husserl construiu a sua fenomenologia de forma a buscar a “volta às coisas mesmas”, tentando atingir a essência dos fenômenos por meio da redução fenomenológica (DARTIGUES, 1992).

Nitsche (2007, p. 35), apresenta uma explicação sobre fenomenologia que pode ser considerada de fácil entendimento:

Compreendemos que a fenomenologia quando questiona o conhecimento baseado em critérios positivistas, passa a valorizar aquilo que está por trás do que aparece em forma de dados e fatos. O que aparece é o fenômeno, composto por coisas e objetos. A fenomenologia busca o sentido do fenômeno, ou seja, a sua essência revelada pelos objetos. Como captar esta essência? Retornando as *coisas mesmas* e descrevendo os modos típicos que os objetos se apresentam à consciência, mas para tal, é necessário descobrir o seu significado por meio da forma como eles são vivenciados.

Dartigues (1992, p. 15) afirma que:

Sem dúvida, há uma essência de cada objeto que percebemos: árvore, mesa, casa, etc. e das qualidades que atribuímos a estes objetos: verde, rugoso, confortável, etc. Mas se a essência não é a coisa ou qualidade, se ela é somente o ser da coisa ou da qualidade, isto é, um puro possível para cuja definição a existência não entra em conta, poderá haver tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir, isto é, tantas quantos objetos nossa percepção, nossa memória, nossa imaginação, nosso pensamento podem se dar independentes da experiência sensível, muito embora se dado através dela, as essências constituem como que a armadura inteligível do ser, tendo sua estrutura e suas leis próprias.

O entendimento da fenomenologia a nortear esta pesquisa é o da valorização do que está além do que aparece em formas e fatos, acreditando-se ser necessário ir ao encontro do fenômeno como ele se dá, como surge à consciência.

²⁰ Edmund Gustav Albert Husserl (1859 - 1938). Autor de obras como “A ideia da fenomenologia” e “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica”.

A fenomenologia é utilizada por diversas áreas de estudos como sociologia, antropologia, psicologia, bem como pela geografia.

Na visão de Corrêa (1999, p. 52), a geografia humanista é aquela “que valoriza a experiência, a intersubjetividade, os sentimentos, a intuição e a compreensão daquilo que não se repete”. Tem como inquietação a abordagem sobre os valores, significados, intenções das ações dos homens, dentre outros, podendo-se inferir então, que os seres humanos compõem o seu ponto central de análise.

Segundo Sousa (2012), são as experiências, sentimentos, práticas simbólicas e dimensões subjetivas que formam a base para que essa análise seja possível. Ao se pensar que o homem se encontra no centro das atenções, entende-se que os espaços onde esse vive passam a ganhar sentido, transformando-se em espaços vividos e construídos com base nas experiências e relações desenvolvidas.

Holzer (2003, p. 114) explica que para Eric Dardel²¹ “a geografia se refere à inserção do homem - no - mundo, de modo que não pode lidar apenas com aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado”. Entende-se então, que os geógrafos passaram a se interessar pela fenomenologia nos estudos sobre o espaço.

Alicerçada em filosofias fenomenológicas, existencialistas e hermenêuticas, na década de 1970, a geografia de cunho humanista voltou seu olhar para temas como espaço vivido, percepção, subjetividade, valores humanos, somando então as contribuições dessas correntes filosóficas ao estudo da geografia (SOUSA, 2012). Os geógrafos que discordavam do modelo mecanicista e cientificista da Nova Geografia, encontraram na fenomenologia meios para uma reflexão sobre a experiência do homem na ocupação da terra.

A obra de Dardel foi redescoberta nessa década pelo geógrafo Edward Charles Relph²² e também utilizada por Yi-Fu Tuan²³, tendo esse ressurgimento gerado em muitos geógrafos ligados à geografia cultural, o interesse pela

²¹ Éric Dardel (1899 - 1967). Geógrafo francês que formou importante base para os estudos da geografia através dos métodos fenomenológicos. Autor da obra *O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*.

²² Edward Relph (1944 -) Geógrafo canadense autor de obras como: *Place and Placelessness* (1976) e *Rational Landscapes and Humanistic Geography* (1981).

²³ Yi-Fu Tuan (1930 -) Geógrafo sino - americano autor de obras como: *Espaço e Lugar* (1983) e *Topofilia* (1980).

fenomenologia em um período em que a geografia quantitativa predominava. De acordo com Pádua (2013, p. 25):

A experiência geográfica antecede a ciência e independe dela, mas pode ser recomposta no campo filosófico da fenomenologia - consciência geográfica - porque para a fenomenologia não há separação possível entre o sujeito e o objeto e a consciência se revela ao mesmo tempo como intencionalidade, experiência e vivência do eu, fazendo com que as coisas se revelem em si.

Tendo em vista a centralidade humana e os sentimentos carregados por esses, a geografia humanista se volta para o estudo da categoria *lugar* (SOUSA, 2012). Buttimer (1982), ao tratar da relação das pessoas em seu mundo vivido, indica a importância da fenomenologia para a geografia:

O mundo vivido, na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência. [...] A fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar a sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominadores comuns na experiência dos outros. Necessitamos de uma linguagem e de um conjunto de categorias que irão nos habilitar a investigar a experiência do mundo vivido e a comunicarmos a seu respeito (BUTTIMER, 1982, p. 185).

O mundo vivido é aquele construído pelo homem enquanto ser, é ele que dá a existência a esse mundo (SOUSA, 2012). O geógrafo humanista, para Buttimer (1982, p. 182), “precisa imaginar a si próprio como um estrangeiro”, pois somente dessa forma é possível perceber o espaço vivido do outro.

Entende-se que a aproximação entre a fenomenologia e a geografia permitiu com que as noções de espaço deixassem de ser apenas material, aproximando-se de um espaço subjetivo.

A fenomenologia convida-nos a explorar algumas das condições e forças unificadoras na experiência humana do mundo. Supondo-se que tais condições unificadoras podem residir nas facetas rotineiramente dadas pela vida diária, esta noção oferece um bom início para um diálogo entre fenomenologia e Geografia (BUTTIMER, 1982, p. 172).

Dentre os principais focos de abordagem da geografia humanista estão o conhecimento geográfico, as noções de território e lugar, o apinhamento e a privacidade e a religião. (TUAN, 1976a²⁴ *apud* PÁDUA, 2013, p. 29), sendo que os

²⁴ TUAN, Y. F. Humanistic Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 6, n. 2, p. 266-276, 1976a.

conceitos de território e lugar se apresentaram com relevância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Buscou-se mostrar neste capítulo que a geografia apresenta grande importância para o desenvolvimento de pesquisas sobre turismo. Através dos conceitos da geografia cultural, é possível entender um pouco mais sobre cultura, identidade, etnicidade e, ao abordar a fenomenologia e sua relação com a geografia, objetivou-se clarificar que os estudos geográficos são enriquecidos por esta corrente, tendo em vista o sentido dado ao lugar ocupado pelo homem.

No próximo capítulo se abordará, valendo-se do conhecimento geográfico, sobre a atividade turística e sua relação com as comunidades tradicionais quilombolas de Eldorado e o Parque Estadual Caverna do Diabo.

4 A ATIVIDADE TURÍSTICA E SUA LIGAÇÃO COM O PARQUE ESTADUAL CAVERNA DO DIABO E COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ELDORADO

Ao se pensar no desenvolvimento de uma localidade de modo sustentável, é imprescindível que a comunidade esteja inserida no processo de planejamento e gestão. Neste capítulo se apresentará o envolvimento dos moradores das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu nas atividades de uso público no Parque Estadual Caverna do Diabo (PECD). Essa relação se dá por meio do serviço de monitoria ambiental desempenhado pela Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado (AMAMEL).

Para abordar o ecoturismo na unidade de conservação, acreditou-se ser importante apresentar conceitos sobre esse tipo de turismo, abordando a atividade turística em ambientes naturais e seu desenvolvimento sustentável.

As comunidades quilombolas possuem um riquíssimo patrimônio cultural, isso permitiu que as mesmas se organizassem e passassem a trabalhar o turismo em seus próprios territórios. Assim, entende-se que a atividade turística na unidade de conservação complementa as ações já desenvolvidas por essas comunidades.

Procurou-se estabelecer uma relação entre turismo e os patrimônios culturais, levando a apresentação dos principais bens de Ivaporunduva e Sapatu. Na presente pesquisa se analisou se por meio das ações desenvolvidas no PECD havia possibilidade de fortalecer as tradições culturais dos quilombolas, bem com proteger seus patrimônios.

Para a fundamentação deste capítulo utilizou-se como principais referências: Bahl (2004), Claval (2014), Cruz (2001), ISA (2013), Santos (1994; 2000), Tuan (1983).

4.1 TURISMO, TURISMO EM AMBIENTES NATURAIS E ECOTURISMO – DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Além da dinâmica natural, o espaço geográfico possui também uma dinâmica social, que se dá por meio das pessoas que nele vivem e desenvolvem suas atividades. De acordo com Tuan (1983), para os seres humanos, o espaço é

um meio para a sobrevivência biológica e social, sendo este um termo abstrato para um conjunto de ideias.

Ao se apropriar e transformar as áreas em que habitam, ocorre a produção do espaço pelo homem, que pode acontecer de distintas maneiras, de acordo, por exemplo, com as normas vigentes, valores, interesses políticos, econômicos, dentre outras.

Mais do que ser um negócio global, o turismo possibilita que haja relacionamento entre pessoas com modo de vida distintas e, permite ainda, conhecer a diversidade natural e cultural do planeta (PANOSSO NETTO; TRIGO, 2009). São nesses pontos, para a presente pesquisa, que o turismo e a geografia se encontram, pois, a segunda ao analisar os lugares, os territórios e os espaços, converge com a primeira que se dá pela movimentação de pessoas nesses.

O espaço é organizado de acordo com a necessidade do homem, podendo ser produzido de diversas maneiras, o turismo é uma delas, já que se trata de uma atividade que envolve socialização, conhecimento, adaptação e transformação (ou não) do lugar ou território para que possa acontecer. Pode ser interpretado como um fenômeno que gera uma (des)ordem espacial, sendo, no entendimento de Rodrigues (1999, p. 56) “[...] uma atividade que produz (mesmo quando se apropria sem transformar) um espaço”.

Trata-se de um agente do espaço, pois abrange fatores sociais, culturais, econômicos e ambientais. Cabe salientar que o turismo se utiliza das paisagens, espaços, lugares, culturas, entre outros, sendo então o espaço geográfico o local onde o turismo efetivamente ocorre. Segundo Cruz (2001, p. 5), o turismo é “antes de mais nada, uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”.

Segundo Tuan (2011²⁵, *apud* PÁDUA, 2013) existe uma conexão entre espaço, lugar e tempo. Corrobora-se com o autor, no entendimento de que o espaço se dá através do lugar.

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se

²⁵ TUAN, Y. F. Espaço, Tempo, Lugar: um arcabouço humanista. Tradução Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 8-19, Inverno 2011.

pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

Tuan (1983) cita que a compreensão do espaço se dá através da visão, do tato e da cinestesia que para o autor se tratam de espacializadores.

Entendendo a relação entre a atividade turística e o espaço geográfico, considera-se importante apresentar a definição de Turismo que, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2003, p. 20), “[...] são as atividades de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por não mais de um ano consecutivo a lazer, a negócios ou por outros motivos”.

Essa atividade está ligada diretamente às características geográficas de uma localidade, como por exemplo, vegetação, relevo, rios, condições ambientais (que compõem as paisagens naturais), museus, arquitetura, eventos, entre outros (que formam as paisagens culturais). Quando as paisagens apresentam aspectos naturais e culturais particulares, acabam por desenvolver forte poder de atração sobre as pessoas, que por sua vez, tornam-se visitantes em potencial. Nesse sentido, Bahl (2004) menciona que os elementos naturais tendem a serem motivadores, fazendo com que as pessoas tenham interesse em conhecê-los.

Ao se pensar na organização da atividade turística objetivando o planejamento, gestão e mercado, depara-se com a segmentação, que no caso do turismo pode ocorrer através da identificação com a oferta, assim como pelas características da demanda (BRASIL, 2006a, n. p.). De acordo com o Ministério do Turismo:

A partir da oferta, a segmentação define tipos de turismo cuja identidade pode ser conferida pela existência, em um território, de:

- atividades, práticas e tradições (agropecuária, pesca, esporte, manifestações culturais, manifestações de fé)
- aspectos e características (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais)
- determinados serviços e infraestrutura (de saúde, de educação, de eventos, de hospedagem, de lazer) (BRASIL, 2006a, n. p.).

A segmentação define os tipos de turismo, sendo que alguns são apresentados no quadro 2, de acordo como mostra o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006a):

TIPOS	
Aventura	Pesca
Sol e praia	Saúde
Negócios e eventos	Estudos e intercâmbio
Social	Náutico
Ecoturismo	Esportes
Comunitário	Cultural
Rural	

QUADRO 2 - TIPOS DE TURISMO
 FONTE: Elaborado pela autora a partir de Brasil (2006a).

O ecoturismo pode ser considerado como uma forma de desenvolver a atividade turística em Unidades de Conservação, causando, ou devendo causar, baixo impacto ambiental. Acredita-se que esse é um tipo de turismo que, quando corretamente planejado, resulta em um meio sustentável para o desenvolvimento econômico e social, podendo acontecer de modo paralelo e integrado a outros tipos, como o turismo cultural e de base comunitária, sendo exemplo o que acontece no Parque Estadual Caverna do Diabo e comunidades quilombolas de Ivaporunduva e Sapatu.

A partir deste momento, abordar-se-á sobre o ecoturismo e a relação com os quilombolas, mas antecedendo, acredita-se ser importante uma abordagem sobre o turismo sustentável em áreas naturais.

4.1.1 Turismo sustentável em áreas naturais

Ao abordar turismo sustentável, Swarbrooke (2002) explica que esse não envolve apenas os cuidados com o meio ambiente, mas também se relaciona com a continuidade da viabilidade econômica e responsabilidade social. Neste item, ao tratar a importância do turismo sustentável em áreas naturais, estarão subentendidos os fatores econômicos e sociais, tendo em vista que esses são inseparáveis.

O conceito de sustentabilidade tem origem na definição de desenvolvimento sustentável que consta no Relatório de Brundtland²⁶, elaborado pela Organização das

²⁶ Documento elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento cujo título é: Nosso Futuro Comum. O relatório apresenta críticas sobre o modelo de desenvolvimento

Nações Unidas, que afirma que o desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer as gerações futuras de satisfazerem as suas necessidades (ONU, 1987).

Essa definição abrange não somente o meio ambiente, mas a sociedade e os sistemas econômicos, estando o desafio incutido na ideia de equilíbrio. Assim, o ideal da sustentabilidade está na utilização dos recursos de modo responsável, socialmente justo e economicamente viável.

De acordo com Vieira (2010), no turismo, existe uma tendência pela procura de destinos afastados dos grandes centros urbanos, tendo em vista a necessidade e desejo do homem de se distanciar dos problemas do cotidiano, se aproximando do ambiente natural. O mesmo autor afirma que a valorização ao campo já é dada desde o período da Revolução Industrial, quando a vida na cidade passou a se tornar complicada com o desenvolvimento do ambiente fabril, despertando a vontade de sair do meio urbano, meio este que anteriormente era sinônimo de civilização.

Esse almejo em vivenciar o ambiente natural expandiu a visão capitalista, fazendo com que o turismo passasse a ser planejado nesses tipos de áreas, porém, estimulando os preceitos de sustentabilidade e envolvendo a comunidade local (VIEIRA, 2010). Assim, o ideal conservacionista fortemente difundido nas últimas décadas encontrou no turismo a possibilidade de exploração dos recursos naturais de modo sustentável.

A Organização Mundial do Turismo define turismo sustentável como sendo aquele que “atende as necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro” (OMT, 2003, p. 24).

Entende-se que para o planejamento do turismo sustentável, independente se a atividade se dá ou não em ambiente natural, é necessário considerar fatores como utilização do espaço causando o menor impacto possível, o engajamento social e a capacidade de integrar a comunidade de um local no sistema econômico, além da manutenção da integridade cultural dos residentes.

econômico e aponta os riscos da utilização dos recursos naturais sem levar em conta que são esgotáveis.

No ano de 2006, o Ministério do Meio Ambiente já apontava que a visitação de áreas naturais tanto no Brasil quanto no mundo seguia em crescente desde o ano de 1996, com previsão de que as atividades turísticas em contato com a natureza aumentariam de 10% a 30% por ano (BRASIL, 2006b).

Em meio as mais variadas conjunturas sociais, econômicas e políticas de cada época, no decorrer do século XX diversos foram os modos de se pensar sobre o meio ambiente. Nas últimas décadas, porém, a visão conservacionista auferiu maior evidência, fazendo com que a sociedade, juntamente com os poderes público e privado passasse a perceber a urgência da conservação dos recursos naturais.

Diversos acontecimentos mundiais foram realizados voltados a esse tema, sendo que no Brasil essa discussão começou a se fortalecer na década de 1980, recebendo forte notoriedade com a Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ficou conhecida como Eco-92²⁷, realizada no Rio de Janeiro.

Possuindo um baixo impacto ambiental, se comparado à agricultura tradicional, por exemplo, e não necessitando de grandiosas e degradantes estruturas para se desenvolver, o turismo é tido como uma das principais atividades a se realizar no ambiente natural, incluindo-se as Unidades de Conservação, estando previsto dentre os objetivos do SNUC da seguinte forma: “favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico” (BRASIL, 2000).

Os temas conservação ambiental, identidade cultural, inclusão, valorização estão em voga, mas é preciso ir à essência desses conceitos para que a importância desses assuntos seja realmente colocada em prática.

Alguns tipos de turismo desenvolvidos em ambientes naturais têm por objetivo executar esses conceitos, focando a sustentabilidade que se dá pelo tripé do desenvolvimento econômico, social e conservação ambiental.

²⁷ Encontro internacional ocorrido no Rio de Janeiro em junho de 1992. Teve como objetivo discutir problemas e buscar meios para proteção do meio ambiente.

4.1.2 Ecoturismo

Tendo em vista a preocupação com a sustentabilidade, dentre as variadas segmentações do turismo, acredita-se que o ecoturismo vem recebendo destaque com o passar dos anos. Conceitualmente essa terminologia teve origem na década de 1960 do século passado ao ser utilizada para "explicar o intrincado relacionamento entre turistas e o meio ambiente e culturas nos quais eles interagem" (HETZER, 1965²⁸ *apud* FENNELL, 2002, p. 42).

Para o Ministério do Turismo, o ecoturismo é um:

Segmento de atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (BRASIL, 2010, p. 17).

O conceito de ecoturismo supracitado será o adotado para esta pesquisa, uma vez que aborda a importância da sustentabilidade no desenvolvimento da atividade e o fomento da geração de impactos positivos para o ambiente natural, bem como para as comunidades envolvidas.

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 1994²⁹ *apud* BRASIL, 2010), assevera que o planejamento do ecoturismo precisa atender os preceitos da sustentabilidade, uma vez que se utiliza dos patrimônios naturais e culturais, sendo necessário que a integração humana, ambiental e cultural respeite as fragilidades do destino.

Apesar da importância do conceito, entende-se que a consciência sobre a prática do ecoturismo não seja universal, muitos não possuem o conhecimento e respeito necessário para se intitularem ecoturistas. Acredita-se que os praticantes dessa modalidade em sua essência, se opõem ao turismo de massa e almejam o contato com a natureza, valorizando a comunidade envolvida e buscando experiências singulares, singularidades essas que são motivadas pela paisagem do local de visitação. A definição de Santos (1994, p. 61) sobre paisagem apresenta que:

²⁸ HETZER, N. D. **Environment, tourism, culture**. UNNS, Reported Ecosphere, p. 1-3, 1965.

²⁹ OMT. **Desenvolvimento do turismo sustentável**: manual para organizadores locais. Brasília: Organização Mundial do Turismo (OMT), 1994.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons [...].

Neste trabalho se entende que a paisagem é observada de maneira diferente por cada indivíduo, que se utiliza não somente da visão, mas também dos outros sentidos, sendo então as experiências do ecoturista sempre inéditas.

O homem realiza contato com a paisagem por meio da percepção sensorial e sobre isso Beni (2002, p. 394) comenta que “a paisagem contém todos os tipos de energia necessários para estimular as dez modalidades sensoriais [...] que se combinam na percepção”. Yázigi (2001, p. 34) menciona que “ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção”.

Considera-se que a sensibilização através dos sentidos gera a possibilidade da melhoria das atitudes dos homens para com o ambiente natural, fato essencial para o ecoturismo. Ainda referente à paisagem, ligando o turismo à geografia, Conti (2003, p.39) discorre que:

A paisagem é uma realidade viva e, nesse sentido, seria adequado designá-lo de *tecido ecológico que recobre as superfícies das terras emersas*. E o turismo, como prática social de nosso tempo, pode ser considerado, legitimamente da geografia, porque diz respeito ao espaço, e, por conseguinte, ao conjunto das paisagens (Grifo do autor).

Para Conti (2003), é possível entender o ecoturismo como uma maneira de usufruir a natureza promovendo o envolvimento das populações locais, bem como a preservação ambiental. Trata-se de uma segmentação em constante ascensão no Brasil, sendo opção não apenas para os brasileiros, mas também para estrangeiros que vêm ao país. De acordo com o Ministério do Turismo, o Estudo da Demanda Internacional do Brasil revelou que o ecoturismo estava sendo o segundo principal motivador da vinda de turistas para o país, correspondendo a 26,9% dos entrevistados e tendo registrado aumento de 7,6 pontos percentuais de 2005 para 2010 (BRASIL, 2011).

Os recursos naturais constituem o foco principal do ecoturismo, sendo considerado menos impactante que o turismo de massa por demandar menos

infraestrutura (CRUZ, 2001), desse modo, pode ser considerada uma das principais modalidades a se desenvolver em Unidades de Conservação.

Apesar dessa avaliação, não são raras as vezes em que a falta de planejamento faz com que a apropriação do espaço pelo turismo ecológico ocorra de maneira degradante, onde o anseio econômico se sobressai, fazendo com que os interessados em seu desenvolvimento transformem o espaço natural de forma desordenada para atender a demanda.

Para Cruz (2001), as principais transformações espaciais realizadas em ambientes naturais se referem a elementos relacionados à hospedagem e acessibilidade, já ao abordar as atividades turísticas propriamente em Unidades de Conservação, as alterações que os territórios podem sofrer são, por exemplo, abertura e utilização de trilhas. Acredita-se que dentre os impactos a serem avaliados estão o pisoteio nessas rotas de trilhas, que se dá em função da movimentação dos visitantes, além da produção de lixo e contato de maneira inapropriada com a fauna local. Além disso, é preciso considerar que o entorno das áreas em que o ecoturismo se desenvolve também sofre impactos que devem ser analisados.

Esses são apenas alguns dos pontos sensíveis do desenvolvimento do turismo, mas apesar disso, como já explicitado, o ecoturismo é tido como uma das melhores alternativas econômicas e que ao mesmo tempo busca proteger o ambiente natural e beneficiar a comunidade. Dessa forma, a atividade pode dinamizar a economia local, fomentando uma cadeia produtiva.

Assim, encontra-se no ecoturismo a possibilidade de desenvolvimento seguindo propostas sustentáveis, sendo viável para unidades de conservação de proteção integral, exemplo do Parque Estadual Caverna do Diabo.

4.2 ECOTURISMO NO NÚCLEO CAVERNA DO DIABO – PECD

Conforme já abordado, o ecoturismo é considerado um dos tipos de turismo mais viáveis a se desenvolver em uma unidade de conservação, estando previsto, inclusive, no SNUC. Salienta-se que o fato desse tipo de turismo estar previsto na legislação, o seu desenvolvimento em uma unidade de conservação depende da

gestão da mesma, assim, a lei por si só não garante ou contribui para que o ecoturismo de fato ocorra.

No Parque Estadual Caverna do Diabo essa atividade permitia a apresentação de seus atrativos aliada aos cuidados conservacionistas e possibilidade de inclusão da população de entorno. O potencial da unidade de conservação se encontrava na beleza da paisagem, uma vez que “através da topografia diferenciada e de configuração física por vezes marcante, o relevo torna-se o grande diferencial turístico de um país, região ou município”. (BAHL, 2004, p. 36).

Os elementos naturais possuem grande poder de atratividade (BAHL, 2004), e no caso do parque pesquisado, a Caverna do Diabo permitia confirmar essa afirmação. O atrativo era considerado, no momento da pesquisa, como o principal da unidade de conservação, possuindo uma infraestrutura que permitia que ela fosse visitada por variados tipos de público.

Dentre os exemplos de acessibilidade estavam projetos que permitiam o acesso de portadores de necessidades especiais ao primeiro salão da caverna. Esse tipo de possibilidade coloca perfis diversos em situação de igualdade no que se refere a visita turística, dando oportunidade de se descobrir lugares em que outrora era bastante difícil.



FIGURA 2 - VISTA DO PRIMEIRO SALÃO DA CAVERNA DO DIABO
FONTE: <http://goo.gl/HEI5YN> (2016).

Conforme já citado, a Caverna do Diabo teve períodos de visitação desordenada (SÃO PAULO, 2010), foram momentos em que não se ponderava sobre a importância da conservação do ambiente natural. Por diversas justificativas esse fato começou a se alterar, como por exemplo intervenção do poder público. Com a conclusão do plano de manejo espeleológico, no ano de 2010, as recomendações conservacionistas se tornaram normas que continuavam a serem seguidas.



FIGURA 3 - CAVERNA DO DIABO
FONTE: <http://goo.gl/HEI5YN> (2016).

A Caverna do Diabo era o único atrativo onde, até o momento de conclusão desta pesquisa, estava havendo obrigatoriedade do acompanhamento de monitor ambiental, porém, no núcleo onde ela se situava existiam outros pontos a serem visitados, possibilitando a interação com espécies da Mata Atlântica, além de conhecimento sobre meio ambiente, espeleologia, comunidades quilombolas, entre outros:

- 1) Trilha e Cachoeira do Araçá - a trilha tinha início ao lado da portaria de acesso à caverna, sendo considerada de nível fácil. Permitia uma proximidade com o ambiente natural, oferecendo estrutura como pontes e degraus, facilitando assim o trajeto do visitante.



FIGURA 4 – TRILHA DO ARAÇÁ -
ESTRUTURA

FONTE: <http://goo.gl/QGfyrb> (2016).

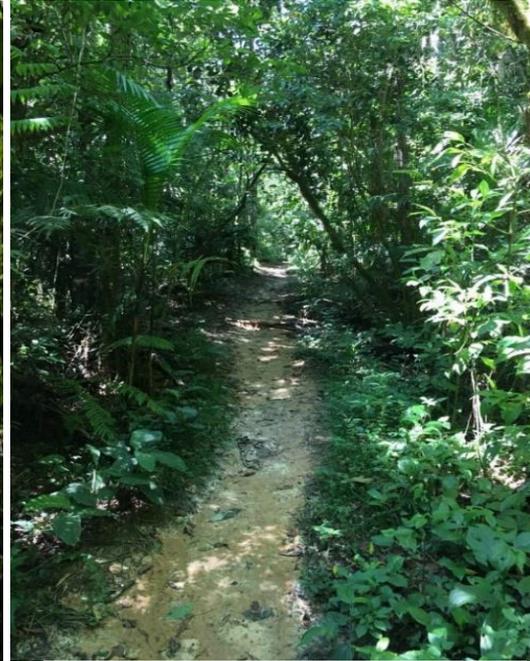


FIGURA 5 - TRILHA DO ARAÇÁ -
SAÍDA

FONTE: Arquivo da autora (2017).

A trilha margeava o rio da Tapagem (o mesmo que cruza o interior da Caverna do Diabo), possuindo um trecho de subida íngreme que dava acesso à cachoeira do Araçá. A queda d'água é sazonal, chegando praticamente a desaparecer em períodos de seca.



FIGURA 6 - CACHOEIRA DO ARAÇÁ
FONTE: <http://goo.gl/QGfyrb> (2016).

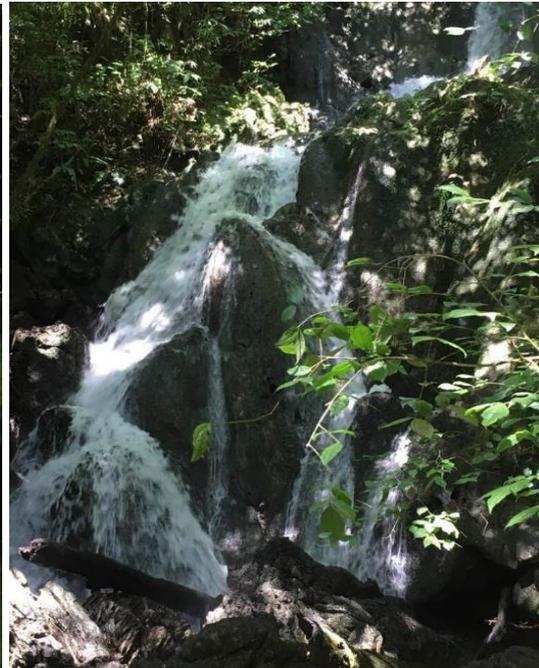


FIGURA 7 - CACHOEIRA DO ARAÇÁ –
QUEDA 2
FONTE: Arquivo da autora (2017).

2) Trilha e Mirante do Governador - O atrativo era pouco divulgado, sendo a trilha de acesso ao mirante bastante acentuada, com nível médio de dificuldade. Apesar de constar, em sua placa informativa, que o passeio era operacionalizado de maneira guiada, o acesso era livre e não havia acompanhamento de monitor ambiental. Existia, durante a pesquisa, projeto para que esse serviço passasse a ser realizado pela AMAMEL.

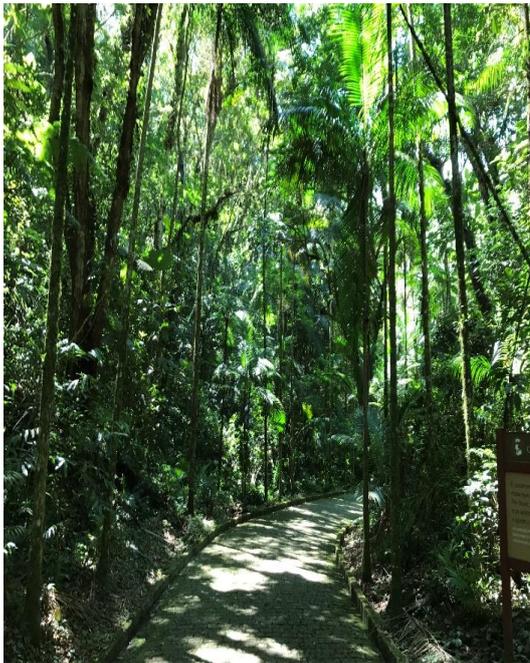


FIGURA 8 – ACESSO À TRILHA MIRANTE DO GOVERNADOR
FONTE: Arquivo da autora (2017).



FIGURA 9 - PLACA INDICATIVA DA TRILHA
FONTE: Arquivo da autora (2017).

No topo, era possível observar o Rio Ribeira de Iguape e as comunidades quilombolas situadas no entorno. Pode-se considerar que o mirante era um local propício para se ter uma visão geral da unidade de conservação.



FIGURA 10 - VISTA PANORÂMICA DO MIRANTE DO GOVERNADOR
FONTE: <http://goo.gl/QGfyrb> (2016).

3) Centro de Visitantes - Além dos atrativos naturais, o núcleo contava com centro de visitantes, considerado um importante ponto para que se pudesse apresentar informações sobre a unidade de conservação e seu entorno.



FIGURA 11. CENTRO DE VISITANTES
FONTE: <http://goo.gl/QGfyrb> (2016).

No local se mostrava imagens, dados e vídeo que abordavam o ecoturismo no parque, comunidades quilombolas, espécies da Mata Atlântica, espeleologia,

entre outros, sendo a área em que se estabelecia o primeiro contato entre os visitantes o monitor ambiental.



FIGURA 12 – CV INFORMAÇÕES SOBRE QUILOMBOS
FONTE: Arquivo da autora (2017).



FIGURA 13 – CV SEGUNDO SALÃO DE EXPOSIÇÃO
FONTE: Arquivo da autora (2017).

Averiguou-se que, em fevereiro de 2017, o valor pago pelo visitante estava sendo de R\$ 13,00 (treze reais), referente ao ingresso que permitia o acesso ao parque. Estavam isentos desse valor os moradores de município que compõem a Unidade de Conservação, pessoas com necessidades especiais, menores de 12 e maiores de 60 anos. No caso de visita à Caverna do Diabo se acrescentava o valor de R\$ 12,00 (doze reais), que se referia ao pagamento pelo serviço de monitoria ambiental prestado pela AMAMEL, sendo esta a principal relação entre o parque e os quilombolas que estavam residindo em seu entorno.

4.2.1 Relação entre o Parque Estadual Caverna do Diabo e os remanescentes de quilombos

Ainda na década de 1990 se formou a AMAMEL, com o objetivo de trabalhar com turistas na Caverna do Diabo. Iniciou-se uma relação, voltada ao turismo, entre

o então Parque Estadual do Jacupiranga e os moradores das comunidades quilombolas. No ano de 2015, o grupo era formado por 30 pessoas, sendo todos remanescentes de quilombos (AGUIAR, 2015). Em 2017, eram 33 cadastrados na associação e 25 atuantes.

O trabalho exercido na unidade de conservação abriu a possibilidade para essas pessoas adquirirem uma complementação ou nova fonte de renda. Segundo Piva (2008³⁰, *apud* AGUIAR, 2015), muitos daqueles que atuavam como monitores ambientais, anteriormente, exerciam atividades ilegais, como por exemplo, a extração de palmito.

Devido ao fato da Caverna do Diabo não possuir o Plano de Manejo Espeleológico, em fevereiro de 2008 o atrativo foi fechado para a visitação turística (IBAMA, 2008). O embargo se manteve por um período de 4 meses e nessa ocasião muitos monitores ambientais se viram em difícil situação financeira, fazendo com que alguns voltassem às ações ilícitas e outros mudassem para outras localidades a procura de trabalho (AGUIAR, 2015).

Para que a visitação turística voltasse a acontecer, diversas normas foram estabelecidas, dentre elas, a obrigatoriedade de o passeio à caverna ser acompanhada por monitor ambiental. Devido a essa normativa, a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, por meio da Fundação Florestal, esta que gerencia as unidades de conservação do estado, iniciou uma parceria extraoficial com a AMAMEL para que o grupo atendesse diariamente os visitantes da caverna (AGUIAR, 2015). Apesar de os outros atrativos do núcleo não possuírem obrigatoriedade de acompanhamento de monitor, os mesmos também eram capacitados para esse trabalho.

Para Aguiar (2015) a visita monitorada gerou maior organização e melhor atendimento aos turistas e ainda possibilitou a redução de impactos ocasionados pela visita desordenada. A autora ressalta que:

[...] um dos maiores benefícios gerados foi a inclusão social dos quilombolas residentes no entorno no Parque. Apesar de a AMAMEL já existir antes do embargo, foi após este fato que o grupo ganhou força, já que o serviço de

³⁰ PIVA, E. B. Turismo no Vale do Ribeira é sustentável e não agride as cavernas. **Conexão Subterrânea – Boletim Redespeleo**, n. 62, p. 3, 2008.

monitoria passou a ser fundamental para que a Caverna do Diabo pudesse ser visitada (AGUIAR, 2015, p. 3378).

Considera-se que o serviço então realizado pelos moradores das comunidades quilombolas no parque unia a geração de renda com a conservação ambiental e cultura, atendendo os preceitos da sustentabilidade. Além disso, acredita-se que a história dos moradores poderia despertar o interesse dos visitantes, valorizando assim a cultura do quilombola.

Pode-se afirmar que o trabalho desenvolvido pelos quilombolas na unidade de conservação os incluía socialmente, além de se apresentar como uma possibilidade para que os turistas conhecessem um pouco de sua cultura, podendo despertar o interesse para que se deslocassem até as comunidades. Esse fato possibilitaria, de acordo com Aguiar (2015), que outros residentes tivessem acesso ao trabalho gerado pela atividade turística, atuando, por exemplo, com gastronomia, artesanato, guiamento, entre outros.

4.3 RELAÇÃO ENTRE TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL

Ao se pensar no patrimônio cultural quilombola, percebe-se a importância que o mesmo possui para a atividade turística. Acredita-se que esses patrimônios podem despertar interesse de pessoas que buscam novas experiências e o turismo exerce a função de aproximar essas pessoas.

Para Aguiar e Souza (2015, p. 1) “O turismo, enquanto fenômeno social capaz de contribuir para tornar as relações mais humanas, destaca-se como um movimento de reciprocidade que acontece dentro da produção cultural de uma determinada sociedade”. O entendimento desse fenômeno é o ponto inicial para a compreensão da maneira com que um espaço, sociedade ou comunidade é impactada através das ações dos diversos atores que nela se entrelaçam.

Acredita-se que a cultura de uma sociedade está refletida em seus patrimônios, independente se esses são de ordem material ou imaterial. Tendo em vista a importância desses bens, enquanto referencial de memória e identidade de um povo, entende-se que sua conservação possui grande relevância (AGUIAR; SOUZA, 2015). Cabe lembrar que a maior interessada na conservação dos

patrimônios deve ser a própria comunidade que os constitui, assim, é preciso o anseio e envolvimento dessa para que de fato isso ocorra.

Segundo Aguiar e Souza (2015), a atividade turística tem se consolidado como aliada para a perpetuação dos bens que constituem o patrimônio cultural de uma localidade, mesmo com as dificuldades encontradas, seja pela carência de informação, falta de interesse do poder público ou pela baixa efetividade das leis vigentes voltadas a esse aspecto. Apesar disso, de acordo com as mesmas autoras, a relação entre turismo e patrimônio cultural apresenta formas distintas de análise.

Enquanto alguns autores apontam a atividade como fator positivo para a valorização da cultura, outra linha entende que a entrada de visitantes em uma comunidade pode levar a descaracterização cultural devido a inserção de novos hábitos e costumes. Cabe lembrar que a cultura é dinâmica e inevitavelmente sofre alterações com o passar do tempo e isso não se dá exclusivamente por conta do turismo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, considerou-se a atividade turística como mecanismo para o fortalecimento das tradições e memórias. O conceito de cultura de Claval (2014) adotado para este trabalho e já apresentado no item 3.1.1 deste, pode ser somado ao entendimento de Coriolano e Silva (2005, p. 31) que citam que cultura “é o conjunto de valores materiais e imateriais (espirituais), forma de ser de um povo envolvendo os conhecimentos, artes, leis, costumes e valores de uma sociedade. É o veículo que possibilita a comunicação entre residentes e turistas”. Entende-se então que o turismo, além de auxiliar no desenvolvimento socioeconômico da comunidade receptora, valoriza o patrimônio cultural estimulando a manutenção da memória.

Os patrimônios culturais perdem o sentido da existência a partir do momento em que a sociedade deixa de estabelecer laços e se identificar com seu passado, fazendo com que esses bens deixem de existir gradativamente. Para Bahl (2004, p. 69), “o turismo [...] pode servir também como estimulador para o resgate da lembrança viva dos fatos de uma localidade [...]”. Reafirma-se assim, a relação direta entre a atividade turística e a conservação dos patrimônios.

Os atrativos culturais que compõem a oferta turística de uma localidade possibilitam, segundo o Ministério do Turismo, o desenvolvimento do turismo cultural, que é definido da seguinte forma:

Turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas a vivências do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (BRASIL, 2010, p. 15).

Os atrativos culturais podem ser concretos, compostos por edificações como igrejas e casarios, monumentos, parques, praças, artefatos artesanais, entre outros ou abstratos, que são caracterizados pelo modo de vida, manifestações artísticas, incluindo ainda o referencial de história, religião, economia, política (BAHL, 2004).

Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2015), “o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas”. De acordo com a mesma fonte, quando formado por lugares ou edificações que possuem valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico, é considerado tangível. Ao englobar conhecimentos, práticas, expressões e representações de um grupo de pessoas, é classificado como intangível.

Entende-se que é a memória de um determinado povo que constitui o seu patrimônio cultural, esse que por sua vez estabelece uma relação entre o passado, presente e futuro permitindo que as pessoas que compartilham dessa mesma cultura desenvolvam um sentimento de pertencimento e identidade junto ao lugar em que vivem. Assim, acredita-se que a ligação do quilombola com o lugar em que vive se dá, também, através de seus patrimônios culturais.

4.3.1 Patrimônio cultural quilombola e sua ligação com o turismo

Conforme já abordado, o processo de formação do Brasil se deu, dentre outras formas, através do trabalho escravo. Juntamente com o sentimento de aprisionamento, os escravos trouxeram a cultura africana. As tradições e costumes

dessas pessoas geraram um patrimônio cultural e por consequência uma sensibilização no sentido de protegê-lo (AGUIAR; SOUZA, 2015).

Através do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 (Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências), estabeleceu-se um mecanismo para outorgar valor de patrimônio cultural à memória dos quilombolas (AGUIAR; SOUZA, 2015).

Segundo Aguiar e Souza (2015, p. 4), “as comunidades quilombolas do município de Eldorado possuem uma diversidade de bens culturais apresentados por meio de edificações, festas religiosas, formas de expressão, entre outros, que vêm despertando o interesse de visitantes”. As autoras afirmam que a possibilidade de atrair turistas através dos bens históricos e culturais tem servido como estímulo para a conservação do patrimônio dessas comunidades. Percebe-se então que o interesse em conhecer uma localidade pode ser ampliado quando existem fatores culturais arraigados e essa movimentação de visitantes gera um sentimento de valorização no morador local.

De acordo com Santos (2000):

O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com o seu meio.

Tendo em vista a importância da cultura afro-brasileira, o Instituto Socioambiental listou as referências culturais das comunidades tradicionais da região do Vale do Ribeira. Esse levantamento resultou no Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira (AGUIAR; SOUZA, 2015). Dentre essas comunidades, duas são pesquisadas no presente trabalho: Ivaporunduva, e Sapatu.

De acordo com Aguiar e Souza (2015), o método utilizado para a realização do inventário foi o mesmo do Inventário Nacional de Referências Culturais do IPHAN, assim, os patrimônios foram classificados da seguinte maneira: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, lugares e edificações. Nos quadros a seguir serão apresentados os patrimônios catalogados pelo inventário.

COMUNIDADES	CELEBRAÇÕES
Ivaporunduva	Bandeira do Divino Espírito Santo, Finados, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, São João, São Sebastião, Via Sacra.
Sapatu	Bandeira do Divino Espírito Santo, Entrudo, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, São Sebastião, Via Sacra.

QUADRO 3 - PATRIMÔNIO CULTURAL - CELEBRAÇÕES

FONTE: Adaptado de Aguiar e Souza (2015).

Os patrimônios do quadro 3 apresentam os eventos coletivos ligados a celebrações católicas. Dentre essas celebrações, recebe destaque a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que atrai moradores de diversas localidades do município de Eldorado, inclusive da zona urbana, além de turistas que vão a Ivaporunduva exclusivamente para participar do evento. Alguns rituais apresentados se repetem, com variação de quantidade de adeptos, em diversas outras comunidades quilombolas. Aguiar e Souza (2015) afirmam que, tendo em vista a conversão de católicos para outras religiões, algumas celebrações podem se extinguir com o passar do tempo.

COMUNIDADES	FORMAS DE EXPRESSÃO
Ivaporunduva	Danças (Cana Verde, Fandango/Nhá Maruca/Recortado, Mão Esquerda, Monada/Macacada, Xote Balanceado), Incelências e Guardação, Literatura Oral, Missa Afro, Romaria de São Gonçalo.
Sapatu	Danças (Baile, Fandango/Nhá Maruca/Recortado, Graciana, Mão Esquerda, Xote Balanceado), Literatura Oral.

QUADRO 4 - PATRIMÔNIO CULTURAL – FORMAS DE EXPRESSÃO

FONTE: Adaptado de Aguiar e Souza (2015).

Algumas formas de expressão (QUADRO 4), também se repetem em ambas as comunidades, a exemplo das danças. Grande parte se relaciona a danças que aconteciam em períodos de mutirão de trabalho, principalmente agrícola (ISA, 2013). Os “[...] passos de dança ou brincadeiras ligados aos bailes de puxirão [...] evidenciam a importância do trabalho agrícola para manifestações lúdicas e artísticas nos quilombos” (ISA, 2013, p. 9). Dentre essas formas de expressão, a dança Nhá Maruca tem recebido bastante destaque na comunidade de Sapatu, sendo apresentada para grupos previamente agendados e em eventos culturais.

COMUNIDADES	OFÍCIOS E MODOS DE FAZER
Ivaporunduva	Modo de Caçar, Modo de Curar, Modo de Fazer Casa de Pau-a-pique, Modo de Fazer Roça, Modo de Pescar, Ofício de Artesão, Ofício de Canoeiro, Ofício de Carpinteiro, Ofício de Parteira, Processamento do Arroz, Processamento da Cana, Processamento

	da Mandioca, Processamento do Milho, Puxirão/Mutirão.
Sapatu	Modo de Caçar, Modo de Fazer Casa de Pau-a-pique, Modo de Fazer Roça, Modo de Pescar, Ofício de Artesão, Ofício de Canoeiro, Ofício de Carpinteiro, Ofício de Parteira, Processamento do Arroz, Processamento da Cana, Processamento da Mandioca, Processamento do Milho, Puxirão/Mutirão.

QUADRO 5 - PATRIMÔNIO CULTURAL – OFÍCIOS E MODOS DE FAZER
FONTE: Adaptado de Aguiar e Souza (2015).

Os ofícios e modos de fazer, apresentados no quadro 5, são atividades relacionadas ao cotidiano dos tradicionais quilombolas, estando entre as práticas de trabalho, a pesca e atividades agrícolas, além de formas de moradia.

Aos visitantes da comunidade de Ivaporunduva, são apresentados os ofícios e modos de fazer, inserindo o turista no cotidiano e na história do quilombola.

COMUNIDADES	LUGARES
Ivaporunduva	Rio Ribeira, Morro do Chumbo, Bocó, Poça, Rodrigues, Córrego Grande, Cemitério atual, Cemitério antigo, Osvera, Pedra Criminosa, Revessa.
Sapatu	Rio Ribeira, Cachoeira do Sapatú, Figueira, Remoardo Assombração, Queda do Meu Deus/Capova da Morte, Saltinho, Represa de Pedra, Capova Água Grande, Roda, Cordas, Fervedor.

QUADRO 6 - PATRIMÔNIO CULTURAL - LUGARES
FONTE: Adaptado de Aguiar e Souza (2015)

Segundo o ISA (2013) e conforme representado no quadro 6, a categoria lugares apresenta os bens culturais que estão ligados ao território de cada quilombo. Nessas áreas se encontram as memórias dessas comunidades ou são locais que têm relevância para as ações diárias, geração de renda e relacionadas a atividades artísticas e lúdicas. As localidades citadas podem ser consideradas como identificadores da cultura quilombola.

COMUNIDADES	EDIFICAÇÕES
Ivaporunduva	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Valas de desvio para mineração, Tráficos de Farinha de Mandioca.
Sapatu	Igreja de Nossa Senhora Aparecida, Igreja de Santa Luzia, Casa de Taipa, Tráficos de Farinha de Mandioca.

QUADRO 7 - PATRIMÔNIO CULTURAL - EDIFICAÇÕES
FONTE: Adaptado de Aguiar e Souza (2015).

As edificações apresentadas no quadro 7 são bens materiais que se relacionam aos patrimônios imateriais. Dessa forma, as igrejas são necessárias para

que as celebrações aconteçam, a casa de farinha envolve as atividades de trabalho, dentre outras.

Considerou-se relevante a apresentação desses patrimônios para que se entendesse a riqueza cultural das comunidades quilombolas, bem como a importância da conservação, fato que permite a inserção dessas pessoas no contexto do desenvolvimento sustentável através do turismo.

Além das atividades relacionadas ao turismo já desempenhadas pelos quilombolas da AMAMEL, os residentes das comunidades de Eldorado entenderam a importância da história e cultura que possuem, criou-se então o Circuito Quilombola do Vale do Ribeira (AGUIAR; SOUZA, 2015). O roteiro contava, no município, com seis comunidades: André Lopes, Ivaporunduva, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, São Pedro e Sapatu. Cada localidade foi trabalhada como ponto estratégico, sendo que Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima optaram por unir seus atrativos, assim o circuito estava possuindo cinco pontos estratégicos durante a pesquisa (AGUIAR; SOUZA, 2015).

O roteiro tinha por objetivo fortalecer as comunidades através da apresentação da cultura e tradição afro-brasileira e riquezas naturais da região. Além dos patrimônios culturais desses locais, o roteiro incluía visitação à Caverna do Diabo, assim, dentre os parceiros do projeto estavam os integrantes da AMAMEL (AGUIAR; SOUZA, 2015).

O quadro 8 apresenta os principais atrativos naturais e culturais do circuito situados em Ivaporunduva e Sapatu, bem como a distância das comunidades ao centro do município de Eldorado.

COMUNIDADE	ATRATIVO NATURAL	ATRATIVO CULTURAL	DISTÂNCIA (ELDORADO)
Ivaporunduva	Trilha do ouro, Visita ao bananal orgânico.	Festa e Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Tráfico de Farinha.	55 km
Sapatu	Trilha Vale das Ostras, Queda do Meu Deus, Cachoeira Sapatu.	Tráfico de farinha, Nhá Maruca, Festa de Santa Luzia, Festa de Nossa Senhora Aparecida.	33 km

QUADRO 8 - INFORMAÇÕES DAS COMUNIDADES DO CIRCUITO QUILOMBOLA DO VALE DO RIBEIRA/ELDORADO

FONTE: Adaptado de Aguiar e Souza (2015).

Acredita-se que o interesse de turistas em conhecer o legado cultural de um lugar permite a conclusão de que o poder de atratividade desse é impulsionado quando se adiciona ao roteiro a riqueza cultural dos residentes locais.

Apesar disso, é necessário salientar que o bem cultural não pode ser considerado uma mercadoria a disposição do turismo, é preciso que seja uma via de mão dupla, onde haja uma troca valorosa de experiências de ambos os lados, comunidade e visitantes.

Conforme já abordado, o turismo pode ser considerado como um importante mecanismo para o desenvolvimento econômico e social de uma localidade, se dividindo em diversos tipos, que atendem aos mais variados gostos e desejos.

O ecoturismo foi abordado neste capítulo, pois é através dele que se faz uma ligação entre o PECD e as comunidades de Ivaporunduva e Sapatu no que tange a atividade turística. Os atrativos existentes na unidade de conservação, com destaque à Caverna do Diabo, permitem que os quilombolas atuem no parque em diversas atividades, sendo o serviço de monitoria ambiental o principal deles.

Além do trabalho desenvolvido no PECD, as próprias comunidades apresentam importantes patrimônios que tem despertado interesse de diversas pessoas que desejam conhecer um pouco mais sobre a cultura quilombola. Formatou-se então um roteiro, que, dentre outras, é composto também pelas comunidades analisadas nesta pesquisa.

Percebeu-se então que poderia haver a possibilidade de o serviço desenvolvido na unidade de conservação pelos monitores da AMAMEL auxiliar no fortalecimento das tradições culturais dessas comunidades, ligando assim o ecoturismo à cultura quilombola. Desse modo, no capítulo 4 desta dissertação, serão apresentados os resultados obtidos durante a presente pesquisa, bem como as abordagens metodológicas utilizadas para se analisar as influências do turismo no PECD nas comunidades de Ivaporunduva e Sapatu.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISES DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo se tem por objetivo apresentar os apontamentos metodológicos, bem como os resultados obtidos durante a realização da pesquisa. Expõe-se que, tendo em vista o envolvimento prévio da pesquisadora com a unidade de conservação, bem como com os prestadores de serviço da Associação dos Monitores Ambientais de Eldorado (AMAMEL), nos capítulos de fundamentação teórica desta dissertação, dados foram apresentados com o intuito de ilustrar a importância da cultura quilombola e o envolvimento dos residentes de Ivaporunduva e Sapatu com o Parque Estadual Caverna do Diabo (PECD), cabendo a este capítulo uma abordagem direcionada as entrevistas.

Nos apontamentos metodológicos serão mostrados, além do método, abordagem e tipo de pesquisa realizada, quais foram os procedimentos adotados e os instrumentos para a coleta de dados. Fez-se essa explanação para que ficassem claros os caminhos utilizados para que os objetivos do estudo fossem atingidos.

Na sequência serão apresentados os resultados alcançados por meio das entrevistas, mostrando a visão que os quilombolas de Ivaporunduva e Sapatu tinham sobre a relação que desenvolviam com o Parque Estadual Caverna do Diabo, além dos sentimentos dessas pessoas e a apresentação, pelos mesmos, do modo como acontecia a atividade turística nas comunidades. Considerou-se importante também apresentar o olhar de pessoas externas às comunidades, mas que têm uma relação profissional com os quilombolas.

O capítulo se encerra com as considerações da pesquisadora sobre os resultados obtidos.

Nesta parte da dissertação, utilizou-se como principais referências autores como GIL (2002, 2008), Whyte (2005), Thiry-Cherques (2009) para discorrer sobre os processos metodológicos, além de outros já referenciados no decorrer do trabalho e que apresentaram relevância para os resultados da pesquisa, a exemplo de Almeida (2008), Bahl (2004), Claval (2014), Carril (2006).

5.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa geográfica permite analisar uma vasta diversidade de temas e, para que se consiga realizar essa análise, George (1972, p. 8) explica que “a geografia tem que ser metodologicamente heterogênea [...]”. Para trabalhar a multiplicidade de conceitos que envolve as comunidades quilombolas, suas culturas e atividades desempenhadas, buscou-se uma metodologia que pudesse explicá-las de modo mais abrangente possível.

Esta trata-se de uma pesquisa empírica pelo fato de entender a singularidade da realidade, descoberta através da experiência. Para sua realização, optou-se pela utilização dos seguintes elementos (QUADRO 9):

ELEMENTO	ESCOLHA PARA A PESQUISA
Método	Fenomenológico
Abordagem	Qualitativa
Tipo de pesquisa	Exploratória
Procedimentos	Observação; Pesquisa bibliográfica; Questionário
Amostragem	Não probabilística
Instrumentos de coleta de dados	Questionário semiestruturado.

QUADRO 9 – ELEMENTOS ESCOLHIDOS PARA EXECUÇÃO DA PESQUISA

FONTE: Elaborado pela autora (2017).

A metodologia utilizada foi adotada e sendo adaptada no decorrer da pesquisa, uma vez que se fez necessário conhecer a realidade a ser trabalhada. Assim, corrobora-se com Morin (2005) ao afirmar que é durante a pesquisa que o método se constrói, assim é ele que se adapta ao fenômeno e não o contrário.

5.1.1 Método, abordagem e tipo de pesquisa

Moreira (2002) analisa a possibilidade de se utilizar da fenomenologia, enquanto campo filosófico, como instrumento de pesquisa, considerando que ela é eficiente ao se analisar situações que relacionam a experiência vivida aos aspectos subjetivos.

Coriolano e Silva (2005, p. 3601) afirmam que “o processo de pesquisa e análise insere o turismo na realidade do mundo fenomenológico, dando-lhe a possibilidade de um conhecimento universalmente válido”. Ao se pensar na atividade

turística se encontra a experiência como objeto, pois ela se dá tanto para o visitante quanto para o visitado.

Acredita-se que a contribuição da fenomenologia nas pesquisas culturais da geografia está na permissão de se estudar as percepções do indivíduo. Nesta se buscou a compreensão de como o quilombola sentia o lugar em que estava vivendo, sua ligação com a história por meio de seu patrimônio cultural, seu posicionamento em relação ao PECD e ao ecoturismo.

A fenomenologia permite analisar os aspectos fundamentais do turismo e, ela aprofunda a questão, a interrogação e a busca de respostas claras, e não para apenas nos aspectos superficiais e imediatamente demonstrados pela realidade visível em primeira mão (PANOSSO NETTO, 2005, p. 138).

A fenomenologia possibilita inserir os moradores das comunidades em um papel de protagonistas da pesquisa, assim, as práticas e valores foram exploradas com base na visão desses.

Tendo em vista que o desejo de fortalecer (ou não) a tradição cultural por meio das atividades de uso público no Parque Estadual Caverna do Diabo necessita partir do próprio quilombola, na presente pesquisa se levou em consideração o olhar de representantes das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu que atuavam na unidade de conservação, permitindo que essas pessoas manifestassem a maneira com que estavam percebendo a atividade turística e o modo como a viam como mecanismo para esse fortalecimento, assim, neste trabalho se valeu do método fenomenológico uma vez que:

Nas pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico, o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. Não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos. O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa (GIL, 2008, p. 15).

Por meio desse método, considerou-se ter sido possível acessar elementos da subjetividade. Isso se deu através da memória, percepção, pensamento, ou seja, pela vivência do ser.

O método fenomenológico adotado para esta pesquisa, teve na compreensão do cotidiano e vivência dos homens o seu ponto inicial. Desse modo, “[...] o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada” (GIL, 2008, p. 15).

Corroborando com a afirmativa do autor e, reconhecendo que as pesquisas sociais são de difícil quantificação, esclarece-se que o estudo sobre o fortalecimento da tradição cultural quilombola através das atividades de uso público no Parque Estadual Caverna do Diabo possui caráter qualitativo.

Elucida-se que a abordagem assumida é de caráter qualitativo, já que, segundo Pinto (2012) esse tipo de abordagem ressalta a experiência social e como ela adquire significados. Várias técnicas e materiais são utilizados por essa abordagem, sendo a entrevistas um desses exemplos.

Considera-se que esta pesquisa possui caráter exploratório, tendo “como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Mattar (1996) explica que a pesquisa exploratória atende aos primeiros estágios da investigação, quando as informações existentes são insuficientes. Este tipo de pesquisa possibilita o planejamento flexível, envolvendo levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas experientes (DENCKER, 1998; GIL, 2002; 2008), fatores esses que foram de muita relevância para o desenvolvimento deste trabalho.

5.1.2 Procedimentos adotados

Como procedimentos para o desenvolvimento desta, optou-se pela pesquisa bibliográfica, acrescida da observação, tendo a entrevista como principal instrumento para coleta de dados.

As pesquisas bibliográficas ocorreram em livros, publicações periódicas, sítios eletrônicos e impressos diversos. Gil (2008) explica que esse levantamento é indispensável para estudos que abrangem temas históricos. O mesmo autor salienta a importância da verificação aprofundada das fontes, tendo em vista que esse tipo

de levantamento pode apresentar dados coletados ou ser interpretado de modo equivocado.

A pesquisa documental sobre as comunidades quilombolas e a unidade de conservação também foi utilizada, buscando ampliar o embasamento teórico para este estudo. Esta etapa é bastante parecida com a anterior, diferenciando-se essencialmente pela natureza das fontes uma vez que “a pesquisa documental se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa” (GIL, 2008, p. 51) e a bibliográfica se vale da contribuição de vários autores sobre tema determinado (GIL, 2002; 2008).

Ocorreu a busca em materiais conservados em arquivos de órgãos públicos, que são classificados por Gil (2002) como documentos de primeira mão, mas principalmente naqueles que o autor considera documentos de segunda mão, que são materiais que de algum modo já foram analisados, como por exemplo, relatórios de pesquisa. Esse levantamento aconteceu junto à prefeitura Municipal da Estância Turística de Eldorado, Fundação Florestal e ITESP.

Definiu-se a observação como técnica a ser utilizada, uma vez que ela visa observar algo que acontece ou aconteceu. O envolvimento profissional já ocorrido pela pesquisadora, bem como o que se deu para o desenvolvimento deste estudo permite a conclusão de que esta se trata de uma pesquisa participante que, segundo Fals Borda (1983³¹, p. 43 *apud* GIL, 2008, p.31):

[...] responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios - as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. E a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior

A observação participante, conforme Whyte (2005), é um processo longo, no qual o pesquisador precisa se familiarizar com a área a ser pesquisada, desse modo, uma aproximação anterior é essencial para o desenvolvimento do trabalho. A fase exploratória da presente pesquisa teve início no ano de 2005, momento em que

³¹ FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

a pesquisadora iniciou atividades como diretora de turismo na prefeitura municipal da Estância Turística de Eldorado.

Uma relação de maior proximidade se deu a partir de 2009, ao iniciar as ações como assistente técnica de visitação do Parque Estadual Caverna do Diabo, através do Projeto de Desenvolvimento do Ecoturismo na Região da Mata Atlântica. Apesar dessa proximidade, ressalta-se que o estreitamento nas relações não foi imediato, confirmando o que diz Whyte (2005) sobre o pesquisador não ser esperado pelo grupo e não conhecer as relações internas desse.

A ação desempenhada no PECD se relacionava, dentre outras coisas, diretamente com os monitores ambientais da AMAMEL, iniciando um processo de maior conhecimento sobre os integrantes das comunidades quilombolas de Ivaporunduva e Sapatu (bem como as demais que compõem a associação), o modo de desenvolvimento da atividade e se abordar suas culturas no serviço desempenhado. A atuação direta na unidade de conservação ocorreu até o ano de 2012, havendo um afastamento temporário, com posterior retorno para a realização desta pesquisa. A presença da pesquisadora foi explicada e justificada em conversa com os monitores, visando “quebrar” o bloqueio advindo com o tempo e com o que Whyte (2005) chama de desconfiança por parte dos pesquisados.

No quadro 10, dispõe-se um roteiro de aplicação dos instrumentos metodológicos a partir do início da realização da pesquisa.

DATA	LOCAL	PROCEDIMENTO
Out/2015	Ivaporunduva e Sapatu	- Conversa informal com moradores da comunidade.
Jan/2016	PECD	- Observação direta.
Abr/2016	PECD	- Conversa informal com monitores da AMAMEL.
Mai/2016	PECD	- Conversa informal com monitores da AMAMEL e funcionários da UC.
Out/2016	PECD	- Observação direta.
Fev/2017	- Escritório Fundação Florestal; - Escritório Instituto Socioambiental; - PECD	- Entrevista com o gestor da UC; - Entrevista com a coordenadora do Programa Vale do Ribeira do Instituto Socioambiental; - Entrevista com monitores ambientais da AMAMEL.

QUADRO 10 – ROTEIRO DE APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS
FONTE: Elaborado pela autora (2017).

Tendo em vista a homogeneidade no que diz respeito as atividades desenvolvidas, bem como as tradições culturais, optou-se por seguir a amostragem não probabilística. Nesse tipo de amostragem, a composição do grupo a ser pesquisado depende, em parte, do julgamento do entrevistador (MATTAR, 1996; THIRY-CHERQUES, 2009). Essa seleção não tem por objetivo a fundamentação matemática ou estatística, o intuito está em entender um universo maior por meio de pesquisa com uma parcela menor de um grupo (GIL, 2008; THIRY-CHERQUES, 2009).

No final da pesquisa, em 2017, o PECD estava contando com 44 monitores ambientais cadastrados para exercer atividade junto aos visitantes, desses, 11 sendo independentes e 33 associados da AMAMEL, conforme apresentado no quadro 11.

COMUNIDADE	ATUANTES		NÃO ATUANTES		TOTAL
	Amamel	Independente	Amamel	Independente	
André Lopes	7	0	2	0	9
Ivaporunduva	5	0	0	0	5
Nhunguara	2	0	1	0	3
Ostras	2	0	0	0	2
Pedro Cubas	0	1	0	0	1
São Pedro	1	0	3	0	4
Sapatu	7	2	0	1	10
Outros (Eld/SP)	1	3	2	4	10
TOTAL	25	6	8	5	44
TOTAL GERAL	31		13		

QUADRO 11 – MONITORES AMBIENTAIS CADASTRADOS NO PECD
FONTE: Elaborado pela autora (2017).

Dentre os 25 monitores ambientais da AMAMEL que se encontravam atuantes, cinco pertenciam à comunidade de Ivaporunduva e sete à comunidade de Sapatu. O projeto inicial era pesquisar todas as comunidades que constavam no Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira, que compunham o Circuito Quilombola do Vale do Ribeira e possuíam representantes na AMAMEL. Entretanto, optou-se por pesquisar apenas Ivaporunduva e Sapatu, tendo em vista o maior número de monitores ambientais cadastrados, além da similaridade de bens culturais com as demais comunidades. Salienta-se que, apesar de possuir sete monitores ambientais atuantes, a comunidade de André Lopes não participou do inventário que levantou os patrimônios culturais das comunidades.

Das comunidades quilombolas, foram entrevistadas cinco pessoas, sendo duas de Ivaporunduva, duas de Sapatu e uma que estava residindo na comunidade de Nhunguara, mas tendo origem e vivência em Ivaporunduva. A escolha dessas se deu pelas atividades que estavam exercendo, todas sendo monitores da AMAMEL, sendo que, além disso, um representante de cada comunidade estava desenvolvendo ações voltadas ao turismo em seus locais de residência e um de cada comunidade trabalhava como funcionário concursado no PECD. Através de *e-mail*, realizou-se entrevista com o Coordenador da Associação do Quilombo de Ivaporunduva. O quadro 12 apresenta os entrevistados por comunidade, bem como suas atividades:

COMUNIDADE	NOME	ATIVIDADE
Ivaporunduva	ERS	Monitor ambiental AMAMEL e Funcionário PECD.
	OPSF	Monitor ambiental AMAMEL e atuação com turismo na comunidade,
	PSP	Monitor ambiental AMAMEL, atuação com turismo na comunidade e Coordenador da Associação Quilombo de Ivaporunduva.
Sapatu	CRSM	Monitor ambiental AMAMEL e atuação com turismo na comunidade.
	VP	Monitor ambiental AMAMEL e Funcionário PECD.

QUADRO 12 – ENTREVISTADOS POR COMUNIDADE E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
 FONTE: Elaborado pela autora (2017).

Outro fator relevante para a escolha do total de entrevistados se deu pela similaridade nas respostas obtidas por meio das conversas informais realizadas com os monitores ambientais, levando a uma possível saturação da pesquisa que segundo, Thiry-Cherques (2009), acontece quando o entendimento do fenômeno pesquisado não sofre alterações com o acréscimo de dados e informações. A saturação empírica se dá em estudos de caráter qualitativo (THIRY-CHERQUES, 2009; PIRES, 2008).

5.1.2.1 Instrumentos de coleta de dados

Apesar do rigor necessário para a realização de pesquisas que se baseiam no método fenomenológico, ressalta-se que esta não pode seguir modelos previamente definidos como nos moldes positivistas (GIL, 2008).

No período anterior ao início do trabalho, a pesquisadora pôde, por diversas vezes, se inserir a grupos que realizaram as visitas monitoradas na Caverna do Diabo, nas quais foi possível observar as informações transmitidas aos turistas.

No decorrer da pesquisa, entendeu-se que seria importante a realização de conversas com os monitores ambientais e que isso ocorreria de modo descontraído, para que os mesmos se sentissem à vontade nos comentários. Como o ideal do método fenomenológico é a realização de uma pergunta introdutória, com a possibilidade de poucas subdivisões dessa, colocou-se as seguintes questões:

A) Você acredita que o ecoturismo no PECD poderia auxiliar para o fortalecimento das tradições culturais nas comunidades quilombolas?

A.a) De que modo?

Esse questionamento teve por objetivo compreender a maneira com que os monitores ambientais visualizavam a relação entre o ecoturismo na unidade de conservação e a possibilidade de fortalecimento das tradições culturais quilombolas.

Para a realização das entrevistas, optou-se pela elaboração de algumas perguntas que pudessem nortear a conversa. Salienta-se que houve o cuidado em deixar o entrevistado bastante livre para abordar temas que considerasse importantes, mesmo que não se relacionassem diretamente a pesquisa, assim, por diversas vezes o tema principal foi desviado, abordando-se questões como política, barragem, falta de incentivo por parte do Estado, problemas referentes ao território, entre outras. As perguntas chaves foram:

B) Você acredita que o ecoturismo no PECD poderia auxiliar para o fortalecimento das tradições culturais nas comunidades quilombolas?

B.a) De que modo?

B.b) Os monitores aproveitam o trabalho que desenvolvem no parque para apresentar a tradição cultural e fomentar o turismo na comunidade em que vivem? Há esse interesse?

B.c) O roteiro da comunidade contempla a apresentação das tradições quilombolas?

Da mesma forma que o levantamento realizado junto aos monitores ambientais, com os entrevistados, buscou-se entender a ótica desses sobre a relação entre PECD e cultura quilombola, além de compreender a percepção dos mesmos sobre a importância dessa relação para o fortalecimento cultural quilombola e de que modo as tradições culturais eram apresentadas na atividade turística desenvolvida nas comunidades.

Cada entrevistado falou por um tempo médio de uma hora, exceto no caso do Coordenador da Associação Quilombo de Ivaporunduva que respondeu o seguinte questionário via *e-mail*:

Entrevistado: Funções:	Idade:
Quantos moradores e quantas famílias moram atualmente na comunidade?	
<u>Turismo</u>	
1) Quais atividades voltadas ao turismo a comunidade desenvolve?	
2) Quantas pessoas estão envolvidas com o turismo e em quais atividades?	
3) Como os visitantes chegam à comunidade? (Agendamento, meio de transporte)	
4) Qual o público principal? (Famílias, escolas, universidades)	
<u>Cultura</u>	
5) Os roteiros da comunidade incluem apresentações culturais? Quais?	
6) Existem ações voltadas para a conservação das tradições culturais? Os moradores mostram interesse em transmitir as tradições culturais para as novas gerações?	
<u>Turismo/Cultura – Parque Estadual Caverna do Diabo</u>	
7) A visitação à Caverna do Diabo ajuda o desenvolvimento do turismo na comunidade? Como?	
8) O turismo no parque poderia auxiliar para a preservação/fortalecimento/avivamento da cultura quilombola? Como?	
9) Os monitores ambientais da AMAMEL que moram na comunidade aproveitam da estrutura ou do trabalho desenvolvido no parque para divulgar a comunidade e/ou falar sobre as tradições culturais quilombola?	
10) De que maneira (que tipo de projeto, incentivo, etc.), a gestão do parque poderia auxiliar para o fortalecimento, divulgação e preservação das tradições culturais quilombola? Haveria interesse por parte da comunidade? Seria importante?	
11) Outras considerações que achar importante sobre turismo e tradições culturais da comunidade.	

QUADRO 13 – ENTREVISTA COMUNIDADE DE IVAPORUNDUVA

FONTE: Elaborado pela autora (2017).

Além da entrevista realizada com os monitores, duas outras fontes de informações foram consideradas bastante importantes, tendo em vista a relação direta com os monitores ambientais da AMAMEL, no caso do gestor do PECD, IA e o trabalho desenvolvido com as comunidades quilombolas, no caso da coordenadora do Programa Vale do Ribeira do Instituto Socioambiental, RP.

Com o gestor da unidade de conservação foram abordados temas como a situação atual da AMAMEL junto a UC, relação dos quilombolas com as atividades desenvolvidas no parque, relação do ecoturismo no PECD com a possibilidade de fortalecimento das tradições culturais.

Os assuntos abordados com a representante do ISA versaram sobre as manifestações culturais das comunidades pesquisadas, organização das mesmas no que se refere ao turismo, importância do ecoturismo no parque para as comunidades, bem como dos monitores para a UC.

O entendimento e junção dos dados coletados serão apresentados a seguir, nos resultados da pesquisa.

5.2 RESULTADOS OBTIDOS POR MEIO DAS ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES

A partir deste momento terá início a explanação sobre os resultados obtidos durante a pesquisa. Esses se dividirão em três momentos iniciais, mostrando o olhar do quilombola:

- 1) Apresentação dos sentimentos que envolvem os quilombolas e não se relacionam diretamente com o turismo;
- 2) O desenvolvimento da atividade turística e ligação com as tradições culturais nas comunidades de Ivaporunduva e Sapatu;
- 3) Relação entre o PECD e as tradições culturais quilombola;

E, num quarto momento, se apresentará:

- 4) Entendimento da Fundação Florestal e do Instituto Socioambiental sobre a relação entre o PECD e as tradições culturais das comunidades.

5.2.1 Anseios e preocupações: processo de resistência que antecede a relação com a atividade turística.

No decorrer da pesquisa, pôde-se observar a estreita relação dos quilombolas, tanto de Ivaporunduva quanto Sapatu, com o lugar em que habitavam. De acordo com Tuan (1983), o lugar é o ponto que recebe valor por parte de quem ali vive, sendo o espaço em que as necessidades básicas como alimentação, trabalho, descanso são desenvolvidas. Essa ligação com o lugar vem se dando nessas comunidades ao longo de muito tempo e esse modo de vida tradicional do quilombola vem despertando interesse de muitas pessoas.

Em ambas as comunidades, segundo os entrevistados, estava existindo a transferências das tradições culturais para as gerações seguintes, fazendo com que as mesmas se perpetuassem. Essas tradições envolviam o modo de caça e pesca, cultivo tradicional, habitação, artesanato, tradições religiosas, danças, o que permite corroborar com Carril (2006) quando a autora afirma que para se abordar sobre quilombos, ambiente e cultura, é necessária uma conversa da geografia com outras ciências, já que a abordagem necessita de uma visão da antropologia, história, sociologia, entre outros.

Durante a pesquisa, observou-se que, para se chegar aos temas turismo e cultura, os entrevistados demonstraram o anseio em abordar as situações em que estavam vivendo, suas preocupações. Entendeu-se que, para que a atividade turística possa se desenvolver em sua plenitude, os quilombolas precisam se sentir seguros e, acima de tudo, respeitados.

Dentre a fala dos entrevistados, percebeu-se certa apreensão no que tange aos seus territórios, o que pode ser explicado através do conhecimento de Almeida (2008, p. 119), que afirma que referente “As terras de quilombos, estima-se que oficialmente correspondam a mais de 30 milhões de hectares [...]. Em contraste, as terras de quilombos tituladas correspondem a cerca de 900mil hectares”. Das comunidades pesquisadas, apenas Ivaporunduva estava tendo o título de suas terras, Sapatu ainda estava pleiteando essa titulação. Certificou-se que o quilombola possuía vínculo com o lugar que estava habitando e a construção da

identidade também se dava por meio do processo de resistência dessas pessoas ao longo do tempo.

Entendeu-se que a preocupação não abrangia apenas a titulação, mas sim fatores de resistência, como por exemplo a construção de barragens. Um dos entrevistados citou que o movimento contra esse tipo de edificação já durava décadas, e que a construção dessas traria enormes prejuízos ambientais e culturais, já que as comunidades e seus patrimônios históricos ficariam submersos, “afundando” também a cultura daqueles quilombolas.

“As políticas ambientais e agrárias ressentem [...] da incorporação dos fatores étnicos e identitários” (ALMEIDA, 2008, p. 122) e esse fato ficou evidente na criação de unidades de conservação que abrangem territórios de diversas comunidades. Um dos entrevistados ressaltou a grande dificuldade passada por conta das restrições de leis ambientais, que entram em choque com o modo de viver do quilombola.

Nesse sentido, um dos grandes problemas existentes entre as comunidades quilombolas e o Estado se refere ao cultivo agrícola. Carril (2006, p. 40) explica que “ficou claro, com o tempo, que, para os quilombos de ocupação tradicional, o uso dos recursos naturais coincidia com seu modo de vida e, portanto, com sua interação comunitária com o meio e sua cultura”.

Os entrevistados comentaram sobre a necessidade de inserir as comunidades na elaboração de projetos, leis e normas, pois essas vem “de cima para baixo”, entrando em choque com a cultura do quilombola. Percebeu-se que essa observação se faz em diversas áreas que envolvem as comunidades, inclusive nas que direta ou indiretamente interferem na atividade turística.

5.2.2 Olhar dos quilombolas sobre a atividade turística desenvolvida nas comunidades de Ivaporunduva e Sapatu

Caracterizado pelo poder de dinamizar tanto sócio como economicamente uma localidade, o turismo em comunidades quilombolas apresenta um viés cultural muito forte, uma vez que permite a aproximação do visitante com a história desse

povo, bem como dos patrimônios formados ao longo do tempo. Claval (2014, p. 327) afirma que:

Certos grupos mostram, através de sua história, uma surpreendente capacidade de permanecerem fiéis aos traços de sua cultura [...]. Isto não quer dizer que as sociedades portadoras de tais culturas escapem às transformações da história, muitos de seus traços mudam com a evolução das técnicas.

Ao se pensar na curiosidade de visitantes em descobrir a cultura dos quilombolas, pode-se intuir o desejo dessas em conhecer um mundo novo. A relação diferenciada das comunidades tradicionais com o lugar em que habitam permite concordar com o entendimento de Buttimer (1982) de que viver em uma área vai além do processo de organização do espaço, esse fato abrange um modo de vivência própria e natural. O interesse pelo modo de vida de povos tradicionais tem feito com que muitas pessoas busquem as comunidades do Vale do Ribeira para se aproximar dessa cultura.

Das comunidades pesquisadas, Ivaporunduva apresenta uma maior organização para receber visitantes, com roteiro estabelecido, meio de hospedagem (FIGURA 14) e alimentação, fato que vai em direção ao entendimento de Bahl (2004) de que a composição do produto turístico necessita de uma estrutura para atender as necessidades dos visitantes.



FIGURA 14 - POUSADA DA COMUNIDADE DE IVAPORUNDUVA
FONTE: Arquivo da autora (2017).

O entrevistado OPSF, de Ivaporunduva, afirmou que para o ano de 2017 já existia cerca de 70 escolas com reservas efetuadas para conhecer a comunidade. O entrevistado PSP denominou a atividade desenvolvida na comunidade como “ecoetnoturismo , uma atividade turística voltada a interação com o modo de vida, cultura e tradição em comunidades tradicionais quilombolas em harmonia com a natureza”.

Para OPSF, “hoje se reconhece o valor do quilombo”. Percebeu-se um desabafo nessa fala, pois, por muito tempo, os quilombolas se sentiram excluídos do contexto social no município. Entendeu-se que, juntamente com o sentimento de orgulho vindo com o reconhecimento, ampliou-se o orgulho por pertencer àquele povo, fortalecendo assim a identidade cultural que, segundo Buttimer (1982), está diretamente ligada a relação com o lugar.

Em Sapatu, iniciava-se um processo de organização, mas não existia uma estrutura com hospedagem para receber o visitante. O entrevistado CRSM, que estava atuando como monitor na comunidade, explicou que “ainda não é comum a vinda de grupos como acontece em Ivaporunduva”. Constatou-se um certo incomodo no que diz respeito a importância do turismo e da cultura quilombola no local quando ele afirmou que: “nem todos os moradores da comunidade tem conhecimento da importância da cultura e que o conceito de turismo precisa ser amadurecido”.

Percebeu-se que a atividade turística em Ivaporunduva estava tendo o foco totalmente voltado a cultura quilombola. De acordo com o entrevistado PSP, o roteiro da comunidade contava com “Oficinas de artesanato, caça e pesca, cultivo tradicional, habitação tradicional (FIGURA 15), plantas medicinais etc.”. Na visita de campo foi possível verificar que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (FIGURA 16) também estava compondo o roteiro, sendo um importante atrativo por sua relevância histórica e cultural.



FIGURA 15 – HABITAÇÃO TRADICIONAL
 FONTE: Arquivo da autora (2017).



FIGURA 16 – IGREJA N. SRA. DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS
 FONTE: Arquivo da autora (2017).

Observou-se a percepção dos quilombolas de que os turistas procuram a originalidade de suas culturas e o entendimento de que o modo de vida atual não é tão benéfico ao ser humano. A esse respeito, ao abordar os desafios culturais do mundo atual, Claval (2014) cita que as revoluções da modernidade, trouxeram resultados que nem sempre podem ser considerados positivos. Assim, o uso de pesticidas e fertilizantes para alavancar a agricultura prejudicam o solo e a alimentação, a utilização de aparelhos elétricos para facilitar a vida nos lares dificulta a percepção do som da natureza, os mais jovens preferem recorrer às drogas acreditando na eficiência dos medicamentos do que utilizar as plantas medicinais como os antepassados e assim por diante. Esses pontos foram bastante abordados pelos entrevistados, que aproveitaram para ressaltar a importância das tradições culturais que possuíam.

Nesse sentido, o entrevistado OPSF relatou que “a cultura é uma forma de comunicação com o turista; na comunidade mostram como se curava com plantas, mostram como se caçava e pescava fazendo arapucas, mostram como se defumava carne”. Algumas dessas técnicas ainda estavam sendo utilizadas no cotidiano pelos quilombolas e passadas de uma geração para outra, o que corrobora com o pensamento de Claval (2014, p. 91) de que “Na medida em que a ação humana não

é fundada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela pressupõe a memorização de modos de condutas, atitudes, práticas e conhecimento”

Na comunidade de Sapatu, observou-se que o olhar estava voltado mais ao ecoturismo do que ao turismo cultural. O segundo principal atrativo do município de Eldorado (o primeiro é a Caverna do Diabo) é a Queda do Meu Deus, uma cachoeira com cerca de 50 metros que é formada pelo rio que atravessa a Caverna do Diabo (PME, 2016) e que se situa nos limites da comunidade.



FIGURA 17 - QUEDA DO MEU DEUS
FONTE: <https://goo.gl/sYY7t2> (2017).

Por muito tempo o atrativo não teve controle para a visitação, mas segundo o entrevistado VP “hoje a visitação é constante na Queda do Meu Deus, sendo os quilombolas que realizam o trabalho de guia”. O serviço estava sendo realizado por alguns monitores que integravam a AMAMEL e outros que não possuíam formação, apenas conheciam o local há muito tempo. Além desse atrativo natural, a comunidade contava ainda com a Cachoeira do Sapatu, que não estava possuindo serviço de monitoria, e a Figueira, ponto de encontro de procissões e local onde se reuniam visitantes para contar a história da comunidade.



FIGURA 18 – CACHOEIRA DO SAPATU

FONTE: <https://goo.gl/nscskq> (2017).



FIGURA 19 – FIGUEIRA

FONTE: Arquivo da autora (2017).

Apesar do foco principal não ser o turismo cultural, de acordo com o entrevistado CRSM, “em Sapatu as tradições culturais são transmitidas de pai para filho”. A dança Nhá Maruca é umas das tradições que estava sendo mantida na comunidade, mas aos visitantes nem sempre era apresentada.



FIGURA 20. DANÇA NHÁ MARUCA
 FONTE: <https://goo.gl/NVC5at> (2016).

Todos os entrevistados estavam atuando como monitores da AMAMEL, no Parque Estadual Caverna do Diabo, porém, a visão dos mesmos sobre a utilização do parque como meio para fomentar/avivar/conservar/fortalecer as tradições culturais foi bastante diferenciada, como será apresentado na sequência.

5.2.3 Relação entre o Parque Estadual Caverna do Diabo e as possibilidades de fortalecimento das tradições culturais quilombolas através do ecoturismo

Verificou-se que o contato principal entre os visitantes e o PECD estava se dando por intermédio dos monitores da AMAMEL. Sendo eles os responsáveis por receber e conduzir o turista pela Caverna do Diabo. Nesta pesquisa se analisa se as atividades desenvolvidas pelos monitores na unidade de conservação poderiam, na visão dos quilombolas, auxiliar para o fortalecimento das tradições culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu.

Todos os entrevistados consideraram que as atividades de ecoturismo desenvolvidas pelos monitores no parque eram importantes para as comunidades. O entrevistado CRSM disse que “o turismo no parque é muito importante para a geração de emprego e sustento das famílias de Sapatu”. Sobre Ivaporunduva, o entrevistado PSP relatou que a visita ao PECD auxilia para o desenvolvimento da comunidade e isso se dá por meio da “geração de emprego e renda para membros das comunidades quilombolas”.

O entrevistado VP ressaltou que “o monitor ambiental é essencial para o desenvolvimento do turismo no parque, sem esse serviço a caverna não poderia ser visitada”. Assim, notou-se a consciência de que, até o momento da pesquisa, a unidade de conservação estava dependendo dessas pessoas para que o turismo de fato acontecesse no parque.

Nesse sentido, registrou-se sensação de instabilidade por parte do entrevistado ERS quando mencionou que

A parceria extraoficial (entre AMAMEL e FF) gera insegurança, pois a qualquer momento ela pode se encerrar, não existe garantia de estabilidade, inclusive existe o medo referente as privatizações, porque nós não queremos ser terceirizados, tanto comunidade quanto monitoria são contra privatizações, pois prezam por trabalhos comunitários.

Essa insegurança se refere a aprovação em 07/06/2016, pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, da emenda aglutinativa substitutiva ao PL 249/2013, que concede o uso de parques estaduais a terceiros, estando o PECD entre os 25 parques a serem concessionados no estado (ALESP, 2016).

Sobre o serviço prestado pelos monitores, pôde-se observar que existia diferença entre as informações transmitidas pelos moradores das duas comunidades no que se refere a cultura quilombola. Através das entrevistas observou-se a atenção dos monitores de Ivaporunduva em abordar a cultura, e, no caso de Sapatu, atrativos relacionados ao ambiente natural formaram o principal foco.

Para ERS monitor e funcionário do PECD, “Ivaporunduva é a comunidade que aproveita bem o trabalho no parque para vender a comunidade, os monitores são bem preparados e falam sobre suas culturas”. O comentário do entrevistado PSP complementou esse pensamento quando ele disse que “o turismo já é considerado uma importante atividade de geração de renda, e que resgata a autoestima das comunidades quilombolas, e fortalece laços e tradições culturais”.

Ainda referente a Ivaporunduva, o entrevistado OPSF contou que “alguns monitores, antes eram palmiteiros e hoje sentem orgulho da atividade de monitores que exercem”. O entrevistado PSP afirmou que “além dos ecossistemas existentes na unidade de conservação, um dos assuntos mais solicitados pelos visitantes é sobre a cultura quilombola”. Entendeu-se, pela fala dos entrevistados, que a atividade desenvolvida pelos monitores de Ivaporunduva no PECD estava sendo um elo para o fortalecimento das tradições culturais, bem como um incentivo para a conservação do ambiente natural.

Sobre Sapatu, conforme já citado, os entrevistados, abordaram em especial a Queda do Meu Deus e isso se refletiu nas informações transmitidas durante o serviço de monitoria ambiental, já que o atrativo se localiza a cerca de 5km do núcleo Caverna do Diabo, abrindo a possibilidade para que o visitante do parque seguisse em sentido cachoeira. Sobre a abordagem das tradições culturais, o entrevistado CRSM explicou que “as atividades desenvolvidas no parque não influenciam para a preservação da cultura em Sapatu”.

Constatou-se existir também um novo foco relacionado com o ambiente natural na comunidade de Sapatu que foi citado pelos entrevistados. De acordo com

o entrevistado VP, “um exemplo de turismo que está se desenvolvendo na comunidade é a observação de aves”. Ao abordar esse novo nicho, percebeu-se a inquietação do entrevistado CRSM em encontrar novas formas de desenvolver o turismo na comunidade, ele disse que

As pessoas não podem se acomodar, eu, por exemplo, mesmo trabalhando na caverna, fiz curso para acompanhar os turistas que vêm para Sapatu com esse objetivo. Isso é recente, mas por volta de 250 pessoas já vieram até aqui para observar aves.

CRSM explicou que além dele, uma outra pessoa, da comunidade de André Lopes, também estava capacitada para desenvolver essa atividade. Observou-se certa empolgação ao abordar essa temática, inclusive, durante todo o tempo de conversa, o monitor esteve com uma câmera fotográfica pendurada em seu pescoço, objeto utilizado para registrar a presença dos animais.

Ao tratar sobre apoio da gestão da unidade de conservação para iniciativas que pudessem fortalecer as tradições culturais nas comunidades, os entrevistados seguiram a mesma linha de pensamento. Para o entrevistado PSP, a gestão do parque poderia auxiliar “envolvendo as comunidades nos planejamentos e ações das Unidades de Conservação”, o entrevistado prosseguiu afirmando que

Não basta somente as ações realizadas pela associação de monitores, acho que os gestores e diretores da unidade de conservação seja sensível e conheça, respeite, valorize e incluam ações participativas que envolvam as comunidades nos planos e planejamento de turismo nas respectivas unidades.

Notou-se no comentário, existir um ressentimento por parte dos quilombolas no que diz respeito às ações de planejamento da UC.

O entrevistado ERS citou que “seriam necessários projetos que envolvessem outras pessoas da comunidade”, assim, compreendeu-se que a unidade de conservação estava tendo um potencial em abordar as tradições quilombolas que vai além do serviço de monitoria ambiental.

Foi perceptível também que, para os entrevistados, os projetos deveriam extrapolar os limites do parque quando se fala em turismo e tradições culturais. O entrevistado CRSM citou que “é necessária uma parceria entre gestão do PECD, prefeitura e moradores (das comunidades)”. Para o entrevistado OPSF, “a parceira

deveria ir além do parque, ter incentivo no município como um todo, como por exemplo para a venda de artesanato”.

Falando das comunidades de uma maneira geral, o entrevistado ERS comentou que “o público da caverna é diferente do das comunidades, o ecoturista nem sempre quer conhecer a cultura, mas apesar disso é possível despertar o interesse sobre as comunidades em quem visita o parque”, para ele “o turismo nas comunidades é independente”. Sobre Sapatu, o entrevistado CRSM disse, “na minha visão, hoje o fomento da cultura é independente do PECD, mas projetos nesse sentido seriam importantes”. Para o entrevistado OPSF, mesmo os moradores de Ivaporunduva falando sobre as tradições culturais, “hoje não se aproveita todo o potencial da caverna para divulgar as comunidades, mas o ecoturismo na caverna pode auxiliar o turismo cultural na comunidade”.

Percebeu-se pelas respostas às entrevistas a importância dada às atividades de ecoturismo desenvolvidas pelos monitores ambientais, mas nem sempre elas estavam sendo utilizadas como mecanismo para fortalecer as tradições culturais.

5.2.4 A visão de instituições envolvidas com as comunidades quilombolas

Apesar da pesquisa buscar o olhar dos quilombolas monitores da AMAMEL sobre as tradições culturais e sua relação com o PECD, acreditou-se ser interessante apresentar brevemente a visão de instituições envolvidas com esses, ou seja, a Fundação Florestal, por meio da gestão da unidade de conservação e o Instituto Socioambiental, por meio da coordenação do Programa Vale do Ribeira.

Para IA, gestor do PECD, o propósito principal do parque era a conservação e fiscalização, o ecoturismo era secundário. Apesar disso, ele afirmou que a atividade turística auxiliava na fiscalização, pois no momento em que os atrativos eram utilizados por visitantes, infratores se mantinham afastados daquelas áreas.

Ao abordar os trabalhos desenvolvidos no parque, o gestor afirmou que a maior parte dos serviços realizados na unidade de conservação envolviam os residentes das comunidades quilombolas. Essa afirmação foi confirmada durante a pesquisa, quando se constatou que, além dos monitores ambientais e grande

maioria dos concursados, funcionários do restaurante e prestadores de serviços terceirizados estavam residindo nas comunidades de entorno.

Falando diretamente sobre o serviço prestado pela AMAMEL, IA comentou que não via problemas com o fato da não existência de uma parceria formal, para ele isso já se dava há muito tempo, não havendo dificuldades para ambos os lados.

Ao comentar as questões sobre a possibilidade das atividades de uso público auxiliarem para o fortalecimento das tradições culturais, o gestor mencionou acreditar que os monitores não se utilizavam do serviço que desenvolviam na unidade de conservação para fomentar esse fortalecimento. Para ele, a comunidade que mais ressaltava a importância da cultura estava sendo Ivaporunduva, o que corroborou com a fala dos entrevistados das comunidades, bem como com a observação realizada durante a pesquisa.

Na visão da coordenadora do Programa Vale do Ribeira do Instituto Socioambiental, RP, a AMAMEL era fundamental para o desenvolvimento do ecoturismo no PECD, pois sem a associação não haveria visita à Caverna do Diabo.

RP falou sobre necessidade de parcerias, que a relação entre o parque e as comunidades poderia ir muito além do serviço de monitoria, citando por exemplo a venda de *souvenirs*, que até o momento da pesquisa era feita apenas com produtos externos e, para ela, o artesanato das comunidades poderia ser exposto e comercializado no local, ou então haver a possibilidade da venda de pacotes do Circuito Quilombola, assim a unidade de conservação seria uma vitrine para as comunidades e apresentação de suas tradições culturais.



FIGURA 21 – LOJA DE SOUVENIR 1
 FONTE: Arquivo da autora (2017).



FIGURA 22 - LOJA DE SOUVENIR 2
 FONTE: Arquivo da autora (2017).

Durante as observações, pôde-se verificar que, de fato, dentre os produtos vendidos na loja de conveniência localizada no núcleo não constava o artesanato das comunidades, conforme apresentado nas figuras 21 e 22, havendo, principalmente, materiais em pedras e madeira produzidos em larga escala e que podem ser encontrados em diversas localidades do Brasil, como por exemplo, feiras artesanato de cidades litorâneas.

A coordenadora do ISA abordou, discordando, o processo de privatização das unidades de conservação do estado de São Paulo. Salientou a necessidade de se valorizar o que já se tinha, como por exemplo, através de uma gestão compartilhada, e da necessidade de consciência sobre as comunidades de entorno por parte da Fundação Florestal, pois a unidade de conservação não se encontrava isolada, mas sim envolvendo comunidades que já estavam lá antes da criação do parque.

RP explicou que eram necessários mais do que simples projetos referentes ao turismo e as tradições culturais das comunidades, para ela existia a necessidade de parcerias e isso precisava partir do Estado, pois já tinha havido diversas tentativas por parte das comunidades que não obtiveram sucesso.

Percebeu-se, tanto na fala do gestor do PECD, quanto da representante do Instituto Socioambiental, que, na visão deles, existia a possibilidade de fomento das tradições culturais quilombolas por meio das atividades de ecoturismo desenvolvidas na unidade de conservação, porém, para o primeiro as ações deveriam partir dos próprios monitores, enquanto para a segunda, era preciso que o Estado desse abertura e realizasse ações compartilhadas, envolvendo os quilombolas no processo.

5.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS: UM OLHAR EXTERNO

Através das entrevistas realizadas, bem como as observações durante e em período anterior a pesquisa considerou-se ter sido possível entender melhor o envolvimento das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu com o Parque Estadual Caverna do Diabo.

Segundo Claval (2014, p. 197), “Nada é pior do que se encontrar só, perdido num lugar desconhecido [...]. As relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver”. A relação histórica, que se deu muito antes da área do PECD se transformar em unidade de conservação, permitiu a percepção da proximidade dos quilombolas com o principal atrativo do parque, a Caverna do Diabo. A área era utilizada como ponto estratégico para a guarda de alimentos ou como esconderijo (PINTO, 2007) quando essas pessoas ainda eram escravizadas. Muito tempo depois teve início uma relação envolvendo a atividade turística.

Entendeu-se que existem certas preocupações e ressentimentos no que se refere às ações do Estado, abrangendo situações fundiárias, sistema agrícola, atividade turística, entre outras. Acredita-se na necessidade de uma relação pacífica entre as comunidades tradicionais e as áreas protegidas geridas pelo Estado, uma vez que, na maioria dos casos, essas populações tendem a conservar o ambiente natural. Assim, corrobora-se com Diegues (2008b) no entendimento de que o principal objetivo das comunidades tradicionais, ao manejarem os recursos naturais, não é o lucro, e sim a manutenção de suas culturas e da sociedade. Alguns

quilombolas entrevistados observaram uma pequena melhoria nessa relação, mas outros manifestaram acreditar que a situação estava sendo cada vez pior.

Com o término da pesquisa, é possível afirmar que os moradores de Ivaporunduva e Sapatu demonstraram possuir uma ligação com o parque que ia desde o exercício de cargos na unidade de conservação até o desenvolvimento de serviços autônomos. Essa relação com o lugar abrange fatores econômicos, mas também sociais e culturais, sendo caracterizada por valores, percepções e experiências (TUAN, 1983), pois são locais que marcam a vida dessas pessoas. Constatou-se então, que o ecoturismo foi considerado o principal elo entre os quilombolas e o PECD e isso vinha se dando através do serviço de monitoria ambiental desempenhado pela AMAMEL.

Acredita-se, de acordo com os relatos, que as tradições culturais poderiam ser mais abordadas durante as atividades de uso público no parque, inclusive pela comunidade de Ivaporunduva, que já estava se encontrando um pouco mais organizada no processo de desenvolvimento do turismo. Entende-se que essa abordagem permitiria a abertura de um novo conhecimento aos visitantes e simultaneamente traria o sentimento de valorização cultural ao quilombola. Percebeu-se que a atividade turística não seria causadora da descaracterização ou interferência cultural pelo fato da aproximação de grupos distintos, desse modo, corrobora-se com Barth (2000, p. 26) ao afirmar que “[...] as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias”.

Referente a cultura quilombola e o PECD, concorda-se com a fala de alguns dos entrevistados de que o turismo e o fomento das tradições culturais nas comunidades estavam se dando de modo independente da unidade de conservação, mas percebeu-se o desejo de uma parceria em ações que pudessem fortalecer as tradições culturais e ampliar o sentimento de valorização da origem quilombola.

Dentre as manifestações culturais levantadas do decorrer da pesquisa, verificou-se que algumas estavam sendo mantidas mais avivadas do que outras. Verificou-se ainda a viabilidade da utilização do espaço existente no núcleo Caverna do Diabo para a realização de apresentações, em dias de maior movimento, de alguns dos patrimônios, como por exemplo danças e jogos. Acredita-se que esse tipo de ação poderia ampliar o leque de atratividade do parque, além de

possibilitar o despertar de interesse dos mais jovens por suas culturas, ampliando o sentimento de orgulho de suas origens, fazendo assim com que essas tradições não se percam com o passar do tempo.

Detectou-se a possibilidade de apoio para a venda de artesanato e produtos agrícolas oriundos das comunidades, assim, haveria um incentivo para manter as suas formas originais de produção e produzir recursos financeiro para as famílias.

Desse modo, ao se pensar na utilização da unidade de conservação para a apresentação das manifestações, venda de artesanato, entre outros, corrobora-se com Bahl (2004, p. 37), quando o autor cita que os atrativos culturais “são recursos que podem ser utilizados como elemento diferenciador, que vai desde a amostragem de materiais característicos que se salientam nas edificações, o artesanato e as diversas manifestações artísticas até o modo de vida da população”.

Foi possível compreender que o ecoturismo é muito importante para as pessoas que lá desenvolvem suas atividades, mas que se faz necessária uma abrangência muito maior no que diz respeito às comunidades quilombolas, ou seja, outros mecanismos de envolvimento além da AMAMEL.

Apesar de alguns entrevistados apontarem a importância da atividade desenvolvida no parque para o fortalecimento das tradições culturais, entendeu-se que esse não estava sendo o foco principal dos monitores ambientais. Isso ficou claro, principalmente em falas como “o parque gera emprego”, “o turismo sustenta famílias”, “o ecoturismo no parque é importante para o desenvolvimento da comunidade porque gera emprego e renda”.

Em suma, acredita-se como necessária uma maior aproximação entre as partes, ou seja, comunidades e Estado, para que o patrimônio natural seja também utilizado em favor do patrimônio cultural.

6 CONCLUSÃO

Ao finalizar esta dissertação, pôde-se ter a certeza de que os estudos geográficos permitem um maior entendimento acerca de temas envolvendo a atividade turística e suas relações com comunidades tradicionais. Apesar de pautado pela geografia, compreendeu-se também a importância da interdisciplinaridade ao abordar esses mesmos temas, uma vez que os conhecimentos da antropologia, história, sociologia, dentre outros, enriqueceram o desenvolvimento desta pesquisa.

Após cerca de sete anos desenvolvendo atividades profissionais ligadas direta ou indiretamente ao Parque Estadual Caverna do Diabo, com a possibilidade de observação dos quilombolas que exerciam atividades na unidade de conservação, despertou-se o desejo de realização de um trabalho que permitisse uma melhor compreensão da relação entre eles.

Assim, encontrou-se o seguinte problema para o desenvolvimento desta dissertação: O turismo no PECD poderia influenciar para o fortalecimento das tradições culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu? Esse problema foi definido, tendo em vista que há muito tempo os quilombolas residentes nessas localidades atuavam com a atividade turística na unidade de conservação, não ficando clara se as ações desenvolvidas favoreciam ou se havia o interesse de fortalecer suas tradições culturais por meio do turismo.

Compreendendo que os resultados desta dissertação não deveriam ser influenciado pelas opiniões da pesquisadora, mas sim apresentar o olhar e sentimento dos próprios quilombolas, optou-se por uma aproximação com o método fenomenológico para o desenvolvimento desta. Desse modo, foi possível entender um pouco mais sobre os anseios, sentimentos e expectativas das pessoas que conformaram o foco principal da pesquisa.

Para que houvesse a possibilidade da obtenção de êxito no que tange ao problema levantado, bem como a possibilidade de refutar ou confirmar as hipóteses do trabalho, teve-se como objetivo específico para este, analisar as atividades relacionadas ao ecoturismo desenvolvidas pelos monitores da AMAMEL no parque e a relação dessas ações com as tradições culturais quilombola. Este objetivo foi

atingido por meio das entrevistas e observações realizadas junto aos quilombolas que atuavam no PECD, fato que permitiu a conclusão da pesquisa.

O objetivo geral foi alcançado através de ações realizadas e referentes aos objetivos específicos do trabalho. O primeiro deles foi identificar as ações realizadas no PECD que envolvessem as comunidades de Ivaporunduva e Sapatu e influenciassem para o fortalecimento das tradições culturais dessas. Essa identificação foi necessária para que fosse possível compreender que tipos de relações existiam entre o parque e moradores das comunidades. Constatou-se que o serviço de monitoria ambiental constituía a principal relação, mas outras atividades como trabalhos terceirizados, funcionários concursados ou do restaurante também ligavam os residentes das comunidades à unidade de conservação.

O segundo objetivo específico foi constituído por levantar os patrimônios culturais existentes nas comunidades de Ivaporunduva e Sapatu. Esse levantamento aconteceu para que se conhecesse os bens materiais e imateriais desses lugares, pois também são eles os responsáveis pelo interesse dos visitantes em conhecer as comunidades. Observou-se que a comunidade de Ivaporunduva, no que se relaciona ao turismo, atribuiu uma maior conotação aos patrimônios apresentados no capítulo 4, uma vez que possuíam um roteiro pré estabelecido na comunidade para apresentá-los aos visitantes. Em Sapatu, percebeu-se que dentre os patrimônios considerados mais importantes, estava a dança denominada Nhá Maruca, entretanto, tendo em vista a não regularidade de visitantes na comunidade, ela nem sempre era apresentada ao turista.

O terceiro objetivo específico foi identificar a importância da unidade de conservação no cotidiano do quilombolas. Compreendeu-se que a relação entre eles ia além da atividade turística. Isso pôde ser atribuído ao fato de a Fundação Florestal, instituição responsável pela gestão das unidades de conservação do estado de São Paulo, ser vinculada ao governo estadual. Essa relação tem um histórico bastante conturbado, em especial, no que tange a questões fundiárias. Abordando especificamente o PECD, identificou-se que os quilombolas estavam se ressentindo pela falta de diálogo referente ao planejamento do mesmo. Apesar disso, verificou-se que os residentes de Ivaporunduva e Sapatu consideravam a unidade de conservação muito importante, pois nela desenvolviam suas atividades

profissionais, o que refletia nas próprias comunidades, pois o serviço gerava renda para suas famílias.

O quarto objetivo específico buscou avaliar novas alternativas de atividades relacionadas ao ecoturismo no PECD que pudessem auxiliar para o fortalecimento das tradições culturais de Ivaporunduva e Sapatu. Constatou-se que os quilombolas viam o parque como uma oportunidade positiva para fortalecer suas tradições culturais, porém pouco era feito até o momento da pesquisa. Os monitores da AMAMEL que residiam em Ivaporunduva se valiam do serviço que realizavam para apresentar suas tradições e abordar suas culturas, enquanto aqueles que moravam em Sapatu não atuavam da mesma maneira. Apesar disso, observou-se que mesmo os quilombolas de Ivaporunduva não utilizavam todo o potencial da unidade de conservação no que se referia a cultura tradicional quilombola. Verificou-se que, além do serviço de monitoria ambiental, novas ações poderiam acontecer no parque com a intensão de apresentar e fortalecer a cultura dos quilombos. Exemplo do que foi constatado estava na venda de artesanato, que incentivaria os artesãos da comunidade a produzir seus produtos, gerando renda e conseqüentemente incentivando essas pessoas a apresentar o modo original de produção. Outra possibilidade levantada estava na apresentação de manifestações culturais, tais como danças e jogos no núcleo Caverna do Diabo, o que resultaria no incentivo para os mais jovens em dar continuidade a essas manifestações. Um terceiro exemplo se constituiu na oportunidade de venda de produtos agrícolas das comunidades, cuja produção orgânica era realizada nos mesmos moldes dos antepassados. Além dos exemplos citados, a divulgação, na unidade de conservação, do Circuito Quilombola do Vale do Ribeira poderia despertar o interesse dos visitantes do parque em conhecer as comunidades, onde os patrimônios culturais seriam apresentados na íntegra.

Entendeu-se que a realização dessas atividades ampliaria o sentimento de orgulho nos quilombolas, fazendo com que eles se sentissem motivados a apresentar suas culturas. Observa-se que o atendimento dos objetivos desta dissertação se deu em consonância com os sentimentos desses quilombolas, ou seja, expressou-se o desejo dos próprios residentes das comunidades que

entenderam que o PECD poderia se apresentar como um mecanismo para auxiliar no fortalecimento de suas tradições culturais.

Com o alcance dos objetivos da pesquisa, pôde-se confirmar a hipótese de que os monitores da AMAMEL poderiam se utilizar do serviço que desenvolviam no PECD para apresentarem suas tradições culturais. Entendeu-se que os monitores ambientais poderiam, em suas atividades, abordar a história e cultura quilombola, fazendo com que os visitantes da unidade de conservação conhecessem suas origens e paralelamente fizesse com que essa história fosse sempre lembrada e passada para as futuras geração, ampliando o sentimento de orgulho de suas raízes.

Outra hipótese confirmada foi a de que os atrativos turísticos e patrimônios culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu poderiam ser divulgados no PECD. Através dos exemplos expostos no quarto objetivo específico, os atrativos turísticos, bem como patrimônios culturais das comunidades seriam apresentados, possibilitando o despertar de interesse nos visitantes do parque em retornar ao município de Eldorado para conhecer Ivaporunduva e Sapatu.

Entendeu-se então que o problema da presente dissertação foi respondido, uma vez que as ações relacionadas ao ecoturismo no PECD poderiam influenciar de diversas maneiras para o fortalecimento das tradições culturais das comunidades de Ivaporunduva e Sapatu.

Para finalizar, espera-se que a atividade turística, considerada por muitos eldoradenses como única alternativa para o desenvolvimento do município, possa auxiliar os quilombolas a crescer econômica e socialmente, além de propiciar que suas culturas continuem encantando aos visitantes das comunidades e do Parque Estadual Caverna do Diabo, ampliando a cada dia o sentimento de orgulho pelas raízes que possuem.

REFERENCIAS

AGUIAR, H. J. P. **O turismo ecológico como forma de desenvolvimento sócio-econômico do Parque Estadual Caverna do Diabo**. 71 f. Monografia (Especialização em Gestão dos Recursos Naturais) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007.

_____. **Caverna do Diabo (Eldorado/São Paulo/Brasil): Inclusão Social de Comunidades Quilombolas através do Serviço de Monitoria Ambiental**. In. XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2015, Presidente Prudente. Anais do XI Enanpege, Dourados: Editora da UFGD, 2015. p. 3371-3382. Disponível em: <http://goo.gl/CFRNLF>. Acesso em: 20 jan. 2016 às 15h30min.

AGUIAR, H. J. P.; SOUZA, S. do R. de. **Circuito Quilombola (Eldorado-SP): Turismo como mecanismo de fortalecimento do patrimônio cultural**. In. XII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2015, Natal. Anais do Seminário Anptur, 2015. Disponível em: <http://goo.gl/bGe1Pk>. Acesso em: 21 jun 2016 às 14h00.

ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Plenário da Assembleia Legislativa aprova projetos na área do meio ambiente**. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/Vxc8lp>. Acesso em 14 fev. 2017 às 18h00min.

ALMEIDA, A. W. B. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pastos: terras tradicionalmente ocupadas**. 2 ed. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

_____. **Quilombos e as novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ANDRADE, M. C. **Geografia Ciência da Sociedade: Uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANJOS, R. S. A. O Brasil africano de Jorge Amado: territórios, cartografias & fotografias. **Amerika: Mémoires, identités, territoires**, n. 10, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/HkwFr8> Acesso em: 13 fev. 2017 às 12h15min.

ANSARAH, M. G. (Org.). **Turismo. Como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001.

BAHL, M. **Legado Étnico e Oferta Turística**. Curitiba: Juruá, 2004.

BARTH, F. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 7 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Disponível em: <http://goo.gl/pd7GCX>. Acesso em: 11 mai. 2016 às 15h30min

_____. “**Decreto Presidencial 4.887/2003 de 20 de novembro de 2003**”. Disponível em: <http://goo.gl/7cNZjd> Acesso em: 17 jun. 2015 às 22h18min.

_____. “**Decreto Presidencial 6.040 de 07 de Fevereiro de 2007**”. Disponível em: <http://goo.gl/NZuoNT>. Acesso em: 26 out. 2015 às 11h38min.

_____, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais.** Brasília: Ministério do Turismo, 2006a.

_____. **Diretrizes para visitação em unidades de conservação.** Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Diretoria de Áreas Protegidas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006b.

_____. MINISTÉRIO DO TURISMO. Ecoturismo: **Orientações básicas.** 2ed. Brasília, 2010.

_____. _____. **Brasil supera expectativa de estrangeiros.** 2011. Disponível em: <http://goo.gl/kw9SmV> Acesso em 16 mai. 2016 às 16h00min.

_____. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (2015a): “**Comunidades tradicionais – o que são?**”. Disponível em: <http://goo.gl/wg5wHX>. Acesso em: 20 nov. 2015 às 14h35min.

_____. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME 2015b. **Comunidades Quilombolas.** Disponível em: <http://goo.gl/USMYP1>. Acesso em: 03/05/2015 as 18h00min.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CARRIL, L. F. B. **Terra de negros no Vale do Ribeira: Territorialidade e Resistência.** Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. **Quilombo, favelas e periferia: a longa busca pela cidadania.** São Paulo: Editora: Anablume / Fapesp, 2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural: um balanço.** Geografia (Londrina), Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011. Disponível em: <http://goo.gl/Lrugg>. Acesso em: 12 jun. 2015 às 7h25min.

_____. **A geografia cultural**. Tradução Luís Fogazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

CME - Câmara Municipal de Eldorado. **História**. Disponível em: <http://goo.gl/mztQ1v>. Acesso em: 01 fev. 2016 às 11h05min.

CONTI, J. B. Ecoturismo, paisagem e geografia. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.). **Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SILVA, S. B. M. **Uma epistemologia para a Geografia do Turismo**. In X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, Universidade de São Paulo. p. 3597 - 3608. Disponível em: <http://goo.gl/TiY4QZ>. Acesso em: 28 jul. 2016 às 20h15min.

CORRÊA, R. L. Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução. In: CORRÊA, R. L. et al . **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **Reflexões sobre Paradigmas, Geografia e Contemporaneidade**. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 59-65, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/aFrF02>. Acesso em: 12 jul. 2015 às 12h00min.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à Geografia do turismo**. São Paulo: Editora Roca, 2001.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia** 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1992.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIEGUES, A. C. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

_____. O Vale do Ribeira e Litoral de São Paulo: meio-ambiente, história e população. In: SETÚBAL, M. A. (org.) **Terra Paulista: trajetórias contemporâneas**. São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial, 2008a.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008b.

FENNELL, D. A. **Ecoturismo: Uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

GEORGE, P. **Os Métodos da Geografia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

GIACOMINI, R. L. B. **Conflito identidade e territorialização**. Estado e comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira de Iguape-SP. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/R32QB8>. Acesso em: 06 jun. 2016 às 21h15min.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, F. S. Ainda sobre os quilombos: repensando a construção de símbolos de identidade étnica no Brasil. In: REIS, E. P., ALMEIDA, M. H. T.; FRY, P.; (Orgs.) **Política e cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas**, São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1996.

GUSMÃO, N. M. **Da antropologia e do direito**: impasses da questão negra no campo. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu Silva; Guaracira Lopes Louro. 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005

HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia cultural-humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **GEOgraphia**. Niterói (RJ), Universidade Federal Fluminense, ano V, nº 10, 2003, p. 113-123. Disponível em: <http://goo.gl/oenfbO>. Acesso em: 02 jul. 2016 às 8h10min.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Ibama esclarece porque as cavernas de SP foram interditadas**. 2008. Disponível em: <http://goo.gl/XZyzSr>. Acesso em: 16 mai. 2015 às 20h00min.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@ - São Paulo: Eldorado** Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/NWY>. Acesso em: 02 fev. 2016 às 14h40min

ISA - Instituto Socioambiental. **Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira**. São Paulo: ISA, 2013.

ITESP - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo. **Relatório técnico - científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Ivaporunduva, no Vale do Ribeira/ São Paulo**. São Paulo: Itesp, 1998.

_____- _____. **Relatório técnico - científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Sapatu, no Vale do Ribeira/ São Paulo**. São Paulo: Itesp, 2000.

LOPES, H.T; SIQUEIRA, J. J. e NASCIMENTO, B. Negro e cultura negra no Brasil. Rio de Janeiro: Unibrade/Unesco, 1987.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. Ed. Atlas. 1996.

MOREIRA, D. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MURRAY, E. **Motivação e emoção**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

NEVES, W. A.; OKUMURA, M. M. M. **Afinidades biológicas de grupos pré-históricos do vale do rio Ribeira de Iguape (SP): uma análise preliminar**. Revista de Antropologia, São Paulo, v.48, n. 2, 2005. Disponível em: <http://goo.gl/MBNKov>. Acesso em: 29 jan. 2016 às 13h16min.

NITSCHKE, L. B. **O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”, Araucária/PR**. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://goo.gl/2RRog6> Acesso em: 10 jun. 2016 às 19h00

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, nº10, p. 7 – 28, dez. 1993.

O'DWYER, E. C. (org.) **Terra de Quilombo**. Edição Associação Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro, 1995.

OMT. Organização Mundial de Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Report of the World Commission on Environment and Development**, 1987. Disponível em: <http://goo.gl/hq0ITq>. Acesso em: 30 jul. 2016 às 18h20min.

PÁDUA, L. C. T. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. 206f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/DGv3jz> Acesso em: 13 abr. 2016 às 18h20min.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

PINTO, M. A. M. **Eldorado: 250 anos de História**. Iguape: Sosset, 2007.

PINTO, C. M. A teoria fundamentada como método de pesquisa para ambientes virtuais de aprendizagem. **Caminhos em linguística aplicada**, v. 7, N 2, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/Q4b9UF> Acesso em: 15 jan. 2017 às 15h25min.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J. et al (org.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PME - Prefeitura Municipal da Estância Turística de Eldorado. **Conheça Eldorado**. Disponível em: <http://goo.gl/Zq9J83>. Acesso em: 01 fev. 2016 às 14h38min.

QUILOMBOS DO RIBEIRA. Comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/wEqu56> Acesso em: 29 jul. 2016.

RBMA - Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. **Mosaico das unidades de conservação do Jacupiranga**. Org. Clayton F. Lino. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2009.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. Uma História da Liberdade. In: REIS, J. J.; GOMES, F. S. (Orgs). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROCHA, L. B.; ALMEIDA, M. G. **Cultura, mundo-vivido e território**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005. Disponível em: <https://goo.gl/cp0Wxt>. Acesso em: 28 jul. 2016 às 15h20min.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, S. Herdeiros de Zumbi: olhando o futuro, sem esquecer o passado. In: ANDRADE, T. (Coord.) **Quilombos em São Paulo: Tradições, direitos e lutas**. São Paulo: IMESP, pp. 73-80, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Da cultura à indústria cultural**. Folha Online, 2000. Disponível em: <http://goo.gl/ERhCg2> . Acesso em 12 mai. 2015 às 22h30min.

_____. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SÃO PAULO. **Lei nº 28, de 10/03/1842**. Disponível em: Acesso em: <http://goo.gl/pn8MZA> 18 mar. 2016 às 14h25min.

SÃO PAULO. SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. FUNDAÇÃO FLORESTAL. **Plano de Manejo Espeleológico Caverna do Diabo - Resumo Executivo**. São Paulo: 2010.

_____. _____. _____. **Parque Estadual Caverna do Diabo**. Disponível em: <http://goo.gl/6nOO00>. Acesso em: 23 jun. 2016 às 17h00min.

_____. Portal do Governo do Estado de São Paulo. **SP reconhece mais uma comunidade quilombola no Vale do Ribeira - 22nov2015**. Disponível em: <http://goo.gl/mYwRsd>. Acesso em: 20/06/2016 às 14h45min.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de Quilombo: identidade e Território nas definições teóricas. **In Revista Ambiente e Sociedade**, n. 10, Jan/ Jun. 2002, pp. 1-8. Disponível em: <http://goo.gl/ZV1IGm> Acesso em: 17 nov. 2015 às 13h04min.

SILVA, E. A. **A Educação Diferenciada Para O Fortalecimento Da Identidade Quilombola**: Estudo Das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Vale do Ribeira. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/YO4QAf> Acesso em: 19 out. 2015 às 15h00min.

SILVA, C. H. **Quilombolas Paranaenses Contemporâneos**: Uma identidade territorial agenciada? Uma análise a partir do exemplo de Adrianópolis no Vale do Ribeira Paranaense. 268f. Tese (Doutorado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/HOaY7a> Acesso em: 15 jan. 2016.

SOS MATA ATLÂNTICA. **Atlas da Mata Atlântica mostra situação do desmatamento em São Paulo**. Disponível em: <https://goo.gl/Ok15aL>. Acesso em: 07 jun. 2016 às 14h58min.

SOUSA, L. F. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia**: uma relação humanista com o rio. 272f. Tese (Doutorado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/IRjPBB> Acesso em: 15 jun. 2016 às 17h25min.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável**: Turismo Cultura, Ecoturismo e Ética. Tradução de: Saulo Krieger. 2ª. ed. São Paulo: Aleph, 2002.
THIRY-CHERQUES, H. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista brasileira de pesquisa em marketing, opinião e mídia**, n. 3, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/qVKCOu> Acesso em: 15 jan. 2017 às 10h30min

TODESCO, C. **Estado e terceiro setor na organização do espaço para o turismo no Vale do Ribeira**. 207f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://goo.gl/Ar2W1y> Acesso em: 13 jan. 2016 às 12h20min.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNESCO. **Patrimônio Cultural no Brasil**. Disponível em: <http://goo.gl/IEmM5k> Acesso em: 03 mai. 2015 às 17h40min.

VIEIRA, V. B. **A gestão pública municipal no desenvolvimento do turismo nas áreas legalmente protegidas de Joinville (SC)**. 174f. Dissertação de Mestrado (Geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/vx2Sl4> Acesso em: 13 fev. 2016 às 23h15min.

WHYTE, W. F. **Sociedade da esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

YAZIGI, Eduardo. **A alma do lugar** – turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001

ZANATTA, B. A. **A Abordagem Cultural na Geografia**. *Temporis [ação]*, v. 1, n. 9, p. 224-235, 2008. Disponível em: <http://goo.gl/XjqVFm>. Acesso em: 10 jul. 2015 às 9h10min.